

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

Daniel Weigert Cavagnari

**FORMAÇÃO E TRABALHO DO PROFESSOR-TUTOR NO TELEDUC:
AUTONOMIA E/OU HETERONOMIA**

CURITIBA

2010

**FORMAÇÃO E TRABALHO DO PROFESSOR-TUTOR NO TELEDUC:
AUTONOMIA E/OU HETERONOMIA**

CURITIBA

2010

Daniel Weigert Cavagnari

**FORMAÇÃO E TRABALHO DO PROFESSOR-TUTOR NO TELEDUC:
AUTONOMIA E/OU HETERONOMIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Educação, linha de pesquisa em Políticas Públicas e Gestão da Educação, Turma 2006, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Maria de Fátima Rodrigues Pereira

CURITIBA

2010

TERMO DE APROVAÇÃO

Daniel Weigert Cavagnari

FORMAÇÃO E TRABALHO DO PROFESSOR-TUTOR NO TELEDUC: AUTONOMIA E/OU HETERONOMIA

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de Mestre em Educação no Programa de Mestrado em Educação, linha de pesquisa em Políticas Públicas e Gestão da Educação da Universidade Tuiuti do Paraná.

Curitiba, 27 de Abril de 2010.

Naura Syria Carapeto Ferreira (Coordenadora)

Mestrado em Educação - Políticas Públicas e Gestão da Educação (PPGEd)

Universidade Tuiuti do Paraná

Orientador: Prof. Dra. Maria de Fátima Rodrigues Pereira
Universidade Tuiuti do Paraná

Prof. Dra. Glaucia da Silva Brito
Universidade Federal do Paraná

Prof. Dra. Adriana de Fátima Franco
Universidade Tuiuti do Paraná

DEDICATÓRIA

Até o curso de mestrado não me lembro de ter colocado questões referentes à maneira e aos porquês da educação. Também, nunca havia me questionado acerca do meu próprio aprendizado. Lembro-me da minha formação como indivíduo, como cidadão, desde meus tempos de criança, quando recebia as instruções do que era certo ou errado, de meus pais e até de professores pré-escolares. De fato, os questionamentos sobre processos da minha formação como pessoa e como professor e em geral, são recentes. Apesar disto, sempre imaginei que um dia seria tal pessoa, formada e de cognição completa. Não havia percebido que este dia jamais chegaria, pois até hoje, nos momentos em que estou com minha família, mulher, pais, irmãos, amigos e orientadora, percebo que sempre estou aprendendo algo.

Percebi que podemos ser autônomos nas leituras e no aprendizado de determinado processo, mas nunca totalmente autônomos na nossa formação, seja ela profissional ou pessoal.

Pensava em terminar este trabalho, quando percebi que ele não tem fim, pois é apenas parte de uma continuidade. Percebi isso em cada parágrafo que "concluía" e que recebia de volta da minha orientadora colorido e cheio de questionamentos, me fazendo buscar mais e mais até que realmente se esgotassem as possibilidades contrárias. Uma parte está sim concluída, mas esta me orienta a uma continuidade, a novas buscas futuramente.

Percebi também neste longo caminho que essa estrada do conhecimento não tem fim, mas sim, uma finalidade: A minha constante formação e minha capacidade de aprender cada vez mais e também de ensinar. Quanto mais eu aprendo, mais posso contribuir para a formação de outros indivíduos.

Por isso, dedico este trabalho a todos que fizeram parte da minha formação, não só acadêmica, mas como pessoa. Dedico à minha Carla, mulher de tantos carinhos e compreensões. Dedico à minha família, pais e irmãos pela inteligência e pelo ser que sou. Dedico à minha orientadora, que acreditou em mim e transferiu sua força para minha dedicação. Dedico aos meus amigos, colegas, professores e coordenadora do programa, que participaram e de uma forma ou de outra permitiram que eu chegassem até aqui.

Dedico a Deus, que está presente em todas as pessoas que mencionei aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que fizeram parte do processo da minha formação, direta ou indiretamente, como esposa, irmãos, amigos, colegas de trabalho e de mestrado, professores do programa e coordenação.

Agradeço à minha esposa pela paciência, carinho e compreensão. Aos meus parentes e amigos pelo apoio e credibilidade.

Agradeço à coordenação do Mestrado pelo voto depositado, pela experiência e principalmente pela qualidade do curso.

Agradeço à minha orientadora Professora Dra. Maria de Fátima pela qualidade da sua orientação e acima de tudo pela sua grandeza como ser humano, pessoa fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, emprestando seus vastos conhecimentos e seu carisma e tornando minha visão teórica mais ampla, dentro desta área tão abrangente que é a educação.

Agradeço ao Prof. Ms. Wilson Mendes do Valle, pela cognição sempre disposta, também pela sua amizade de tantos anos e pelo apoio constante na minha formação, acadêmica e profissional, ao qual pretendo retribuir com muita satisfação.

EPÍGRAFE

"Há conceitos que, por sua pouca maturidade ou grande dependência com outros já dominantes, demoram muito a firmar-se a partir de suas próprias características. Com a educação a distância aconteceu assim. Primeiro conceituou-se, também por ser mais simples e direto, o que não seria educação a distância. Somente a partir das pesquisas dos anos 70 e 80, ela foi vista pelo que é, ou seja, a partir das características que a determinam ou por seus elementos constitutivos". (NUNES, 1993) (Revista Educação a Distância. Nrs. 4/5, Dez./93-Abr/94. Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância, pp. 7-25).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CONTEXTO HISTÓRICO E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	29
2.1. INTERNET, EXPANSÃO TECNOLÓGICA E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL	35
3. AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM TELEDUC.....	45
3.1. AMBIENTE VIRTUAL TELEDUC	46
3.1.1. Ferramentas do AVA Teleduc.....	49
4. TUTORIA NO TELEDUC	65
4.1. O PROFESSOR-TUTOR SEGUNDO A CEAD-IES_EAD.....	65
4.2. TUTORIA NO TELEDUC - RESULTADOS DA PESQUISA.....	70
4.2.1. Questionário de pesquisa	70
4.2.2. Transcrição dos resultados da pesquisa	73
4.2.3. Análise dos Resultados da Pesquisa.....	79
5. FORMAÇÃO DO PROFESSOR-TUTOR.....	86
5.1. TRABALHO DO TUTOR.....	86
5.1.1. Formação do Docente.....	86
5.2. EXPERIÊNCIA COMO DOCENTE.....	87
5.3. PLANEJAMENTO DAS AULAS A DISTÂNCIA, EXPERIÊNCIA COM ENSINO PRESENCIAL	89
5.4. EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM AMBIENTES VIRTUAIS.....	93
5.5. AUTONOMIA DOS PROFESSORES-TUTORES E ALUNOS.....	95
5.6. ORGANIZAÇÃO E DISPÊNDIO DE TEMPO, DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS	98
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	105
GLOSSÁRIO	110
APÊNDICE I	114
APÊNDICE II	116
ANEXO I	122
ANEXO II	124

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1: HISTÓRIA DA REDE MUNDIAL (INTERNET)	36
QUADRO 2: RESUMO DO USO DAS FERRAMENTAS DO TELEDUC.....	60
QUADRO 3: APLICAÇÃO DE UM PLANO DE ENSINO COM AS FERRAMENTAS DO TELEDUC, COMPARADO COM O ENSINO PRESENCIAL	62
QUADRO 4: ACEITAÇÃO SEM PORMENORES, FACILIDADE DE PESQUISA, DIFICULDADES PEDAGÓGICAS, POUCA AUTONOMIA.....	77
TABELA 1: NÚMERO DE ALUNOS E ACEITAÇÃO DO AVA	75
TABELA 2: NÚMERO DE ALUNOS E DIFICULDADES DOS ALUNOS	76

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

GRÁFICO 1: EVOLUÇÃO DE PREÇOS DO MICRO PADRÃO – VALORES EM DÓLAR.....	41
FIGURA 1: LAY-OUT DO AMBIENTE DE EAD - TELEDUC VERSÃO 3.3.7	47
FIGURA 2: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ATIVIDADES" NO TELEDUC - IES_EAD - VISÃO DO PROFESSOR-TUTOR	51
FIGURA 3: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ATIVIDADES" NO TELEDUC - IES_EAD - VISÃO DO ALUNO.....	52
FIGURA 4: LAY-OUT DA FERRAMENTA "MATERIAL DE APOIO" NO TELEDUC - IES_EAD - VISÃO DO ALUNO	53
FIGURA 5: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ACESSOS" NO TELEDUC - IES_EAD - DATAS E HORÁRIO DE ACESSO PELA ÚLTIMA VEZ..	57
FIGURA 6: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ACESSOS" NO TELEDUC - IES_EAD - DETALHES DE UMA DETERMINADA DATA E OS HORÁRIOS DE ACESSO EM CADA FERRAMENTA	58
FIGURA 7: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ACESSOS" NO TELEDUC - IES_EAD - DETALHES DE UMA DETERMINADA DATA E OS HORÁRIOS DE ACESSO EM CADA FERRAMENTA.....	58

RESUMO

Apresenta-se nesta dissertação a pesquisa a respeito da formação e do trabalho do professor-tutor no ambiente virtual de aprendizagem Teleduc. Tem-se como objetivo analisar a formação e trabalho do professor-tutor, entendendo que estamos face a uma prática particular, autônoma pela prática profissional ou heterônoma pela imposição e limitação de ferramentas que orientam a prática. Discute questões relacionadas à formação do professor-tutor, sua autonomia e/ou heteronomia perante aulas a distância via internet e com ferramentas pré-definidas para mediação textual. Esse trabalho visa contribuir com os estudos sobre ensino-aprendizagem a distância que se expande nas IES públicas e privadas brasileiras, sobretudo, da última década para cá. Recorreu-se a entrevistas e questionários para a coleta de dados que nos possibilitaram analisar a formação e trabalho do professor-tutor e ao estudo de caso por se compreender que o lócus de pesquisa era suficientemente representativo para que possamos fazer inferências. O texto encontra-se organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo tratamos da conjuntura histórica da década de 1990, quando no contexto da reestruturação produtiva e dos ajustes neoliberais as novas tecnologias de informação tomam acento, de vez, na educação formal e nos aparece o Teleduc. No segundo capítulo descrevemos o Teleduc. No terceiro capítulo o professor-tutor no AVA Teleduc e, no quarto capítulo, a formação e o trabalho do professor-tutor para o desenvolvimento das duas problemáticas que nos colocamos: a formação e o trabalho do professor-tutor pauta-se pela autonomia? E, ou, pela heteronomia? A relevância do estudo se dá pela necessidade de compreensão da formação do professor e tutor em ambientes virtuais de aprendizagem na educação a distância.

Palavras-chave: Educação a distância, professor-tutor, Teleduc, autonomia, heteronomia.

ABSTRACT

It is presented in this dissertation research about the formation and work of the teacher-tutor in virtual learning environment Teleduc. One has to analyze the formation and work of the teacher-tutor, understanding that we are faced with a private practice, autonomous or heteronomous professional practice by imposing restrictions and tools to guide practice. Discusses issues related to training of teacher-tutor, their autonomy and / or heteronomy before classes at a distance via the Internet and tools with pre-defined textual mediation. This work aims to contribute to studies on teaching and distance learning that expands public and private HEIs in Brazil, especially the past decade here. Resorted to interviews and questionnaires to collect data that enabled us to analyze the formation and work of the teacher-tutor and the case study for understanding the locus of research was sufficiently representative so we can make inferences. The text is organized into four chapters. The first chapter dealt with the historical conjuncture of the 1990s, when the context of productive restructuring and neoliberal adjustments to new information technologies make accent, once formal education and appears Teleduc. The second chapter describes the Teleduc. In the third chapter in the teacher-tutor AVA Teleduc and in the fourth chapter, training and work of the teacher-tutor for the unveiling of two problems that we place: the formation and work of the teacher-tutor is guided by autonomy? And, or, by heteronomy? The relevance of the study is by the need for understanding of teacher and tutor in virtual learning environments in distance education.

Keywords: Distance education, teacher-tutor, Teleduc, autonomy and heteronomy.

1. INTRODUÇÃO

Ao deixar definitivamente a profissão de analista de sistemas, da qual vivi por longos 15 anos, com muita dedicação ao trabalho e prazer, e ao concluir minha graduação em ciências econômicas tive novas oportunidades locais de trabalho e de aprimoramento. Neste mesmo período iniciei uma pós-graduação em administração em uma instituição localizada em outro estado. Era uma oportunidade, pois seria através de uma modalidade de ensino, via internet e aparentemente mais conveniente, pois não precisaria deixar meu novo emprego para me especializar. Essa modalidade de ensino, intitulada de semi-presencial, era feita da seguinte forma: trinta porcento das aulas seriam presenciais e setenta porcento a distância. Apesar de ser a primeira vez que eu faria um curso em grande parte a distância, fiquei um pouco inseguro quanto à qualidade do ensino.

Sou do tempo em que ensino à distância era feito por telecurso (supletivo através da TV e de apostilas adquiridas nas bancas) e dos anúncios dos cursos profissionalizantes do Instituto Universal nas revistas. Nunca tinha feito um curso como esses, pois não conseguia acreditar que me assegurassem o aprendizado, apesar da aparente qualidade dos materiais e também pela minha inexperiência nesta modalidade. Um pré-julgamento confesso, ou melhor, um receio de aceitar um possível risco.

Confesso ainda que, apesar do meu preconceito, só aceitei fazer a pós-graduação a distância por se tratar de uma instituição de ensino muito bem conceituada, principalmente na modalidade presencial.

A experiência que tive com os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) foi uma surpresa. Não imaginava que teria que estudar e me dedicar tanto aos trabalhos. Comparando com as aulas presenciais, que tive na mesma instituição, e com a mesma carga horária, a dedicação era bem maior, caso contrário não conseguiria atingir os objetivos propostos de cada disciplina.

Quando terminei o curso percebi que meu aproveitamento, e de muitos colegas, foi grande. Não era apenas o ambiente virtual ou simplesmente o conteúdo das disciplinas que fizeram a diferença, e sim, o método usado para interação dos professores-tutores e dos alunos, bem como toda a organização do curso. Como era o primeiro curso oficial oferecido pela instituição, eu e muitos colegas participamos ativamente dos ajustes nos métodos de gestão do ambiente e da própria interação. Tamanho foi meu envolvimento, que dois meses depois que terminei o curso fui convidado pela diretoria para integrar o quadro de professores-tutores, no qual permaneço e ativo, administrando disciplinas à distância.

Quando iniciei o curso preparatório de tutores para ministrar as aulas no ambiente virtual de aprendizagem, na mesma época passei a integrar o quadro da equipe técnica de outra instituição, Coordenadoria de Ensino a Distância (CEAD), com a função principal de orientar professores para o uso dos ambientes virtuais.

Desde o tempo em que iniciei na educação a distância, quando aluno, e depois quando professor-tutor, muitas outras instituições de ensino superior (IES) passaram a adotar essa modalidade. E muitas dessas IES vêm utilizando a tecnologia como principal meio de “disseminação” do conhecimento, tendo em vista a aparente facilidade que ela propicia por meio das tecnologias de informação e comunicação. Ou seja, aparentemente o docente seria o transmissor de “dados” e o aluno o receptor do conhecimento. Mencionar tais palavras como “transmissor” e

“receptor” no processo de ensino e aprendizado pode parecer uma banalização.

Ainda, tratar os conhecimentos de docentes simplesmente como “dados” não é nenhum avanço da educação e sequer da tecnologia. Esta questão problemática nos faz pensar em educação a distância com o uso de tecnologias não simplesmente como mercadorias de transmissão de “conhecimento”, mas como meio de disseminar a riqueza mais nobre e original do ser humano e fundamental para o progresso humano, o conhecimento.

Antes de iniciarmos esta dissertação, suscitada pelas interrogações decorrentes da minha própria experiência e acompanhamento de outros professores-tutores, passei a pensar na educação como um todo e a me questionar até que ponto a tecnologia influenciaria na condução do docente em suas aulas, via ambientes virtuais de aprendizagem. Buscava uma formação mais sólida. Mas a questão era, meu trabalho e formação seriam pela autonomia, pela heteronomia, ou ambas? Por conta disto, empreendemos o trabalho que segue.

O presente estudo busca analisar a formação e trabalho do professor-tutor no ambiente virtual de aprendizagem Teleduc. Tem como objetivo contribuir com os estudos sobre ensino-aprendizagem a distância que se expande nas IES públicas e privadas brasileiras, sobretudo, da última década para cá.

Os estudos de ensino-aprendizagem a distância concorrem com um campo amplo – o da educação a distância.

A educação a distância é exercida desde sempre pelos humanos na sua necessidade de se comunicarem e intercambiarem informações, produtos.

A educação a distância não surgiu do vácuo (KEEGAN, 1991, p.11), tem uma longa história de experimentações, sucessos e fracassos. Sua origem recente, já longe das cartas de Platão e das epístolas de São Paulo, está nas experiências de educação por correspondência iniciadas no século

XVIII e com largo desenvolvimento a partir de meados do século XIX (chegando aos dias de hoje a utilizar multimeios que vão desde os impressos a simuladores on-line, em redes de computadores, avançando em direção da comunicação instantânea de dados voz e imagens via satélite ou por cabos de fibra ótica, com aplicação de formas de grande interação entre o aluno e o centro produtor, quer utilizando-se de inteligência artificial – IA, ou mesmo de comunicação instantânea com professores e monitores (*apud* NUNES, 1994, p. 1-2)

Quando hoje falamos do ensino-aprendizagem a distância, logo vêm à nossa mente vídeo-conferências, aulas por internet em que a comunicação é feita através de sistemas e programas computacionais. Considera-se que o ensino-aprendizagem a distância implica que professores e estudantes estejam em espaços e tempos diferentes e o que os aproxima são os recursos tecnológicos, as novas TICs.

Também se observa que o ensino-aprendizagem a distância já está presente e instalado em grande parte das IES brasileiras, sejam elas públicas, privadas, Universidades, Institutos e Faculdades.

Entre professores, gestores, alunos e a sociedade em geral, há desconfianças sobre o trabalho e os resultados do ensino e da aprendizagem a distância. Há também fortes apoios e defesas. As desconfianças e os apoios suscitam críticas e problemáticas. Problemáticas são algo que sabemos que existe, mas, ainda não sabemos esclarecer, explicar.

O ensino-aprendizagem constituem-se, portanto, fenômenos, práticas educativas que nos provocam a esclarecê-las.

Os fenômenos (neste caso de ensino-aprendizagem a distância) são práticas humanas que ao mesmo tempo revelam e escondem a sua essência. A essência dos fenômenos não se manifesta diretamente. Para que possamos nos elevar do nível fenomênico caracterizado pela pseudo concreticidade e captar a

verdadeira concreticidade (KOSIK, 1976), necessitamos da pesquisa sistematizada, da ciência e da filosofia que nos permitam explicitar, sistematizar, articular, de maneira a superarmos o senso comum que se caracteriza por ser desarticulado, implícito, incoerente, fragmentado:

Como a essência – ao contrário dos fenômenos – não se manifesta diretamente, e desde que o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante atividade peculiar tem de existir a ciência e a filosofia. Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis (KOSIK, 1976, p. 13).

Desta maneira, chegamos a explicar o que precisamos desvelar do ensino-aprendizagem a distância.

Sabemos que não existe ensino sem aprendizagem. Entretanto, tratamos, nesta pesquisa, da formação e do trabalho do professor-tutor com o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Teleduc, em uma instituição de ensino superior, aplicado à uma disciplina em cursos de graduação, aqui denominada IES_EAD.

No AVA Teleduc, o professor é chamado de professor-tutor.

Com o Teleduc é feita a educação a distância na IES_EAD.

O Teleduc não apareceu naturalmente, é uma produção humana e, portanto, histórica. Efetivamente, o AVA Teleduc resultou de um projeto originário de pesquisas efetuadas pelo NIED (Núcleo de Informática Aplicada à Educação) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) desde 1996. É parte integrante da pesquisa e dissertação de mestrado "Formação a Distância de Recursos Humanos para Informática Educativa" de Alessandra de Dutra e Cerceau (1998). Tem a característica de estar em constante desenvolvimento técnico, levado a cabo pelo NIED em parceria com o Instituto de Computação da Unicamp. Desde 1998 o NIED realiza cursos com o Teleduc, é disponibilizado gratuitamente para servir de suporte ao ensino-aprendizagem a distância.

O Teleduc é um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) que dá suporte à aulas ministradas a distância, utilizado em cursos de graduação, pós-graduação e extensão, totalmente a distância ou e semipresenciais, através da internet. Hoje o Teleduc é utilizado por mais de 50 instituições de ensino no Brasil.

Recorreu-se ao estudo de caso para melhor analisarmos e explicitarmos a formação e o trabalho do professor-tutor que trabalha com o Teleduc.

De acordo com Severino (2007), o estudo de caso é:

Pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências. Os dados coletados da pesquisa devem ser registrados com rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo. Devem ser trabalhados e apresentados qualitativamente, mediante análise precisa e rigorosa. (SEVERINO, p. 121, 2007).

Para coleta de dados ao estudo proposto, recorremos a entrevistas e questionários para melhor darmos conta da pesquisa.

As entrevistas, conforme Severino,

São técnicas de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (Idem, p. 124).

As entrevistas não diretivas tem o foco principal nas questões apresentadas, mas sem a impessoalidade do questionário, são menos estruturadas do que aqueles, ou seja, permitem a coleta de informações dos sujeitos a partir do discurso livre, mantendo o entrevistador a escuta atenta para ajustar as questões que possam sugerir mais questionamentos ao sujeito (SEVERINO, 2007, p.125).

As entrevistas realizadas para investigarmos a formação e o trabalho do professor-tutor no Teleduc foram centrais e possibilitaram considerar:

- a formação do docente;
- a experiência como docente;
- o planejamento das aulas a distância, experiência com ensino presencial;
- a experiência de trabalho com o Teleduc;
- a autonomia dos professores-tutores e alunos;
- a organização e dispêndio de tempo, dificuldades de professores e ainda afloraram dificuldades de alunos.

As entrevistas (roteiro base das entrevistas consta do Apêndice I) foram realizadas entre setembro e novembro de 2008 com professores-tutores indicados pela CEAD-IES_EAD (Coordenadoria de Ensino a Distância) e apontados como docentes criativos na forma como aplicam suas aulas através do Teleduc. (Transcrição dessas entrevistas vide Apêndice II).

Além das entrevistas, foram aplicados questionários (Anexo I), como já dito, a professores-tutores e alunos, com o objetivo de coletar informações referentes a formação e o trabalho do professor-tutor da disciplina de metodologia científica, a primeira disciplina ofertada, oficialmente, totalmente a distância com o AVA Teleduc pela IES_EAD, no ano de 2009.

Segundo Severino, questionário é

[...] conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas.

Podem ser questões fechadas ou questões abertas. No primeiro caso, as respostas serão colhidas dentre as opções pré-definidas pelo pesquisador; no segundo, o sujeito pode elaborar as respostas, com suas próprias palavras, a partir de sua elaboração pessoal.

De modo geral, o questionário deve ser previamente testado (pré-teste), mediante sua aplicação a um grupo pequeno, antes de sua aplicação ao conjunto dos sujeitos a que se destina, o que permite ao pesquisador avaliar e, se for o caso, revisá-lo e ajustá-lo (2007, p.125 e 126).

Os questionários seguiram critérios conforme apontados, com maior objetividade e ênfase no que queremos saber: formação e trabalho do professor-tutor que atua com o Teleduc.

Focamos nossa atenção na formação e trabalho do professor-tutor que ministra e administra o Teleduc na IES_EAD por entendermos estarmos face a uma prática particular, significativa e representativa que nos permite contribuir para os estudos da educação a distância, mormente, a respeito da formação e do trabalho do professor-tutor.

A palavra tutor etimologicamente vem do latim *tutore*, significa guarda ou autoridade que se confere a alguém para administrar os bens e dirigir e proteger outra pessoa. *Tutore/tutor*, substantivo masculino que significa protetor, defensor, pessoa legalmente encarregada de tutelar alguém, vara ou estaca com que se ampara um vegetal (AURÉLIO, 2009). Este último significado semântico derivado das práticas agrícolas. No campo do direito tem a ver com a prática de tutela, encargo legal para velar pela pessoa ou bens de um menor ou interdito; tutoria; proteção; amparo; dependência; defesa; dependência; ou sujeição. Sobressai, assim, de um lado o caráter de amparo, de proteção, de outro o de sujeição, dependência, de interdito a algo. Portanto, a palavra tutor vem do campo da agricultura e do direito e implica uma relação de proteção a alguém que não tem autonomia para ir por si.

Como dito, é certo que a etimologia da palavra tutor vem do campo jurídico, descrito no dicionário como o indivíduo encarregado legalmente de tutelar alguém; indivíduo que por lei ou por testamento administra os bens, dirige, protege ou representa um menor (AURÉLIO, 2009); mas usaremos o termo da forma como é empregado na educação a distância, ou seja, denominação usada ao professor e

educador que opera em ambientes virtuais de aprendizagem. Talvez outras formas conhecidas de se dirigir aos docentes pareçam mais plausíveis, como: formador (NIED - Teleduc), preceptor, instrutor, entre outros, usaremos para todas essas denominações o termo professor-tutor simplesmente, por ser assim empregue no trabalho com o AVA Teleduc na IES_EAD.

Tutor não é, como se vê, uma palavra hoje já instalada no campo da educação, que foi apropriada do campo jurídico e tem a ver com autonomia e heteronomia.

Autonomia deriva da palavra grega *autonomía*, significa direito ou faculdade de se governar; independência, liberdade moral ou intelectual (AURÉLIO, 2009).

O filósofo Emanuel Kant introduziu o termo no pensar filosófico “para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria. Que é a da razão” (ABBAGNANO, 2007, p.111).

Para Kant autonomia implica liberdade e razão, implica superação do determinismo da natureza, implica considerar o que realmente "emana de mim" o que é produzido pela razão. A autonomia exige que se viva de acordo com princípios. Kant operou uma superação do determinismo da natureza, porque segundo o seu pressuposto de homem enquanto ser racional, este pauta-se pela lei racional que ele próprio formula. Ao homem enquanto ser racional lhe pertence a autonomia, o de ser livre, o de se autodeterminar.

Para Kant a natureza racional é a única coisa que existe como um fim em si mesmo. Esse caráter racional confere ao homem dignidade, todas as outras coisas têm um preço, mas o homem possui dignidade. O homem, como ser racional, possui

valor absoluto e não pode jamais ser tratado como meio, o que podemos ver em uma das formulações de Kant ao imperativo categórico: "Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio" (KANT, 1974, p. 229). Kant elabora a partir de princípios (ZATTI, 2007).

"Kant contrapõe a autonomia à heteronomia, em que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejo" (*Idem*).

Paulo Freire na sua obra Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa nos alerta:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo (FREIRE, 1996, p. 20).

Isso significa que o processo de ensinar exige risco, aceitação do novo. Aceitar o novo não significa simplesmente utilizá-lo, mas conhecê-lo bem antes de ensinar. Exige prática pedagógica para se criarem novas ferramentas de ensino e não refutar o que parece novo ou "diferente", como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem por exemplo.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 1996, p. 27)

Ensinar não é transferir conhecimento. Não basta utilizar materiais pedagógicos e ferramentas virtuais prontas e simplesmente “transféri-los” aos

discentes de forma rápida e prática simplesmente. É preciso reavaliar o uso deste material pedagógico e testá-lo nas novas formas (ou meios) deste processo. Ao docente cabe colocar-se na situação do aluno e avaliar de que forma receberá essa informação e se esses novos meios são suficientes para ajudá-lo a dar continuidade neste processo.

Se o docente apenas aplica o mesmo material pedagógico que utilizava antes presencialmente, a distância, o mesmo conteúdo, mas por outros meios, deve ter consciência de que poderá estar apenas “transmitindo” um conteúdo pronto, como uma “receita de bolo”. Neste caso, o resultado será mesmo o de “transferir” o conhecimento, da mesma forma como transferimos dinheiro de uma conta bancária para outra, ou seja, da maneira que sai da sua origem chega ao destino igualmente, sem qualquer mudança ou avanço.

Então, Paulo Freire entende que o discente que percebe suas ações no processo de ensino-aprendizado, percebe a liberdade, a autonomia e assim assume a responsabilidade pelos seus estudos. O aluno passa a perceber que não é possível viver a ética sem que se tenha liberdade e não há liberdade sem risco. Para aprender é preciso assumir o risco e buscar o conhecimento constantemente. O aluno que percebe que o aprendizado é algo contínuo, ou seja, algo do que jamais nos saciaremos, assume a autonomia necessária para continuidade na sua formação.

Ao professor, autoridade democrática, cabe estar além dos seus protocolos elaborados para a disciplina e demonstrar ao aluno que aquele ministrado em seu material pedagógico é apenas o princípio da sua formação. Deve ser, além de autoridade da sua disciplina, democrático e generoso no conteúdo que será apresentado ao aluno. Deve sugerir a liberdade necessária ao discente, parte

importante para a formação de sujeitos emancipados, autônomos, sem seus raciocínios e escolhas enquanto professor.

Estaremos nós perante uma formação para a autonomia, na formação e trabalho dos tutores-professores?

A autoridade coerentemente democrática, mais ainda, que reconhece a eticidade de nossa presença, a das mulheres e dos homens, no mundo, reconhece, também e necessariamente, que não se vive a eticidade sem liberdade e não se tem liberdade sem risco. O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, preciso correr o risco. Não se rompe como quem toma um suco de pitanga numa praia tropical. Mas, por outro lado a autoridade coerentemente democrática jamais se omite.

Se recusa, de um lado, silenciar a liberdade dos educandos, rejeita, de outro, a sua supressão do processo de construção de boa disciplina.

Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindo de fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua autonomia. É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o espaço antes habitado por sua dependência. Sua autonomia que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida.

O papel da autoridade democrática não é, transformando a existência humana num calendário escolar tradicional, marcar as lições de vida para as liberdades, mas, mesmo quando tem um conteúdo programático a propor, deixar claro, com seu testemunho, que o fundamental no aprendizado do conteúdo é a construção da responsabilidade da liberdade que se assume (FREIRE, 1996, p. 57-58).

Ainda segundo Freire, para que o professor possa ser reconhecido na sua autoridade, é necessário que tenha segurança da sua competência. Ao professor cabe estudar e continuamente se formar para que possa estar a altura do seu trabalho de formação de homens e mulheres. Deve ter força moral para coordenar suas atividades docentes. Não é simplesmente força demonstrada pela sua competência científica, mas sim, a práxis combinada à cognição.

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estuda, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do

professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores cientificamente preparados mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor (FREIRE, 1996, p. 56)

O conhecimento deve ser adquirido não mais através de seus produtos, mas de seus processos, implica escolha, autonomia e não heteronomia (SEVERINO, 2007, p. 25).

Por formação do professor-tutor entendemos o domínio da formação técnica e política, ou seja: o domínio dos conteúdos, métodos, estratégias, mas também o domínio da cultura para a vida política em formações sociais com diferentes projetos históricos. Entende-se, portanto, que um professor que ministra aulas da disciplina de economia é graduado e/ou pós-graduado em economia, aprimorando-se constantemente no conteúdo e nos métodos com os quais trabalha.

Um docente, seja ele professor ou professor-tutor (como na IES_EAD), depara-se constantemente com problemas cotidianos na sua profissão. Problemas renováveis a cada período letivo.

Segundo Saviani (2002), os problemas que o professor encontra ao longo da sua docência, com a disciplina, adaptações da disciplina, mudanças institucionais em projetos pedagógicos, métodos de ensino, ambiente, geração a que pertencem os alunos, entre outros, enfim, e que tem de solucionar para seu próprio progresso, fazem parte da sua continuidade, da sua formação. Chamamos de problemas porque requerem uma atenção especial para que as soluções sejam as melhores possíveis. O que o professor deve se ater é que esses problemas não acabam, apenas se renovam. São justamente esses problemas que fazem com que o docente reflita (filosofe) e busque respostas às suas dúvidas.

Essas dúvidas, impostas pela necessidade e que são na realidade problemas que devem ser resolvidos para o progresso da formação docente,

constante. Podemos considerá-los não como problemas propriamente ditos, mas desafios da profissão e a cada solução um novo aprendizado. Estaremos face a uma formação para um trabalho técnico e político como convém à produção de conhecimento para a autonomia.

Quando um docente se questiona sobre os problemas, em sala de aula com uma turma com a qual não está acostumado, ou então, quando se questiona sobre a didática e o conteúdo de sua disciplina, uma vez que no período letivo anterior sentiu que o progresso de seus alunos não foi satisfatório, significa reflexão sobre esses problemas e busca de respostas concretas, para que sejam sanados os problemas detectados. E claro, esperar por novos questionamentos que também necessitarão de novas reflexões e soluções.

Estaremos nós perante uma formação que garanta autonomia na organização dos ensinamentos no AVA Teleduc? Ou estaremos perante a heteronomia?

No processo histórico sob as relações capitalistas de produção acentuou-se a heteronomia. Efetivamente, fala-se pelos outros, os métodos e os conteúdos são apropriados e administrados privadamente. Professores tutores vendem seu trabalho.

Segundo Marx (1983, p. 149) o trabalho é um processo entre o homem e a natureza que, pela sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. O homem se envolve fisicamente e mentalmente a fim de adquirir a matéria de forma que possa utilizar para sua própria subsistência. Através do trabalho o homem modifica a natureza e a sua própria, desenvolvendo potências que lhe serão úteis de uma forma ou de outra, seja pela sobrevivência ou pela apreciação.

Marx esclarece que mudar a natureza ou sua forma através da força do trabalho não é a própria força física em si, como fazem, por exemplo, as abelhas ao polinizar plantas e transformar (ou modificar) a paisagem. O trabalho em si pertence exclusivamente ao ser humano, não da forma primitiva e animal, mas com um objetivo pressuposto. O homem não exerce o trabalho pela força física simplesmente, mas principalmente pela mente. Antes de executar uma ação de trabalho o homem pensa, projeta, planeja os fins para o objeto que pretende trabalhar. O trabalho é um processo contínuo de idealização seguida de modificação, como o minério que se extrai pelo processo de trabalho, planejado para um novo trabalho que é a transformação deste novo objeto (minério extraído).

[...] o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (MARX, 1983, p. 149).

Entende-se, portanto, o trabalho do professor-tutor como o ato planejado, segundo o qual o Teleduc é um instrumento de trabalho, um instrumento computacional, simplesmente, de ensino-aprendizagem. O professor-tutor idealiza aprendizagens possíveis no seu trabalho com o Teleduc, usando ferramentas mediáticas, ferramentas simplesmente, transformadas em novos instrumentos. Portanto, o trabalho do professor-tutor no Teleduc é o de transformar, a partir do seu conhecimento sobre o ensino-aprendizagem, ferramentas virtuais em ferramentas de ensino, como explicaremos quando tratarmos de descrever o Teleduc.

O trabalho do professor-tutor é o de ensinar, ou seja, parte do trabalho educativo como um todo, assim como dos demais professores, objetivando o processo de aprendizagem por parte do aluno. E pelo Teleduc ele pensa e executa o processo de ensino transformando seu pensamento e sua prática pedagógica em

práticas que ensinam e orientam ao aprendizado.

Estaremos face a um trabalho onde haja autonomia ou heteronomia?

Os professores-tutores têm o seu trabalho com caráter de autonomia? de estranhado/alienado?

Desta maneira pretendemos superar a pseudo-concreticidade e recuperar a concreticidade do ensino a distância. O problema que nos ocupa decorre da necessidade de desvelarmos a educação a distância e nela como se dá a formação e o trabalho do professor-tutor.

A análise dos dados empíricos, coletados para desvelarmos as duas problemáticas que precisamos saber: a da autonomia/heteronímia na formação e trabalho do tutor-professor com Teleduc, é feita à luz do estudo da conjuntura histórica e da literatura da ciência da educação pertinente ao tema.

O método investigativo pauta-se pela fenomenologia. A fenomenologia, apresentada, principalmente, na obra de Husserl, “privilegia a competência interpretativa do pesquisador no estudo dos fenômenos e de seus contextos” (PEREIRA, 2009, p. 135).

Neste pressuposto metodológico não se trata, portanto, de um estudo formal, de analisar a formação e o trabalho do professor-tutor como manifestação em si e por si, mas sim como inerente ao processo da existência humana.

Assim, no primeiro capítulo tratamos da conjuntura histórica da década de 1990, quando no contexto da reestruturação produtiva, e dos ajustes neoliberais as novas tecnologias de informação tomam acento, de vez, na educação formal. No segundo capítulo descrevemos o AVA Teleduc . No terceiro capítulo, o professor-tutor no AVA Teleduc e, no quarto capítulo, à luz do estudo da conjuntura histórica e

do entendimento do Teleduc, analisamos a formação e o trabalho do professor-tutor e assim desvelarmos as duas problemáticas que nos colocamos.

Temos com este trabalho o objetivo de contribuirmos com os estudos sobre a educação à distância.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Neste capítulo ocupamo-nos do estudo da conjuntura histórica para melhor entendermos e explicarmos o surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem como meio de "disseminação" da educação por intermédio da internet e o surgimento do AVA Teleduc.

A educação a distância com novas tecnologias, novas ferramentas de informação e comunicação, entre as quais o AVA Teleduc é um fenômeno da década de 1990 para cá.

Sua gênese e sua existência explicam-se na conjuntura das últimas duas décadas. Um tempo ainda de um modo de existência sob relações capitalistas de produção, mas, em uma fase caracterizada pela reestruturação produtiva, as políticas neoliberais, o movimento da pós-modernidade.

Esta conjuntura histórica caracteriza-se pela transição de um trabalho sob a gerencia fordista para o toyotismo (PEREIRA, 2009, mimeo). Se, sob o fordismo as relações de trabalho se caracterizavam pelo caráter parcelar, fragmentado, da indústria seriada, da produção em série, pois,

No binômio taylorismo/fordismo, a concepção e a elaboração são responsabilidade da gerência científica; a execução (manual) é responsabilidade dos trabalhadores. Marx dizia no século XIX (e isso se manteve no taylorismo), que a fábrica só pode funcionar com um exército de feitores controlando o trabalho, num despotismo fabril acentuado (ANTUNES, 2009, p. 30).

Sob o toyotismo o trabalho caracteriza-se pela flexibilização, a desregulamentação, a polivalência.

Quem conhece uma fábrica, como ela era na era taylorista-fordista e vê uma fábrica hoje percebe que a diferença é visível no seu desenho espacial, de trabalho, de organização técnica e de controle do trabalho. Não tem mais as divisórias. Não tem mais o restaurante do “peão” e o restaurante da gerência. É aparentemente mais “participativa”, aparentemente mais envolvente e aparentemente menos despótica.

Em contrapartida, o trabalho é mais desregulamentado, mais informalizado, mais precarizado, mais intensificado, mais “polivalente”, mais “multifuncional”, seguindo critérios de “metas”, “competências”, etc. É feito em equipe, onde a competição é terrível entre os trabalhadores e as trabalhadoras. O toyotismo só pode viver – e as formas distintas de empresa flexível – com base no envolvimento, na expropriação do intelecto do trabalho. Então certamente o Taiichi Ohno (engenheiro fundador desse receituário) não concordaria com a máxima do Taylor de que o trabalhador é só um “gorila amestrado”. Isso configura uma alienação que é mais interiorizada. O trabalhador e a trabalhadora têm que se envolver. Ele não é mais trabalhador, é definido como “colaborador ou colaboradora”, “consultor”. A alienação/estranhamento é aparentemente – atenção! – aparentemente menos despótico, mas intensamente mais interiorizado. Porque é assim que o toyotismo pode envolver. E para que haja o envolvimento, tem que fazer algumas concessões, senão não há base para o envolvimento. Na fábrica taylorista e fordista tradicional o despotismo é explícito. Da planta flexível, eu usei no livro Adeus ao Trabalho? a seguinte fórmula: as empresas querem converter os trabalhadores em dеспotas de si mesmos! (Idem).

Estas mudanças na base produtiva, do mundo da “empresa flexível”, como diz o capital, ou do mundo da acumulação liofilizada, não alteram a forma de ser do capital, (ANTUNES, 2009, p. 25-33,), mas alteram, em muito, o que se pede à educação. A educação a distância, o ensino e aprendizagem com novas tecnologias da informação, fazem parte destas mudanças.

A reestruturação produtiva foi resposta à crise de acumulação do capital que já emitia sinais ao final da década de 1960, com as grandes manifestações estudantis e de trabalhadores, mas que se configurou dramática com a crise do petróleo em 1973, quando todo o mundo capitalista avançado caiu numa longa recessão, combinando, pela primeira vez baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação. Concomitantemente, ideologicamente, expandem-se, ganharam terreno, princípios neoliberais da política e da pós-modernidade no campo do conhecimento que põe dúvidas na possibilidade objetiva do conhecimento e da razão.

Perry Andersen, em célebre texto – Balanço do Neoliberalismo – informa-nos quanto ao neoliberalismo: nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo; foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista keynesiano de bem-estar social. Seu enunciado remonta ao texto de Friederich Hayek – Caminho da Servidão – escrito em 1944, que se configurou em um ataque “apaixonado” à intervenção do Estado, à expansão dos direitos sociais, ao poder dos sindicatos (o alvo imediato foi, então, o partido trabalhista inglês), ao movimento operário “que (segundo Hayek), havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas reivindicações sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais”. Hayek e os que compartilhavam as teses da sociedade Mont-Pélerin como Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwing Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador Madariaga, defendia os mecanismos de mercado contra o solidarismo reinante, defendia um capitalismo duro e livre de regras para o futuro. “A hegemonia deste programa não se realizou do dia para a noite. [...]. Mas ao final da década de 1970 surgiu a oportunidade” (ANDERSON, 1996). Na Inglaterra com o governo conservador Thatcher (1979), nos EUA com Reagan (1980), na Alemanha com Khol (1982), na Dinamarca com Schulter (1983). No Chile com Pinochet, no Brasil com Collor de Melo (1990).

A II Guerra pode ter dado a "justificativa" que o liberalismo esperava para novamente retornar, como se fosse salvar o mundo da tragédia vivida. Justificativas? Não houve um sinal claro sobre o liberalismo na década anterior, posterior ao *Crash* da Bolsa de Nova Iorque em 1929? Claro, desta vez seria diferente, pois este não é o liberalismo da "mão invisível" e sim um novo liberalismo agora com *welfare state*, uma receita de Bretton Woods para salvar o mundo, ou melhor, o capitalismo. Assim

digam os países da América Latina, Ásia, México, entre outros "terceiro-mundistas" que contraíram dívidas impagáveis, orientados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial ou conhecidos "mecanismos de bem-estar" nascidos do sistema Bretton Woods em 1944.

Fundamentalmente as políticas sob a ideologia neoliberal, elevaram as taxas de juros favorecendo a banca, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos financeiros, aboliram os controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivo, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sindicais (ANDERSON, 1996). A educação um direito social paulatinamente passou a ser tido pelo capital como serviço e mercadoria, assim se cria o consenso em torno das reformas e também das novas tecnologias.

Esta conjuntura foi ainda composta pelo desmonte da experiência histórica do leste europeu e da URSS. No contexto histórico pós segunda Guerra Mundial no confronto dos dois mundos estabelecidos na Guerra Fria, o capitalismo tinha vivido seus anos de ouro (ERIC HOBSBAWM, 1998) com expansão dos direitos à educação, saúde, aposentadorias, pleno emprego, moradia, por parte da classe trabalhadora. Desmontado o conflito entre o modo capitalista de existência e a possibilidade do socialismo, o capital contra atacava, o trabalho pagava com o desemprego a redução dos direitos sociais, pesada dívida por ter posto seus filhos na escola, dado segurança social à sua família.

Segundo Pierre Salama (1996), quando o socialismo fracassa (com base nos modelos históricos), a culpa é do próprio socialismo, seus princípios e condições. Mas quando o capitalismo fracassa, seja pelas diferenças sociais ou pelas próprias crises produzidas, a culpa é muitas vezes do estado ou da necessidade de equilibrar as diferenças. Quando há sucesso, seus custos,

extremamente altos, são sociais.

Vale observar a palavra "acumulação do capital", em que para os economistas significa acumulação de riquezas, em forma de bens, para geração de mais riquezas. Para o conceito geral, acumulação de capital é riqueza, dinheiro, que desde a invenção da moeda tem o mesmo valor, ou seja, representar o que realmente tem seu valor. Ouro tem seu valor, pela qualidade do minério ou simplesmente pela sua escassez (como diz a própria teoria econômica). Mas o que faz o minério ouro valer o título representativo de riqueza (dinheiro) é a sua dificuldade de exploração. Nossa história demonstra bem a exploração de mão-de-obra deste minério até o século XVIII. O ouro então valia pela sua escassez ou pela força de trabalho utilizada na sua exploração? Sim o ouro é escasso, difícil de ser encontrado. Não é como o ferro que apenas um trabalhador consegue extrair 10 quilos fácil e rapidamente. Para se conseguir a mesma quantidade de ouro, no mesmo tempo, quantos trabalhadores seriam necessários? Quanto tempo de exploração?

O que pretendemos observar é que, por mais que as teorias neoliberais tentem explicar o valor de determinados bens (ou serviços) pela sua procura e oferta simplesmente, queremos destacar que o valor do trabalho não pode ser abstraído deste valor. O capitalismo diz que a riqueza está na liberdade de se produzir e enriquecer e é isso que traz o bem-estar à sociedade (Adam Smith). O marxismo diz que a riqueza está nas mãos do trabalhador. O neoliberalismo concorda com o liberalismo e corrige o liberal no termo bem-estar, onde o estado regula o mercado e traz "justiça" ao trabalhador, ou seja, o "verdadeiro" bem-estar. Embora todas essas doutrinas divirjam em suas opiniões, todas concordam em uma, a de que o trabalhador é o ator fundamental deste processo.

Para os liberais os trabalhadores são considerados como mão-de-obra simplesmente. Para os neoliberais os trabalhadores são considerados como mão-de-obra e consumo (destacados como "famílias"). Para os marxistas os trabalhadores são os produtores da riqueza e portanto os que tem direito a ela. Portanto, independentemente da perspectiva o trabalho tem valor sempre, só nos resta estabelecer o quanto é fundamental esse valor. Vale observar que, em qualquer teoria, sem o trabalhador não há, nunca, acumulação do capital.

Temos que observar que a educação a distância, tal qual a entendemos, e no caso a formação para o trabalho com o Teleduc, dos professores-tutores, precisa considerar estas perspectivas.

Nesta conjuntura a defesa da educação a distância ancora-se no argumento da "socialização" do conhecimento, e quem pode ir contra ela? na possibilidade de levar a educação a pessoas que não têm possibilidade de locomoção, região sem infraestrutura física necessária e também ao trabalhador que não tem tempo, dada sua carga de trabalho. A questão que envolve a educação a distância é, como se realiza e para que, é sua dimensão educativa e política, se promove autonomia e liberdade se sujeição e heteronomia.

Para os educadores críticos a educação a distância é uma possibilidade de aprimoramento, apenas um meio para formação política do indivíduo, mas não pela pressão do mercado em torná-lo mais competitivo e sim mais qualificado no sentido de recuperar a totalidade perdida do conhecimento e do governo. Enfim, educação para o governo da vida em toda a sua plenitude de realização da via.

Conclui-se, portanto, que quando falamos de educação a distância, na visão liberal ou neoliberal, temos que perguntar pela autonomia necessária ao viver de cada um e de todos. Há dúvidas sobre se a formação e o trabalho do tutor, para o

ensino-aprendizagem a distância concorra para a autonomia em si e para si do homem. Parece que o ensino-aprendizagem mediada pela tecnologia, como está, é conforme o cumprimento de regras estabelecidas pela sociedade produtiva e competitiva. Como exemplo, há uma expansão em série da oferta de ensino à distância, desconexa, fragmentada que aufera lucros com pagamentos dos trabalhadores desesperados que fazem um curso a distância pela necessidade de ampliar seu currículo, obter certificado, cumprir a formalidade para garantia da sua permanência no trabalho controlado. Onde está a autonomia? Não está, é heteronomia ou submissão pura e simples.

Então, concluindo este estudo da conjuntura: foi, no contexto da reorganização da acumulação do capital, cujo processo, nos países centrais do modo de existência capitalista tem sua gênese no final da década de 1970, e no Brasil na década de 1990, que aconteceu o aparecimento dos ambientes virtuais de aprendizagem, como o Teleduc, que assim como os demais faz uso da Internet e que passamos a apresentar para um melhor entendimento do nosso objeto: o trabalho e a formação do professor-tutor.

2.1. INTERNET, EXPANSÃO TECNOLÓGICA E REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL

Segundo Moore e Kearsley (2008) a educação a distância passou por cinco gerações no total, onde a última se deu através da rede mundial de computadores, a internet, com métodos construtivistas de aprendizado na convergência de ferramentas da própria Web que possibilitavam texto, áudio e vídeo em uma única plataforma de comunicação.

QUADRO 1: HISTÓRIA DA REDE MUNDIAL (INTERNET)

1957	A fim de estabelecer a liderança dos Estados Unidos em tecnologia militar, inicia-se uma pequena rede experimental de computadores pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, que permitia a interação de recursos computacionais (bancos de dados, textos, imagens, etc.) entre os pesquisadores e fornecedores contratados pelo Departamento. Logo ela passou a ser usada também como meio de cooperação entre os participantes do projeto, possibilitando até o uso de correio eletrônico.
1962	A força aérea norte americana requisitou um estudo sobre como ela poderia manter controle sobre mísseis e bombardeiros, após um possível ataque nuclear. O resultado era uma rede de computadores descentralizada (independente), de modo que se qualquer localização nos EUA fosse atacada, o resto continuaria a operar.
1969	A rede de computadores descentralizada da força aérea norte americana foi fisicamente construída e recebeu o nome de ARPANET. Era composta por apenas quatro servidores, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, Stanford, Universidade da Califórnia em Santa Barbara e Universidade de Utah.
1972	Criado o primeiro programa de correio eletrônico (<i>e-mail</i>) e a rede já tinha 23 servidores.
1973	Criado o protocolo de comunicações usado até hoje na Internet, o TCP/IP, que permite a diversas redes se interconectarem e se comunicarem.
1974	O Termo Internet foi usado pela primeira vez.
1979	Foi criada a USENET, uma rede de grupos de discussões descentralizada dentro da ARPANET, dirigida a pesquisadores militares. Nessa época a rede já usava comunicações por satélite e tinha mais de 111 servidores.
1981	A NSF (<i>National Science Foundation</i>) cria um <i>backbone</i> ¹ para instituições sem acesso à ARPANET, como universidades e centros de pesquisa não ligados à área militar.
1983	Criado o sistema DNS (<i>Domain Name System</i>), que permitia o acesso aos servidores da rede através de nomes (como acessado hoje, por exemplo: www.dominio.com.br) ao invés de números em representação de bytes (255.255.255.255).
1985	A NSF começou a desenvolver linhas de alta velocidade. Já havia quase 2.000 servidores ligados à rede.
1987	Mais de 10.000 servidores já estavam ligados à rede.
1989	Mais de 100.000 servidores ligados à rede.
1990	A ARPANET, que então era somente uma pequena parte da enorme quantidade de redes na Internet, é desativada.
1991	617.000 servidores ligados à NSF passaram a permitir o uso da Internet por associações comerciais.
1992	Em 1992 (1.136.000 servidores) foi inventada a <i>www, world-wide web</i> , que permitia a junção de textos, imagens e hipertextos, a internet tal qual conhecemos hoje.
1993	2.056.000 servidores ligados à Rede, foi criado o <i>Mosaic</i> , o primeiro <i>browser</i> da web.
1994	Com 3.864.000 servidores na Rede, a Pizza Hut começou a oferecer um serviço de entrega através de sua página na internet.
1995	Em 1995 o número de servidores pulou para 6.642.000.
1996	Já havia mais de 15 milhões de servidores e os rendimentos da publicidade na Internet totalizaram cerca de 227 milhões de dólares. Mais de 1 milhão de empregos foram criados pela Internet ao redor do mundo.
1997	A Internet já é famosa no mundo todo. As maiores empresas do mundo passam a encarar a Internet com seriedade e apostar no mundo virtual da mesma forma que no mundo real.

FONTE: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). <http://www.fafich.ufmg.br/~subcom/textos.> “Breve histórico da Internet”.

A Internet compõe a conjuntura brasileira dos anos 90, que inicia com a

¹ Backbone: Rede de computadores capaz de transmitir e processar dados em alta velocidade, responsável por garantir o tráfego de informações entre redes menores a ela ligadas (AURÉLIO, 1999).

abertura da economia a produtos e mercados globalizados, uma tendência do capital. Efetivamente, com o primeiro governo democrático do país, pós-ditadura militar, o governo Collor, diversos produtos, entre eles os das novas tecnologias, de outros países adentraram no Brasil.

Segundo Lacerda (et. al., 2004) os anos 80 no Brasil foram marcados por uma forte desestabilização da economia e vários planos econômicos fracassados, encerrando a década com uma das mais altas taxas de inflação e recessão registradas na história. Ajustes foram feitos, o primeiro governo eleito pelo voto popular após 21 anos de ditadura militar, Fernando Collor de Melo, daria continuidade ao processo de abertura e reforma comercial, iniciado em 1988, ainda no governo José Sarney. Os argumentos eram os baixos níveis de produção (PIB - Produto Interno Bruto), emprego, estagnação (inflação inercial e recessão da economia) e endividamento externo. Lacerda demonstra que esse modelo não era exatamente uma inovação, mas sim um modelo seguido por toda América Latina influenciado pelo Consenso de Washington², resposta de caráter reestruturador face à crise de acumulação em decurso desde o final da década de 1970 como já analisamos.

Nos anos 1990, a economia brasileira foi marcada não só pela recessão do início da década, fruto dos efeitos dos Planos Collor I e II, mas também por uma profunda reestruturação produtiva. Essa reestruturação, designada por alguns autores de modernização conservadora, ocorreu como desdobramento do esgotamento do modelo de substituição de importações e foi influenciada pelos pressupostos do Consenso de Washington, a exemplo do que ocorria em toda a América Latina. Provocou aceleração no processo de privatização de empresas estatais, abertura da economia e desregulamentação dos mercados. (LACERDA, et. al., 2004, p. 198).

Ainda segundo Lacerda (et. al., 2004), com base nas novas medidas liberais a abertura comercial reduziria as alíquotas nominais médias de importação de 41,0%

² Expressão cunhada pelo economista norte-americano John Williamson. Trata-se de um decálogo de medidas liberalizantes e de ajustes sugerido para reformas nos países em desenvolvimento, concebido no âmbito de organizações sediadas ou vinculadas a Washington, como o FMI e o Banco Mundial. (LACERDA, et. al., 2004).

em 1988 para 13,0% em 1995, com um leve aumento até 1998, devido aos muitos produtos excluídos da lista de cobrança de impostos de importação. Essa abertura comercial traria diversos produtos com preços mais acessíveis, principalmente os das tecnologias.

A carência de investimentos nos anos 80 refletia-se na precariedade de produtos e serviços de infraestrutura, principalmente na área de tecnologia, telecomunicações, energia e transportes.

Neste contexto caracterizado pela busca de uma nova acumulação de capital sob a base flexível das relações de produção e da necessária formação de trabalhadores muito se falou em crise, também, na educação. Vozes, com forte acento tecnicista, defenderam novas propostas pedagógicas, principalmente para a educação básica, conforme as determinações das conferências mundiais de educação, propondo adequações de conteúdos, métodos e uso de tecnologias, falou-se mesmo em adeus ao professor, que, os computadores iriam substituí-lo. Para Saviani (2007) esse tipo de educação advoga a reordenação do processo educativo para torná-lo objetivo e operacional, inspirados nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, princípios esses comuns para sistemas produtivos capitalistas.

Mas, havia dificuldades, as tecnologias não estavam tão disponíveis assim!

A falta de recursos, na área de tecnologia, decorria também da ausência de investimentos na área de pesquisa e não só na falta de investimentos nos setores de indústria e de infraestrutura. Comprar tecnologia podia ser uma solução rápida, mas também cara.

A reestruturação produtiva assim mesmo fazia exigências, por um lado, as agências de pesquisa, por outro a educação básica para garantia de um lastro

educacional da formação do trabalhador.

Havia, também, dificuldades de ordem fiscal para efetivar a educação requerida e a visão do autor, claramente como educação tecnicista, demonstra bem isso:

A crise fiscal do Estado também repercutia na qualidade insuficiente do sistema educacional básico e na ausência de desenvolvimento de programas de treinamento profissional especializado. Essa carência, além de gerar ineficiências e custos elevados, dificultava a adaptação da força de trabalho a padrões tecnológicos mais avançados, concorrendo para a estagnação dos ganhos de produtividade (LACERDA et. al., 2004, p. 204).

Impunha-se romper este quadro, investir em educação básica passou a ser prioridade. É assim que a educação a distância ganha força de política pública, lembre-se que em 1995 foi criada a Secretaria de Educação a Distância.

A educação a distância passa a ser considerada como uma nova forma de disseminar e até de estimular formas mais "rápidas" e "precisas" de conhecimento técnico, necessário para uma produção cada vez maior em busca de acúmulo mais elevado.

Este quadro ainda foi composto por uma forte ideologia defensora, por um lado da ineficiência do Estado e por outro da qualidade dos produtos e serviços das empresas privadas. Foi criada uma forte base de consenso favorável à privatização de serviços públicos, como fornecimento de eletricidade, água esgotos, educação.

Aceitando as determinações do Consenso de Washington, o governo Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2003) promoveu uma reengenharia do Estado brasileiro, criando para tal um ministério à frente do qual esteve o professor da Fundação Getúlio Vargas, Bresser Pereira. Ao processo dos anos de 1980, de fusão de pequenas estatais transformadas em grandes, segui-se, no início dos anos 90, o programa nacional de desestatização (PND) com previsão, inicialmente, de venda de sessenta e oito estatais. Entre 1991 e 2001 foram feitas as privatizações

com forte apoio do BNDS (LACERDA et. al., 2004).

Neste contexto mundial e brasileiro, expandiu-se o acesso à rede mundial de computadores passando a contar com uma facilidade maior de conexões dado a entrada de computadores e softwares mais baratos e de telecomunicações com novos investimentos de infraestrutura.

O capital expandiu-se nos setores de energia e comunicação digital, seus lucros implicavam expansão de mercado, computadores de última geração importados foram ofertados e cada vez mais pessoas tiveram o acesso à linhas telefônicas e consequentemente à Internet.

A partir dos anos 90, principalmente no período em que a Internet passa a se popularizar, um novo tipo de economia passa a se destacar. Na realidade, não um tipo de economia, mas sim, um tipo de capitalismo mais duro.

O comércio eletrônico, a moeda eletrônica (cartões de crédito ou operações bancárias via internet), os negócios eletrônicos em si, se desenvolveram rapidamente com a internet, tornando possível o acesso a mercados restritos e aumentando a possibilidade de aumento do consumo e até do aumento da circulação de moeda endógena nos bancos³. Portanto, mais negócios, com maior liberdade e maior velocidade.

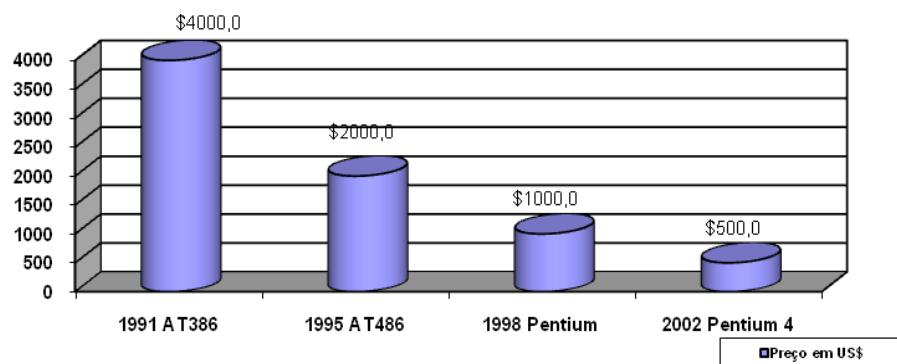
Com essa abertura, ferramentas essenciais para tecnologia e futuramente para acesso à Internet passaram a ter um aumento na produção e no comércio interno, como computadores pessoais, conhecidos como PC's (*Personal Computers*) e que hoje são chamados simplesmente “computadores de mesa” (*Desktops*). A

³ Moeda que circula internamente nos bancos, pois não têm sua forma original, como o dinheiro ou a moeda escritural (depósito bancário). Moedas criadas pelos bancos a partir da moeda escritural. Exemplo: Pelo depósito bancário parte deste valor é depositado no banco central (compulsório). O que sobra são usados para empréstimos. Esses valores emprestados vão para outros banco como um novo depósito e assim por diante. Com isso, um depósito (inicial) pode se transformar, através da circulação dos bancos, duas, três ou mais vezes o seu valor original.

partir dessa abertura da economia esses computadores tiveram seus preços reduzidos, progressivamente, sendo ofertados a um maior número de usuários e consumidores.

Ainda no início dos anos 90, seus preços atingiam até US\$ 4.000,00 (quatro mil dólares americanos), tendo diminuído vertiginosamente com o passar dos anos – consequência do aumento de seu consumo e também do alto investimento em educação, pesquisa e desenvolvimento, só que de outros países, não do Brasil.

GRÁFICO 1: EVOLUÇÃO DE PREÇOS DO MICRO PADRÃO – VALORES EM DÓLAR



Fonte: Kei Marcos Tanaami e Ernesto Yoshida, Exame Edição Especial – 15-Maio-2002.

O resultado desse acesso a produtos mais baratos era o de se esperar, por conta do que caracteriza o sistema capitalista de subsumir tudo e todos, mais pessoas podendo adquirir mais computadores para acesso à internet, maior a produção desses equipamentos no mundo, maior a necessidade de mão-de-obra "especializada" para construí-los, usá-los, no comércio, nas indústrias, no setor financeiro e maior a acumulação do capital. Isto criou novas possibilidades para as relações comerciais.

Para o liberalismo (capitalismo radical), a educação a distância é explicitamente uma nova forma de disseminar e até de estimular formas mais "rápidas" e "precisas" do conhecimento técnico. Necessário para uma produção cada vez maior em busca de acúmulo maior (e com custos menores).

Isso fica bem caracterizado nos dizeres de muitos autores sobre o assunto (negócios digitais), como Luis Alves (2002), Bill Gates (1996), Daniel Amor (2000), Don Tapscott (1995), Fernando Camargo Luiz (2001), entre outros, que vêm a internet e suas ferramentas de interação como um meio de globalização e expansão dos negócios simplesmente. É o treinamento e especialização da mão-de-obra, com redução de custos e aumento da produtividade e consequentemente da competitividade. É negócio simplesmente. Negócio eletrônico.

O que ficou claro até aqui, na visão desses autores como negócio eletrônico, é que a internet é uma poderosa ferramenta para globalização da economia. Quando esta se destacou não foi para o uso da informação ou conhecimento em termos de educação propriamente dita, mas para aumentar a possibilidade de ampliação do lucro do capital. Fica explícito que esta reduziu sim os custos, estimulou terceirizações e principalmente a necessidade de pessoal capacitado para todos os agregados.

Essa necessidade de ampliação do capital criou também outra necessidade, a de aumento da capacitação técnica de trabalhadores, mais cognitiva/técnica do que da força de trabalho propriamente dita, ou seja, a necessidade de reprodução do capital justamente pelas necessidades, ou melhor, pelas novas necessidades humanas, como o acesso à internet para comprar, pagar contas, vender, entre outras e que, como vimos, a rede mundial proporciona com facilidade.

Temos, então, um avanço tecnológico fantástico a serviço da indústria, do comércio, ou seja, dos negócios, do capital.

Com o advento do regime militar, o lema positivista "Ordem e Progresso" inscrito na bandeira do Brasil metamorfoseou-se em "segurança e desenvolvimento". Guiando-se por esse lema, o grande objetivo perseguido pelo governo dito revolucionário era o desenvolvimento econômico com segurança. Diante desse objetivo, a baixa produtividade do sistema de ensino, identificada no reduzido índice de atendimento da população em idade escolar nos altos índices de evasão e repetência, era considerada um entrave que necessitava ser removido. A adoção do modelo econômico

associado-dependente, a um tempo consequência e reforço da presença das empresas internacionais, estreitou os laços do Brasil com os Estados Unidos. Com a entrada dessas empresas, importava-se também o modelo organizacional que as presidia. E a demanda de preparação de mão-de-obra para essas mesmas empresas associada à meta de elevação geral da produtividade do sistema escolar levou à adoção daquele modelo organizacional no campo da educação. Difundiram-se então, ideias relacionadas à organização racional do trabalho (taylorismo, fordismo), ao enfoque sistêmico e ao controle do comportamento (behaviorismo) que, no campo educacional, configuraram uma orientação pedagógica que podemos sintetizar na expressão "pedagogia tecnicista". (SAVIANI, 2007,p. 366).

O fato de entendermos esta forma de ensinar com rapidez e "facilidade", por meio da internet, teria o mesmo contexto da reforma dos anos 60 e 70 para o educando? Instruir (e não ensinar) o aluno a se adaptar ao mercado de trabalho, aprendendo o que realmente é "útil" e com isso exceta-se os princípios das ciências e assim aprender a fazer, objetiva e rapidamente, sem pensar muito. Sem pensar muito, apenas fazer como deve ser feito.

Por essa ótica não vemos qualquer autonomia. Como posso ser autônomo na minha formação se preciso aprender a fazer, sem saber como surgiram as ideias para tanto? Sem saber o que fundamenta essa ou aquela técnica. Como poderia progredir, ou melhor, como poderia filosofar sobre um conhecimento que não domino, apenas executo de acordo como fui instruído?

Ser instruído, treinado para, ser orientado. Essas palavras são sinônimas e acompanham a palavra heteronomia do começo ao fim.

Sendo assim, parece que o conhecimento passa a ser um processo matemático, lógico, com começo, meio e fim e necessariamente nesta ordem, onde cada indivíduo pertence a um módulo, um no começo, outros no meio e alguns no fim. Quando chegássemos ao fim deste projeto, iniciaríamos um novo, porém, não autonomamente, pois não conhecemos a história ou filosofia desta ciência, apenas parte dela, e para iniciarmos esse novo projeto precisaríamos aprender um novo processo, isolado e sem fundamentos, apenas técnica.

Neste sentido, a questão não é de se negar o progresso técnico, o avanço do conhecimento, os processos educativos e de qualificação ou simplesmente fixar-se no plano das perspectivas da resistência nem de se identificar nas novas demandas dos "homens de negócio" uma postura dominante maquiavélica ou, então, efetivamente uma preocupação humanitária, mas de disputar concretamente o controle hegemônico do progresso técnico, do avanço do conhecimento e da qualificação, arrancá-los ao controle democrático da esfera pública para potenciar a satisfação das necessidades humanas. (FRIGOTTO, 1996, p. 36)

A exemplo disso poderíamos considerar que um operário da indústria automobilística, que encaixa peças em parte do que seria um automóvel, quando não houvesse mais esta parte a ser encaixada, esse operário retornaria à escola para aprender uma nova técnica e assim se recolocaria no mercado de trabalho. Autonomia? Não, heteronomia.

Sabemos então que a educação, apoiada pela tecnologia e pela internet, pode proporcionar uma formação de qualidade. Cabe então a nós decidirmos se usaremos e como usaremos essas ferramentas dispostas para aprendermos ou apenas para nos instruirmos. Usar a internet para educação pode ser um meio ágil de pensarmos e progredirmos, ora com ajuda, ora por nós mesmos com autonomia, como seres que somos. Seres humanos.

3. AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM TELEDUC

Com a finalidade de se entender o trabalho e dar respostas ao nosso problema: se a formação e trabalho do professor-tutor no Teleduc pauta-se pela autonomia e ou heteronomia, passamos a descrever esta ferramenta educacional em seus detalhes prático-operacionais, de uso pedagógico, descrevendo seu funcionamento como um ambiente virtual.

Existem vários métodos e práticas considerados como apropriados na educação a distância, em que as aulas são ministradas via internet por meio de processos textuais e visuais. Esses ambientes virtuais, como são conhecidos, simulam e auxiliam no processo de ministrar e acompanhar aulas via internet. A exemplo disso, temos os programas computacionais que simulam essas salas de aula virtuais via rede mundial, como: o “Eureka”, “Teleduc”, “Moodle”, entre outros. As “ferramentas” utilizadas nesses ambientes, usadas para ministrar aulas, são praticamente idênticas em todos eles, com algumas diferenciações como nomeclatura ou representação no layout, apresentação do ambiente, entre outros detalhes particulares de cada uma, mas com objetivos idênticos.

Os ambientes virtuais não são sinônimos de educação a distância e apesar de serem ferramentas que auxiliam no processo ensino-aprendizagem via web, não são eles que vão garantir uma educação de qualidade. É necessário que professores-tutores estejam preparados para ministrar suas aulas através desses ambientes, e para isso é necessário ainda um conhecimento técnico para operar e administrar esses ambientes.

Segundo KENSKI (2006, pg.78), para que os professores estejam

capacitados a administrar ambientes virtuais é necessário que eles estejam confortáveis com o uso da tecnologia (conhecimentos básicos de operação do computador e da sua estrutura e funcionamento). Além disso, é necessário que o profissional de ensino esteja capacitado para o uso desses ambientes virtuais, pois o simples fato de conhecer a tecnologia e saber usá-la não é suficiente para administrá-los. Essa falta de adaptação com as ferramentas virtuais nesses ambientes pode fazer com que o professor aplique os mesmos métodos de ensino presencial no ensino a distância. A consequência é o pouco aproveitamento das novas ferramentas e insatisfação coletiva, tanto de alunos como dos próprios docentes (KENSKI, 2006, pg. 78).

3.1. AMBIENTE VIRTUAL TELEDUC

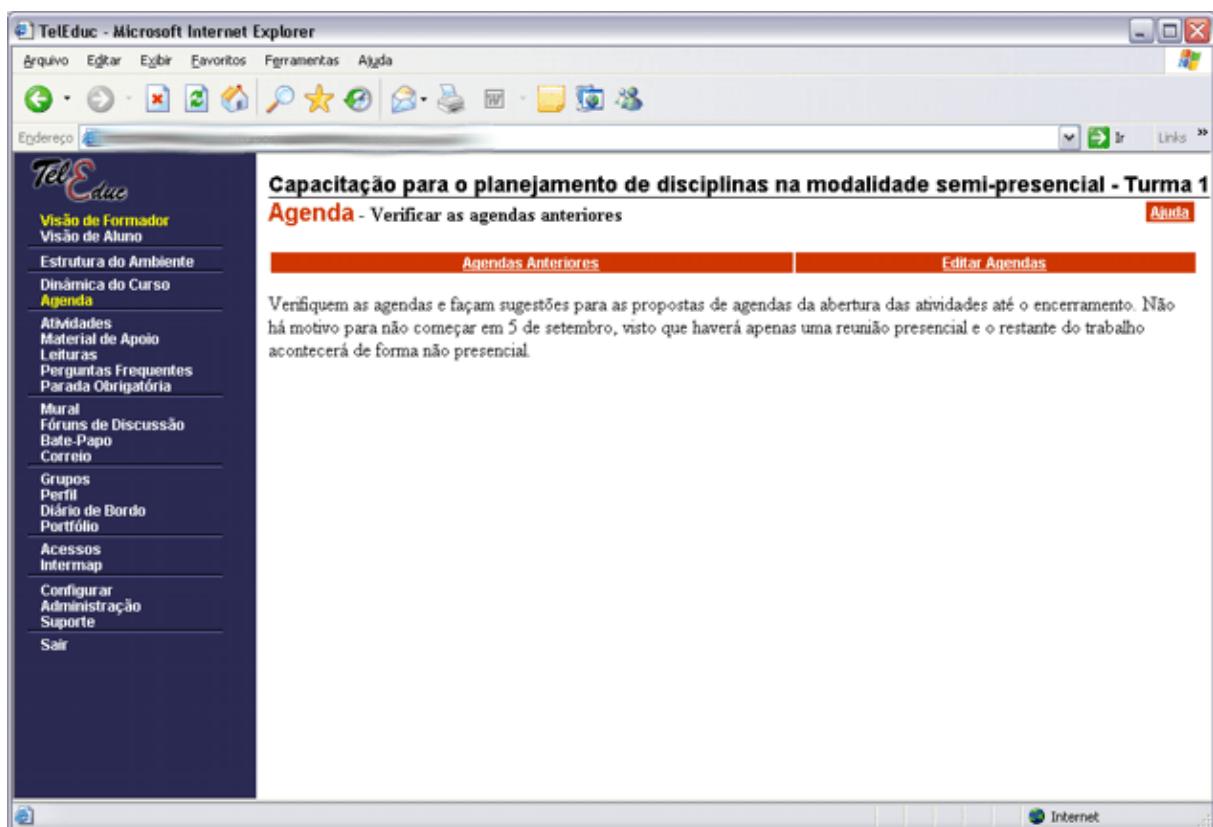
O Teleduc é um sistema computacional, caracterizado software livre⁴, que simula um ambiente virtual de gerenciamento e aplicação de cursos a distância via Web, ou seja, um ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Foi criado em 1998 pelo NIED (Núcleo de Informática Aplicada a Educação) da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP para o ensino à distância. Muito usado em algumas instituições de ensino, o Teleduc é considerado um AVA porque possui ferramentas mediáticas para o processo de ensino/aprendizagem à distância. Virtual porque não existe fisicamente.

O sistema Teleduc possui um conjunto de aplicativos direcionados à comunicação e interação entre seus usuários, divididas em diversas ferramentas próprias para o processo de ensino. Fazendo uma breve descrição "física" do

⁴ Programa de computador de código fonte aberto e sem proprietário intelectual exclusivo - que permite que qualquer pessoa interessada possa modificá-lo e copiá-lo gratuitamente. Mas em caso de modificações ou melhoramentos, deve disponibilizá-lo da mesma maneira que o obteve. Ex: Sistema Operacional Linux (LEMOS, 2003).

ambiente, podemos perceber que suas ferramentas são itens textuais selecionáveis (hipertextos) dispostos em um menu fixo do lado esquerdo da tela. Cada ferramenta responde por um comando (acionada pela seleção com o mouse) e apresenta em uma tela disposta ao lado direito o conteúdo para ser usado, dada a opção escolhida.

FIGURA 1: LAY-OUT DO AMBIENTE DE EAD - TELEDUC VERSÃO 3.3.7



FONTE: CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

A versão⁵ aqui apresentada é a mesma utilizada pela IES_EAD (versão 3.3.7). Atualmente o Teleduc já possui uma nova versão 4.2 onde, segundo a CEAD-IES_EAD, para o próximo ano será adotada e reconfigurada para a instituição.

⁵ Versão numerada de um sistema computacional: Refere-se a cada uma das várias formas que um programa de computador tem ao longo do processo de sua criação e desenvolvimento (AURÉLIO, 2009). Cada correção ou implementação que um programa de computador recebe é alterada progressivamente essa numeração. Ex: Windows 7 (referência à versão 7.0 do sistema operacional) é uma versão aprimorada do sistema operacional da Microsoft Windows Vista (chamado tecnicamente como Windows 6.0).

De acordo com o site do projeto do Teleduc (<http://www.teleduc.org.br>), mantido pela Unicamp, esta versão mais recente do Teleduc (4.2) difere da anterior (3.3.7) pelo seguinte:

- *Login* único. Na versão anterior para cada disciplina que o aluno tivesse acesso teria de registrar seu nome e senha individualmente, ou seja, para cada curso registrado na instituição em que está instalado o aluno teria de registrar um nome e uma senha individualmente. Agora é possível registrar-se uma única vez e ter acesso a todos os cursos (ou disciplinas) que estiver cadastrado.
- Novo Layout. O design, disposição e ferramentas estão melhor apresentadas.
- Mais acessível. Algumas funcionalidades que não eram muito amigáveis na versão anterior (como formatação de fontes, anexos, etc), ficaram fáceis de operar.
- Padrões da Web. Novos padrões e tecnologias disponíveis atualmente na Web foram adicionados à nova versão.

Essas diferenças apresentadas aqui são as mesmas do site do projeto Teleduc. Analisando, ainda que superficialmente a versão nova (já instalada para teste na IES_EAD), vemos que na versão 4 do Teleduc algumas ferramentas estão mais objetivas. Para o estudo de caso a que nos propomos focaremos nossa atenção na versão em uso oficial na IES_EAD, a 3.3.7.

A princípio o Teleduc 3.3.7 demonstra ser um ambiente virtual de aprendizagem facilmente socializável porque sua estrutura de códigos é simples e pouco exigente em termos de infraestrutura computacional, justamente por não se utilizar de grandes recursos visuais ou de ferramentas computacionais mais

complexas como áudio e vídeo, por exemplo. Para manter este sistema em funcionamento não há necessidade de grandes investimentos (equipamentos computacionais) para seu uso. Apenas para o caso de, futuramente, haver necessidade de maiores acessos simultâneos (vários usuários conectados ao mesmo tempo) (SALGUEIROSA, 2008).

Nesta versão do Teleduc as facilidades decorrem de: 1) seus recursos visuais (ilustrações com ícones) são quase nulos; 2) sua funcionalidade é amigável porque é de fácil operação, exigindo daqueles que o utilizam apenas uma prática mínima de informática e internet; 3) os alunos e professores que dele fazem uso necessitam somente de um computador de configurações básicas e um acesso à internet, também mínimo (uma linha telefônica e um modem⁶); 4) o usuário também não se limita a equipamentos pessoais, podendo acessá-lo de equipamentos públicos como em escolas, bibliotecas, etc. Esta simplicidade do ambiente se dá pelo pouco uso de recursos visuais (gráficos) e nenhum recurso para videoconferência e som (recursos avançados de multimídia), claramente perceptível quando o acessamos.

Para uma melhor compreensão do funcionamento do ambiente, apresentamos a seguir as ferramentas disponíveis no ambiente, suas funções e aplicabilidades para o ensino.

3.1.1. Ferramentas do AVA Teleduc

No Teleduc observamos suas ferramentas mediáticas, dispostas em seu menu como hipertextos e nomeadas da seguinte forma: "Estrutura do Ambiente", "Dinâmica do Curso", "Agenda", "Atividades", "Material de Apoio", "Leituras", "Perguntas Frequentes", "Parada obrigatória", "Mural", "Fóruns de Discussão",

⁶ Dispositivos eletrônicos utilizados para comunicação de dados entre computadores por meio de linhas telefônicas. Hoje um dos meios mais baratos de acesso à internet.

"Bate-Papo", "Correio", "Grupos", "Perfil", "Diário de Bordo", "Portfólio", "Acessos e Intermap", "Administração".

Seguindo essa ordem, começaremos pela ferramenta "Estrutura do Ambiente". A estrutura do ambiente é uma ferramenta pronta do Teleduc que informa o objetivo de cada uma das demais ferramentas dispostas que apresentamos. Esta ferramenta se resume a um tipo de "ajuda", como aquele que encontramos em outros aplicativos como Microsoft Word, entre outros. Para o processo de ensino, a distância, não tem nenhuma aplicação, mas pode ser fundamental para professores e alunos se ambientarem com o Teleduc.

A Ferramenta seguinte, "Dinâmica do Curso" é usada para que o professor apresente, por exemplo, a ementa da sua disciplina e que esta fique disposta ao longo do curso. Talvez o fato de ser chamado assim seja mais usual na instituição de origem do Teleduc (Unicamp), mas no ponto de vista acadêmico poderíamos chamá-la de Ementa da disciplina.

Na IES_EAD, de acordo com a CEAD-IES_EAD (Coordenadoria de Ensino a Distância da IES_EAD), esta ferramenta é usada para cada disciplina ministrada apresentar o plano de ensino do curso, da mesma forma que os professores fazem no primeiro dia de aula, quando presencial. A CEAD instrui seus professores-tutores para que apresentem nesta ferramenta a ementa do curso completa, desde a própria ementa até a bibliografia que será utilizada na disciplina.

A Ferramenta "Agenda". Uma das mais importantes, se considerarmos que a organização dos eventos da disciplina são cruciais para bom andamento da disciplina. Sempre que acessamos o Teleduc esta ferramenta é apresentada imediatamente, com o intuito de demonstrar aos alunos quais serão seus próximos passos dentro do ambiente. Se houverem leituras ou atividades a serem cumpridas

em determinado período, será esta a informação que os alertará quando isso deverá ocorrer. Para professores-tutores que não possuem muitas idéias de como preencher esta ferramenta, é sugerido que os mesmos coloquem seus planos de aula, com todas as informações previstas para a disciplina ao longo do período letivo.

A Ferramenta "Atividades". Esta ferramenta permite que o Professor-Tutor disponibilize aos alunos alguma atividade proposta na disciplina.

FIGURA 2: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ATIVIDADES" NO TELEDUC - IES_EAD - VISÃO DO PROFESSOR-TUTOR

FONTE: CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

Da forma como demonstra a figura 2 (anterior), a ferramenta possibilita que o professor-tutor disponibilize ao aluno informações para a tarefa que deva ser feita. Em "Título" é colocado a descrição da atividade. Em comentário, informações acerca desta atividade que podem variar de acordo com as necessidades previstas pelo professor-tutor. Mais abaixo é possível colocar complementos a essa atividade,

como anexos textos anexos, endereços de referência da internet. Nesta ferramenta também é possível incluir uma forma de avaliação, onde uma ferramenta específica ("Avaliação") faz o controle e disponibiliza um formulário para anotações de notas para atividades específicas e assinaladas para tanto.

Ainda, dentro da ferramenta, é possível configurá-la para ser acessível aos alunos em determinado tempo. O item "compartilhar" (compartilhar com formadores / totalmente compartilhado), quando assinalado "compartilhar com formadores" significa que só será visto por professores-tutores com acesso à disciplina. Isto possibilita ao professor-tutor programar todas suas atividades previstas e no momento oportuno alterar e assinalar "totalmente compartilhado" deixando às vistas dos alunos.

A visão do aluno, após disponibilizada essa ferramenta fica da seguinte forma, conforme a figura 3 a seguir:

FIGURA 3: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ATIVIDADES" NO TELEDUC - IES_EAD - VISÃO DO ALUNO

Atividades - Ver Atividade		
Raiz >> Atividades 1o Bimestre Busca Ajuda		
Atualizar Atividades Ver Outros Itens		
Título	Data	Compartilhar
 Atividade - Aulas 7 e 8 (16/08 a 22/08)	19/08/2008 02:22:14	Totalmente Compartilhado
Comentário Atividades: - Ler Atentamente (em Material de Apoio) as aulas 7 e 8 referente a esta semana. - Resolver os exercícios (anexo) e postar em seus respectivos PORTFÓLIOS. p.s. Se necessário, busquem outras bibliografias para complementar seus entendimentos - qualquer livro de "Manual de Economia", "Fundamentos de Economia", "Introdução à Economia" ou "Princípios de Economia". Qualquer disponível na biblioteca da Universidade.		
Dúvidas: Mandem mensagem pelo "Correio" Abraços e bom estudo a todos.		
Arquivos exercícios I - 1o bi.doc		

FONTE: CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

A ferramenta "Material de apoio" é usada, como o próprio nome diz, para

apoio às atividades propostas. Da mesma forma a ferramenta "Leituras" também é própria para apoio às atividades. Por serem ferramentas similares e com as mesmas configurações de programação da ferramenta "Atividades" podem ser utilizadas de acordo com o critério do professor-tutor e conforme suas atividades.

Na figura 4 a seguir apresentamos o layout da ferramenta "Material de Apoio" disposta aos alunos.

FIGURA 4: LAY-OUT DA FERRAMENTA "MATERIAL DE APOIO" NO TELEDUC - IES_EAD - VISÃO DO ALUNO

Material de Apoio - Ver Material de Apoio			Busca	Ajuda
Raiz >> 1º Bimestre				
Atualizar	Material de Apoio	Ver Outros Itens		
Título	Data	Compartilhar		
 Aulas 1 e 2 (Presencial - 26/07/2008)	25/08/2008 00:54:56	Totalmente Compartilhado		
Comentário				
Pessoal, Anexo, o conteúdo do que foi ministrado em nossa primeira aula (presencial) dia 26/07.				
*Caso não possuam o Acrobat Reader (Para leitura de documentos .pdf), cliquem no link abaixo (Acrobat Reader), baixem o arquivo (download) e instalem em seus respectivos computadores.				
Arquivos				
 Aulas 1 e 2 - Economia - 1º bi.pdf				
Endereços da Internet				
Acrobat Reader (documentos .pdf) (http://ardownload.adobe.com/pub/adobe/reader/win/8.x/8.1.2/ptb/AdbeRdr812_pt_BR.exe)				

FONTE: CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

A ferramenta "Perguntas Frequentes" é utilizada para suprir dúvidas que são repetitivas em todos os cursos dentro do ambiente. Podem variar de acordo com o acompanhamento da disciplina no Teleduc. Podem também conter informações de ordem técnica, como o uso do ambiente, acesso, etc. É uma ferramenta configurada exclusivamente pelo professor-tutor ou apoio pedagógico (coordenador) que acompanha o curso. Não há opções com diversas configurações, como nas demais ferramentas, apenas nomeação e descrição do conteúdo.

A ferramenta "Parada obrigatória", de uso comum entre professores e

alunos, pode ter dois usos, até então conhecidos desde sua concepção. Pode ser usada para dar uma pausa nas atividades e ser usado como um fórum entre os participantes, com o intuito de esclarecer qualquer dúvida que tenha permanecido no andamento das atividades. Outra característica é que pode ser usada, também em forma da fórum, para destaque e observações pelos professores acerca das atividades em andamento.

Vale frisar que esta, entre outras ferramentas podem ficar ocultas no ambiente, por opção da administração da disciplina (professor-tutor ou coordenador), ou seja, pode ser considerada uma ferramenta supérflua para algumas disciplinas e assim não ser utilizada. No Teleduc, de acordo com sua concepção e configuração geral do ambiente, a maioria das ferramentas podem ficar ocultas, deixando apenas as que são realmente importantes, conforme critério, como dito, da administração do ambiente. Apenas as ferramentas que são consideradas como essenciais e obrigatórias ("Estrutura do Ambiente", "Dinâmica do Curso", "Agenda", "Configurar", "Administração" e "Suporte") estão disponíveis e não há possibilidade de "escondê-las" no ambiente.

A ferramenta "Mural" é utilizada para que todos possam fazer uma interação diferente do proposto pela disciplina. É como um tipo de mural de recados onde todos têm a possibilidade de deixar uma mensagem, pertinente ou não à disciplina em andamento. Acreditamos que esta ferramenta seja a versão digital dos quadros de recados que conhecemos nos corredores ou salas de aula.

A ferramenta "Fóruns de Discussão" é utilizada para debate da disciplina, de acordo com a temática corrente no curso. É por essa ferramenta que o professor-tutor se comunica com seus alunos testando o envolvimento de cada um com as atividades propostas. Ferramenta similar a essa na Internet pode ser vista em sites

como Twitter, Orkut, entre outros, dos quais são conhecidos como blogs⁷, ou fórum de discussão contínuo, em tempo distinto de cada participante.

A ferramenta "Bate-papo", também conhecida como "reunião on-line" é utilizada para comunicação textual com os alunos em tempo real. A ferramenta, no Teleduc, possibilita ao professor-tutor marcar dia e horário para que todos os alunos, e professor, acessem a ferramenta no mesmo instante e troquem mensagens instantâneas. Similar a esta ferramenta existem outras na Web com esse único objetivo, talvez um pouco mais completas, dando a possibilidade de comunicação, além de textual, por voz e imagem. Exemplo: Microsoft Messenger, Skype, etc.

A ferramenta "Correio" é utilizada como um correio eletrônico (e-mail) interno. Da mesma forma que utilizamos outras ferramentas similares para correio eletrônico (Outlook, Eudora; Webmail) ela é utilizada. Nesta ferramenta são dispostas as mesmas opções que conhecemos em um correio eletrônico tradicional, como destinatário, assunto, textos e anexo. Sua única limitação, assim como todas as demais ferramentas apresentadas, é quanto ao uso de anexos com imagens e sons. Na ferramenta "Correio" do Teleduc só é possível disponibilizar textos e sem formatação (tamanho e tipo de fonte, espaçamento, etc).

Nesta ferramenta correio a comunicação é apenas entre os participantes da disciplina, ou seja, só é possível enviar ou receber mensagens dos alunos e professores que estão cadastrados no curso. Um item exclusivo do professor-tutor (opção disponibilizada apenas à ele) é a possibilidade de enviar a mensagem redigida aos destinatários escolhidos (cadastrados no ambiente) com cópia para seus respectivos e-mails externos ao ambiente, previamente cadastrados no

⁷ Na Web, serviço que permite ao internauta criar e manter uma página em que as informações são apresentadas em ordem cronológica reversa (as mais recentes aparecem primeiro), tendo cada publicação sua data e hora de inserção, e tb. um espaço onde outros internautas podem incluir comentários associados (AURÉLIO, 2009).

ambiente.

A ferramenta "Grupos" é utilizada para formação de grupos de alunos. Através desta ferramenta o professor-tutor determina o nome dos grupos e os alunos que comporão esse grupo. Uma vez que os grupos são criados, em outras ferramentas que apresentam os alunos (correo e portfólio), o professor poderá classificá-los pelo nome do grupo. Como exemplo, enviar uma mensagem pelo "Correio" ao grupo, onde todos os alunos, deste grupo, receberão essa mensagem.

A ferramenta "Perfil" é utilizada para identificar os alunos e professores no ambiente. Identificação dada conforme o próprio usuário (aluno ou professor-tutor). Nesta ferramenta há possibilidade de anexar uma foto digital.

A ferramenta "Diário de Bordo" é utilizada, tanto por alunos como professores-tutores, para um registro próprio. São utilizadas como um tipo de *blog* para que o usuário demonstre suas experiências no ambiente, conforme o andamento da disciplina. Por esta ferramenta o aluno pode deixar sua mensagem no ambiente (o usuário é identificado nesta mensagem) e disponibilizar para todos, apenas para alunos ou apenas para professores-tutores (Formadores).

A ferramenta "Portfólio", como o nome já diz, é onde os professores-tutores e alunos, mais precisamente os alunos, possam deixar seus materiais conforme solicitado, como exercícios ou trabalhos solicitados. A configuração desta ferramenta é similar as de "Atividades, Material de Apoio e Leituras", com uma opção "Comentário". Esta opção está disponível para todos, após o registro ter sido feito no portfólio, para que outros alunos e professores-tutores possam registrar comentários. Um exemplo prático seria o seguinte: O aluno registra uma resposta ao exercício proposto pelo professor-tutor, colocando título desta atividade, descrição e anexos, quando necessário. Uma vez registrado, o aluno pode deixar em aberto, sem

disponibilizar a ninguém, disponível apenas ao seu professor ou disponível para todos. Uma vez registrada a atividade e visivelmente disponível ao professor-tutor, este pode verificar a data em que o aluno finalizou o registro e postar seus comentários e até mesmo a avaliação (nota) desta atividade.

Através da ferramenta "Acessos" o professor-tutor tem a possibilidade de controlar os acessos dos alunos, ou seja, a quantidade de acessos que o aluno efetuou no ambiente, a última data que este acessou, datas e horários que o aluno acessou cada ambiente pela última vez em cada. A seguir, nas figuras 5 e 6 apresentamos de que forma estas informações podem ser dispostas pela ferramenta.

FIGURA 5: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ACESSOS" NO TELEDUC - IES_EAD - DATAS E HORÁRIO DE ACESSO PELA ÚLTIMA VEZ

Acessos - Relatório de Acessos às Ferramentas	
Ferramenta:	Entrada no ambiente
Usuário:	Cead
Período:	02/12/2009 a 17/12/2009
Data	Horário
14/12/2009	15:43:59
15/12/2009	22:27:25
17/12/2009	21:51:48
	22:44:04
Total de acessos: 4	
Salvar em arquivo	Imprimir
Fechar	

FONTE: CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

FIGURA 6: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ACESSOS" NO TELEDUC - IES_EAD - DETALHES DE UMA DETERMINADA DATA E OS HORÁRIOS DE ACESSO EM CADA FERRAMENTA

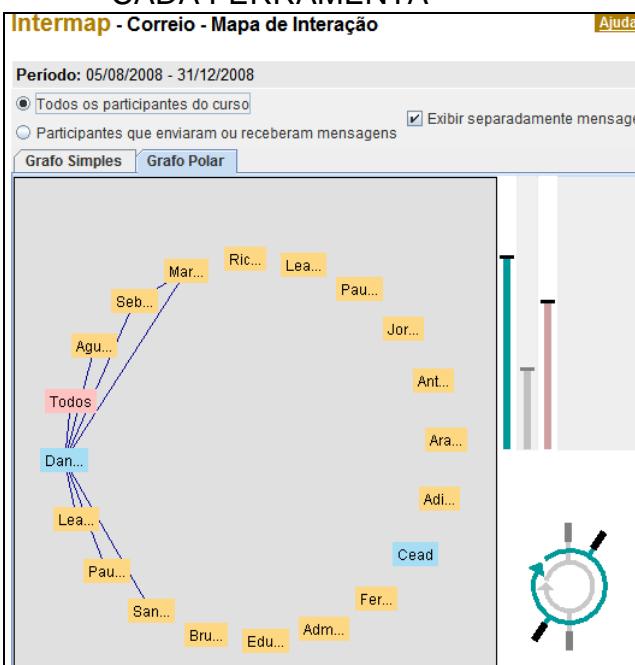
Acessos - Relatório de Acessos às Ferramentas		
<u>Cead</u>		
Data	Horário	Usuário:
14/12/2009	15:43:59	Entrada no ambiente
14/12/2009	15:44:00	Agenda
14/12/2009	15:44:04	Material de Apoio
14/12/2009	15:44:06	Atividades
14/12/2009	15:44:47	Material de Apoio
14/12/2009	15:46:02	Atividades
14/12/2009	15:47:13	Avaliações
14/12/2009	16:13:50	Perguntas Frequentes

[Salvar em arquivo](#) [Imprimir](#) [Fechar](#)

FONTE: CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

A ferramenta "Intermap" demonstra em tabela ou gráfico da interação entre os participantes do ambiente (professor-tutor, coordenador e alunos) no uso da ferramenta "Correio". A seguir, na figura 7, apresentamos o layout da informação gerada pela ferramenta:

FIGURA 7: LAY-OUT DA FERRAMENTA "ACESSOS" NO TELEDUC - IES_EAD - DETALHES DE UMA DETERMINADA DATA E OS HORÁRIOS DE ACESSO EM CADA FERRAMENTA



FONTE: CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

A ferramenta "Administração", disponível apenas para o professor-tutor ou coordenador, disponibiliza algumas ferramentas próprias da administração do ambiente, como:

- Visualizar dados do curso: informações com data de início e fim do curso, das quais deixarão o link de acesso ao curso disponíveis no menu geral do Teleduc.
- Visualizar/Alterar cronograma do curso: Possibilita alterar datas previstas no cronograma do curso.
- Escolher ferramentas do Curso: Nesta opção o professor-tutor escolhe quais ferramentas quer que estejam disponíveis (visível) e quais não quer. Como exemplo, caso o professor não ache relevante que a ferramenta "Diário de bordo" fique disponível, este pode configurar para que ela não faça parte do menu nesta disciplina.
- Destacar Ferramentas: Nesta opção o professor pode escolher quais as ferramentas que terão um destaque especial (uma seta em forma de mão) que aponta para uma determinada ferramenta, sinalizando que esta é uma ferramenta essencial ou obrigatória no curso, tanto para leitura como para uso.
- Inscrever Alunos: Nesta opção o professor-tutor ou coordenador podem cadastrar alunos para acesso ao ambiente, partindo de um *login* (nome do usuário) e e-mail que receberá a informação da possibilidade de acesso.
- Inscrever Convidados: Além de alunos, professores-tutores e coordenadores poderem acessar a disciplina em andamento, há também

um terceiro usuário que o professor-tutor pode cadastrar. Este convidado acessa da mesma forma que os demais, mas sua visão do ambiente é como se fosse aluno, só que sem qualquer acesso ou possibilidade de interação no mesmo. Ou seja, apenas como visitante.

- Gerenciamento de Inscrições, Alunos, Formadores e Convidados: Nesta opção o professor-tutor pode gerenciar os alunos e convidados (ou formadores cadastrados pelo coordenador) que inscreveu ou que se inscreveram espontaneamente, determinando se este terá acesso ou não, ou então poderá eliminar o acesso anteriormente permitido.
- Enviar Senha: Através desta opção o professor-tutor reenvia a senha de acesso ao aluno que por algum motivo tenha perdido.

Das ferramentas que destacamos aqui, nem todas são usuais a todos os professores-tutores, onde cada um poderá escolher de acordo com a sua forma de ensino, aplicada à disciplina que ministra. Para termos uma visão generalizada da aplicação prática destas ferramentas, apresentamos a seguir um quadro com as ferramentas justamente com sua função no ambiente e como poderia ser aplicada ao ensino, conforme instruções da própria CEAD-IES_EAD para os professores-tutores nos cursos de treinamento para o uso do Teleduc:

QUADRO 2: RESUMO DO USO DAS FERRAMENTAS DO TELEDUC

FERRAMENTA	FUNÇÃO NO AMBIENTE	APLICAÇÃO NO ENSINO
<i>Estrutura do Ambiente</i>	Usado como informativo de todas as ferramentas do ambiente.	Não tem aplicação prática para aulas.
<i>Dinâmica do Curso</i>	Usado para dar informações sobre os objetivos do curso ministrado.	Ementa do curso. Plano de Ensino.
<i>Agenda</i>	Primeira página exibida ao entrar no sistema. Exibe a agenda de atividades programadas para o curso.	Utilizada para apresentação do conteúdo da aula de cada período (semana, bimestre, etc.).
<i>Atividades</i>	Ferramenta de apresentação das atividades.	Usada para apresentar e disponibilizar exercícios e atividades aos alunos. Possibilita deixar instruções detalhadas

		da atividade e ainda disponibilizar textos e arquivos anexos.
<i>Material de Apoio</i>	Apresenta informações à temática do curso.	Com um layout similar ao das atividades, disponibiliza outros materiais para suporte às atividades apresentadas.
<i>Leituras</i>	Leituras diversas relacionadas ao curso.	Similar ao material de apoio.
<i>Perguntas Frequentes</i>	Disponibiliza as perguntas mais frequentes relacionadas ao curso ou operação do sistema.	Esta ferramenta pode ser usada para responder a questões pertinentes às tarefas e que sejam mais frequentes ou consideradas relevantes pelo professor.
<i>Parada obrigatória</i>	Usada para reflexões dos participantes.	Pode ser usada tanto para uma pausa para reflexão ou destaque de mensagens importantes.
<i>Mural</i>	Usada para que todos possam deixar mensagens.	Ajuda a manter uma interatividade entre os participantes.
<i>Fóruns de Discussão</i>	Ferramenta para interação entre os participantes. Possibilita a comunicação e debate entre os alunos e professores através de mensagens.	Usado para criar tópicos de discussão entre os participantes através de debates.
<i>Bate-Papo</i>	Usado para conversas em tempo real. Similar a um <i>chat</i> na internet.	Usado para marcar reuniões entre professor e alunos para debaterem em tempo real o conteúdo da disciplina, ou simplesmente para esclarecimento de dúvidas.
<i>Correio</i>	Ferramenta de correio eletrônico interno. Os alunos e professores trocam mensagens como em um e-mail comum.	Usado pelo professor principalmente para mensagens dirigidas a um ou mais alunos. O mesmo para os alunos entre si ou para o professor. As mensagens enviadas pelo professor podem ser encaminhadas para e-mails externos (comuns) dos alunos.
<i>Grupos</i>	Para criação de grupos entre os alunos.	O professor administra a formação dos grupos para atividades.
<i>Perfil</i>	Usado para os alunos se apresentarem individualmente, com opção de fotos.	Usado para que os alunos e professores se conheçam e mantenham uma ligação mais “humana”.
<i>Diário de Bordo</i>	Usado para que os alunos registrem suas experiências ao longo do curso.	Pelo diário de bordo o professor pode monitorar o grau de aprendizagem e de dificuldade de cada aluno.
<i>Portfólio</i>	Espaço reservado aos alunos para deixarem seus materiais, como exercícios e trabalhos propostos nas atividades. Funciona como uma espécie de “pasta” particular do aluno.	Através desta ferramenta o professor pode acessar os textos e arquivos disponibilizados pelos alunos para correções. No mesmo espaço o professor pode deixar comentários sobre o conteúdo.
<i>Acessos e Intermap</i>	Usado para avaliar a participação e interação do aluno. (Acessos, freqüência, etc.).	Não tem aplicação prática nas aulas. Sua função é mais para avaliação.
<i>Administração</i>	Usado para personalização do ambiente.	Através desta ferramenta o professor administra o ambiente, determinando, por exemplo, que ferramentas estarão disponíveis na sala de aula virtual.

FONTE: Manual de Operação da CEAD-IES_EAD para professor-tutores do Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

Como se pode ver, através do uso destas ferramentas o professor pode planejar e executar suas aulas e a aplicação de cada uma delas poderá dinamizar o processo de ensino e aprendizagem a distância.

Uma vez conhecidas as ferramentas do ambiente virtual de aprendizagem, é possível comparar o planejamento do conteúdo de uma disciplina ministrada presencialmente à sua forma a distância.

O quadro a seguir demonstra um exemplo da aplicação prática de uma aula a distância, conforme previsto, por exemplo, em um plano de ensino e aula, próprio para o ensino presencial, adaptado de forma ao melhor entendimento da exemplificação no ambiente Teleduc. Também no mesmo quadro uma comparação com a dinâmica de como seria visto em sala de aula presencial.

QUADRO 3: APLICAÇÃO DE UM PLANO DE ENSINO COM AS FERRAMENTAS DO TELEDUC, COMPARADO COM O ENSINO PRESENCIAL

CONTEÚDO DO PLANO DE ENSINO E AULA	FERRAMENTA QUE PODE SER UTILIZADA NO TELEDUC	SALA DE AULA PRESENCIAL
Planos e Ementa da Disciplina.	O professor insere no ambiente através da ferramenta “Dinâmica do Curso”.	Disponível na ementa do curso. Pode ser apresentada pelo professor verbalmente, quadro negro ou retroprojetor.
Bibliografia.	<i>Leituras</i>	Também disponível na Ementa do curso.
Plano de Aula.	<i>Agenda</i>	Pode ser apresentada pelo professor em sala de aula como um cronograma da disciplina.
Apostila digital própria do curso, ou Material de Apoio às Atividades (Obrigatório nas atividades).	<i>Material de Apoio</i>	Referências de livros ou periódicos. Fotocópias de partes de livros.
Apresentação de Tarefas (Leituras obrigatórias, trabalhos dos módulos, atividades em geral que façam parte da avaliação).	<i>Atividades</i>	Apresentado verbalmente em sala de aula ou em quadro negro.
Reunião (Fórum em tempo real).	<i>Bate-Papo</i>	A aula expositiva já possui tais características de diálogo, mas com vantagens superiores pelo contato direto com os alunos.
Discussões do conteúdo da disciplina em geral. (Informações complementares às tarefas, regras	<i>Fórum de Discussão</i>	A aula expositiva também já possui tais características de diálogo.

das atividades, dúvidas, etc.)		
Dúvidas comuns ou relevantes do ambiente Teleduc.	Perguntas Frequentes	Aulas presenciais dispensam esta dinâmica. Por estarem presentes, as perguntas e respostas, quando necessárias, são sanadas em tempo real.
Trabalhos Individuais – Entrega ao professor em forma de arquivo.	Portfólio	Pessoalmente – Impresso.
Trabalho em Grupo – Entrega ao professor.	Portfólio: Grupos	Pessoalmente, pelo representante do grupo – impresso.
Outras mensagens – geral ou particular aos Professores, Grupos e Alunos.	Correio	Avisos em sala de aula ou uso de correio eletrônico pessoal.

FONTE: Manual de Operação da CEAD-IES_EAD para professor-tutores do Ambiente Teleduc de Ensino a Distância.

Segundo Silveira (2006), se compararmos uma aula em um AVA e uma aula ministrada presencialmente, veremos que a distância, a necessidade de ferramentas ou meios interativos são importantes para, no mínimo, suprir a possível falta de interatividade entre professor e alunos.

O Teleduc, por ser um sistema básico em sua apresentação, ou seja, por não possuir muitos recursos visuais (mais textuais), pode ser usado para uma primeira adaptação do docente aos ambientes virtuais de aprendizagem. Com tantos recursos que a informática e tecnologia nos oferecem, a falta de recursos visuais, como ícones e símbolos, comuns nos atuais sistemas operacionais aos quais estamos tão acostumados (Windows, Linux, etc), podem confundir um pouco os professores e alunos. Ícones e símbolos podem não parecer muito importantes, mas a nossa própria prática no uso de computadores demonstra que são realmente essenciais. Como exemplo, sempre que buscamos acessar as pastas de nosso computador, geralmente clicamos no ícone com forma de computador, intitulado “Meu computador” no sistema operacional Windows. Mas não lemos cada *label* para acessá-lo, procuramos visualmente o ícone e clicamos rapidamente. Se tivéssemos que ler cada ícone, todos com a mesma imagem, esse processo demoraria um

pouco mais. Dez segundos talvez, mas entre tantos cliques, esses dez segundos pode fazer diferença no tempo que necessitamos para efetuar o que realmente é importante, acessar um documento ou criá-lo. Vale lembrar o que afirmou Franco (2003) e que citamos em capítulo anterior, "...o computador é uma máquina semiótica". Entendo que esses dizeres significam que o progresso tecnológico fez do computador uma máquina semiótica, considerando sua operação, justamente para através de sinais, símbolos e desenhos otimizarmos o acesso a ferramentas de forma mais amigável e principalmente mais rápida.

4. TUTORIA NO TELEDUC

Os professores que operam atualmente o ambiente (AVA) Teleduc na IES_EAD para ministrar suas aulas a distância, apesar de possuírem seus próprios métodos de fazê-lo no Teleduc, seguem algumas diretrizes básicas, ainda não oficiais (sem publicação oficial), para operação do ambiente, ou seja, de como devem proceder para aplicar suas aulas no Teleduc. Essas diretrizes são passadas aos professores que iniciam suas tutorias através do curso de preparação de professores para o EAD pelo do Teleduc (curso oficial da IES_EAD com certificação de 60 horas por módulo) e também por treinamentos específicos para aplicação de uma disciplina a distância específica.

Para exemplo do processo de aulas a distância ministradas através do Teleduc, falaremos dos procedimentos utilizados por professores para a disciplina de Metodologia Científica da IES_EAD, disciplina essa ofertada totalmente a distância, mas com orientações de encontros presenciais para abertura da disciplina e provas regimentais. Para proteger informações confidenciais da CEAD-IES_EAD em relação ao acompanhamento das aulas pela coordenadoria, não divulgaremos nomes de professores, mas informamos que para composição deste procedimento foram feitos e analisados questionários com todos os professores que ministraram suas aulas a distância na disciplina de Metodologia Científica, treze no total, no período de Fevereiro a Junho de 2009, dos quais obtivemos sete respostas.

4.1. O PROFESSOR-TUTOR SEGUNDO A CEAD-IES_EAD

Segundo a Professora Entrevistada_2 (Entrevista em 24/08/2009),

Pedagoga pela PUC-PR, Mestre em Engenharia da Produção pela UFSC e assistente técnico e pedagógico da CEAD-IES_EAD, a oferta da disciplina inicia como as demais presenciais, ou seja, desde seu projeto pedagógico até o seu início oficial. Segundo a professora, para que a disciplina inicie é necessário que os professores que foram designados por seus respectivos coordenadores, façam um curso de atualização do uso do Teleduc. Frisa que é fundamental que o professor seja credenciado para o uso do ambiente (certificação da CEAD no curso de preparação de professores para EAD). O curso de atualização é opcional, dado aos professores que não tiveram quase nenhuma prática no Teleduc.

Antes ainda de iniciar o curso, os professores são orientados para encaminharem à CEAD-IES_EAD seus respectivos planos de ensino e aula (da mesma forma como fazem aos seus coordenadores no início de cada ano letivo) e com objetivo específico para aulas no Teleduc (a distância). Caso a CEAD-IES_EAD constate que o plano de ensino não está devidamente preenchido para o formato do curso, este é orientado a refazê-lo da forma correta.

Segundo o Professor Entrevistado_1 (entrevista em 24/08/2009), coordenador da CEAD-IES_EAD, uma vez que o plano de ensino e aula é entregue, desde que correto, segundo as orientações da coordenadoria, o próprio professor acessa as ferramentas administrativas do Teleduc, de qualquer lugar através da internet, e abre a sala de aula no Teleduc, informando o título que aparecerá no menu de cursos do Teleduc, a data de início e de final do curso, entre outras informações próprias para abertura.

Assim que o curso esteja disponível no ambiente Teleduc, o professor que fará a tutoria do ambiente, professor oficial da disciplina, é informado para acessar e configurar sua sala de aula virtual, conforme estabelecem os critérios de uso do

Teleduc (segundo a CEAD) e em conformidade com o disposto no seu plano de ensino e aula.

Como exemplo desse procedimento usaremos o modelo de um professor , disponibilizado pela CEAD-IES_EAD. A CEAD-IES_EAD não informou o nome do professor, como próprio da pesquisa em que há princípios de preservação das fontes, mas garantiu que é professor da IES_EAD há mais de cinco anos, habilitado para a disciplina e com formação superior em nível de Mestrado. A CEAD-IES_EAD informou ainda que as informações sobre o curso são críveis e que o procedimento foi considerado pela CEAD-IES_EAD um dos mais corretos e em conformidade com as orientações da coordenadoria. (cópia das orientações oficiais vide Anexo II)

Neste exemplo, segundo a CEAD-IES_EAD, o professor acessou o ambiente uma semana antes do início da disciplina e configurou o Teleduc de acordo com as orientações que recebeu e com base no seu plano de ensino, iniciando pelo seu próprio perfil. (ferramenta que disponibiliza aos alunos foto e currículo do professor). Na sequência preencheu a ferramenta "Dinâmica do Curso" onde colocou em anexo apenas o seu plano de ensino.

Em seguida preencheu a ferramenta "Agenda", onde colocou seu plano de ensino. Segundo o professor Entrevistado_1, a agenda foi preenchida com uma cópia do plano de aula do professor com algumas modificações que davam destaque como uma agenda. O plano previa a data das aulas prevendo atividades no Teleduc e nos encontros presenciais, que neste caso ocorreriam na abertura do curso, uma semana antes de cada prova regimental e no dia da prova, que no caso eram duas, uma por bimestre.

Na sequência preencheu a ferramenta "Atividades" postando a primeira atividade aos alunos que era a de buscarem nos laboratórios de informática da

instituição o material de apoio à disciplina que tratava-se de um programa específico e interativo sobre metodologia científica.

Do primeiro acesso ao Teleduc o professor limitou-se a essas ferramentas e só voltou a acessá-lo após sua primeira aula da disciplina, que fora presencial. Nesta aula presencial, além das apresentações do professor e detalhes da disciplina o professor focou a aula especialmente para orientar os alunos no uso do ambiente Teleduc e para cadastrar seus nomes e respectivos endereços eletrônicos (e-mail) no ambiente.

Após a aula, o professor acessou novamente o ambiente, conferiu os alunos que faltavam para cadastrar e colocou na ferramenta "Atividade" a primeira atividade oficial do curso, que era a leitura de um artigo próprio para a disciplina. O artigo, conforme orientou na ferramenta "Atividade", colocou em "Material de Apoio" do Teleduc. Ainda como orientação descrita na ferramenta "Atividade", abriu uma discussão no "Fóruns de Discussões", referente a uma discussão própria sobre o artigo. Usando a ferramenta "Correio" o professor enviou mensagem aos alunos informando da disponibilidade da Tarefa e pedindo a participação de todos ao fórum, dizendo ser fundamental para a próxima atividade prevista (próxima aula). Orientou ainda que esta atividade não teria peso na avaliação dos alunos, mas que seria fundamental a participação para compreensão da atividade seguinte, que seria avaliada e com peso no bimestre. Também orientou que disponibilizaria durante a semana alguns links da internet e bibliografias referentes a leituras complementares, na ferramenta "Leituras".

De acordo com relatos desse professor o período mais dedicado ao ambiente se dá antes do início das aulas e até duas semanas depois, devido à necessidade de deixar essas ferramentas prontas para aplicação durante o período

letivo.

Como observa o professor Entrevistado_1 essa constatação do professor não é particular da sua turma ou dele próprio, mas de todos os professores. Diz que além desse professor outros mais também relataram informações similares quando perguntados. Diz o professor Entrevistado_1 que isso era de se esperar, pois nos cursos de treinamento de professores para tutoria isso também era observado pelos formadores dos cursos.

O professor Entrevistado_1 diz ainda que todas as vezes que inicia uma palestra ou orientação em grupo sobre o assunto, frisa bem a questão da atenção e trabalho do professor-tutor nas três primeiras semanas. Ele observa que é necessário que o aluno, quando acessar o ambiente, veja-o o mais completo possível, com atividades, agenda e até discussões iniciadas. Qualquer "deslize" por parte do professor-tutor acarretará em descontentamento do aluno no ambiente. Diz o professor Entrevistado_1 que: "O aluno quando não encontra nada que o oriente no ambiente tem a sensação de que não há muito o que se fazer e ainda uma sensação de abandono".

O que se pede aos professores-tutores é que criem seus próprios cronogramas nos planos de ensino e aula, pois através deste documento a própria CEAD constata se há questões que possam desanimar o aluno ou criar problemas aos próprios professores.

Informa ainda que, apesar de muitos planos de ensino e aula estarem completos quando arquivados na CEAD, há muitos professores que não seguem exatamente o que planejam, constatação ao final dos cursos através de entrevistas e questionários da própria CEAD.

Existem outras questões e informações acerca do levantamento da CEAD em relação à tutoria, mas como se trata de outras atividades, algumas não oficiais e outras apenas de apoio, não quisemos transcrever aqui neste trabalho.

Das entrevistas com o professor Entrevistado_1 e a professora Entrevistada_2, destacamos algumas questões que foram fundamentais e que pudemos comprovar por meio de questionários preenchidos pelos professores-tutores da disciplina de Metodologia Científica a distância.

Esses questionários foram aplicados oficialmente pela CEAD, com acompanhamento nosso na sua concepção e coleta de resultados.

A seguir, descreveremos mais sobre esses questionários cedidos pela CEAD para composição do trabalho, desde que não fosse mencionado o nome dos professores ou quaisquer características que pudessem identificá-los de uma forma ou de outra. Esses questionários, aos quais fizemos nossas próprias avaliações, são base que sustentam o que nos informou até então a CEAD, confirmando as declarações explanadas.

4.2. TUTORIA NO TELEDUC - RESULTADOS DA PESQUISA

4.2.1. Questionário de pesquisa

No período de 6 a 31 de julho de 2009, foi aplicado um questionário aos professores-tutores referente à disciplina a distância "Metodologia Científica" com o intuito de conhecer a atuação do professor nos ambientes virtuais de aprendizagem, bem como a sua visão para os pontos fortes e pontos fracos, justificados pelas suas respostas.

No total foram 21 disciplinas e 13 professores-tutores. Desses treze professores, apenas 7 responderam aos questionários.

Os questionários compreendiam oito questões formuladas para informação e opinião dos professores. As questões referentes a opinião dos professores eram abertas para este ter a liberdade de se expressar de acordo com seu ponto de vista. Outras também eram objetivas, pois se tratavam de informações técnicas acerca do curso.

Mas para que essas questões abertas ficassem claras, complementamos com outras que pediam justificativas às anteriores, fechando conclusões mais homogêneas e focadas no objetivo principal.

As questões aplicadas nos questionários foram as seguintes:

- Quantos alunos estão cadastrados na sua disciplina?

Esta questão objetiva compreendia 5 respostas a serem assinaladas com as seguintes respostas: Mais de 80; entre 60 e 80; entre 40 e 60; entre 20 e 40; menos de 20.

De acordo com a resposta do professor para esta questão seria possível compreender qualquer dificuldade em relação à participação dos alunos e dificuldades em correção de trabalhos. Apesar de todos os professores ministrarem a mesma disciplina, embora em cursos diferentes, alguns poderiam ter, além de uma baixa participação e interesse dos alunos, ainda uma carga excessiva além da prevista pela própria disciplina, pela quantidade de alunos que despendia atenção nas avaliações.

- Quais as maiores dificuldades encontradas em administrar suas aulas?

Esta questão era aberta, mas compreendia três faixas de resposta para manter o objetivo do questionário, como: "Com relação aos alunos"; "Com relação ao sistema" (Teleduc); "Com relação à disciplina".

Embora o professor pudesse apontar suas dificuldades para essa questão e suas três subquestões, a questão seguinte pedia uma justificativa, para que fosse possível entender a origem do problema, bem como a possibilidade de autonomia do professor enquanto tutor da disciplina, para questões-problemas previstos ou imprevistos. A questão era a seguinte:

- De que forma você agiu para solucionar cada um desses problemas?

Esta questão aberta, como a anterior, também compreendia três respostas dirigidas e cada uma focada no objeto proposto: "Com os alunos"; "Com o sistema"; "Com a disciplina".

- Como você classificaria a aceitação dos alunos quanto ao Teleduc no andamento da disciplina de Metodologia Científica?

Esta questão, objetiva, sugeria cinco respostas possíveis: Muito boa; Boa; Razoável; Ruim; Muito Ruim.

O objetivo desta resposta era compreender, na visão do professor, o interesse e aceitação do aluno à disciplina e a modalidade que fora implementada. Para que a resposta marcada tivesse uma conotação crível, aproximando bem a realidade da visão dos alunos quanto à opinião do professor, a questão seguinte, aberta e única, pedia justificativas em caso de desaprovação. A questão era a seguinte:

- Se sua opção ficou entre "ruim" e "razoável", cite os argumentos dos alunos acerca dessa desaprovação.

Esta questão, além de enriquecer a resposta da anterior, eliminava a possibilidade de prevalecer apenas a opinião do professor, mesmo em relação aos alunos.

- De que forma você avaliou seu aluno no ambiente? Considere como resposta os trabalhos, participação no ambiente e provas regimentais.

Esta questão, aberta, tinha como objetivo principal o de compreender a visão do professor em relação à disciplina a distância comparada a presencial, ou seja, se o professor considerou a disciplina e a avaliou da mesma forma se fosse presencial.

- Quais as principais vantagens e desvantagens que você avaliou no uso do Teleduc? Justifique.

Esta questão, também aberta, buscava principalmente uma possível crítica de modo geral. Ou caso o professor apenas tivesse opinião favorável nas questões anteriores, que demonstrasse nestas linhas algo mais plausível e que justificasse sua visão positiva ou negativa em relação ao ambiente e a disciplina ministrada a distância.

- Qual sua sugestão para melhorias na forma como é aplicada a disciplina com o uso do Teleduc?

Esta questão, aberta, encerrava o questionário buscando mais a experiência do professor em relação a disciplina do que uma sugestão propriamente dita. Acreditamos que esta questão possa ter sido aberta demais, pois sugeriu algumas respostas com informações paralelas e divergentes às esperadas. É o que veremos a seguir na compilação dos dados coletados.

4.2.2. Transcrição dos resultados da pesquisa

Dos questionários respondidos contabilizamos sete professores-tutores com a responsabilidade de atender a mais de 350 alunos no Teleduc para a disciplina de Metodologia Científica, onde 6 professores (cerca de 210 alunos) consideraram a aceitação dos alunos, acerca da disciplina ministrada no Teleduc, como boa; dois

professores (com aproximadamente 140 alunos) consideraram como razoável.

Em uma das classificações "razoável", um dos professores apenas justificou como uma resistência por parte dos alunos à modalidade a distância, sem qualquer outro argumento. Vale destacar nesse mesmo questionário que o professor apontava as maiores dificuldades, em relação aos alunos, como falta de autonomia nos estudos e maturidade. Neste mesmo questionário o professor não conseguiu responder a questão referente à forma com que avaliou seus alunos e que resolveu a maioria dos prováveis desinteresses com aulas presenciais e controle de notas no bimestre. Vale frisar que, esse professor atendeu entre suas turmas, a mais de 80 alunos.

O outro questionário com classificação "razoável", o professor apontou inicialmente como ruim, justificando que os alunos não compreendiam bem o funcionamento do sistema, mas com o passar do tempo todos passaram a operá-lo sem problemas. Outro detalhe apontado pelo professor é em relação a imaturidade dos alunos, por serem do primeiro período não tinham hábitos para organizarem seus estudos, o que o professor descreve como falta de disciplina para estudos e uso do ambiente virtual de aprendizagem.

Apesar da marcação como razoável apontada no questionário, o professor queria deixar claro nas suas observações que todas as dificuldades foram solucionadas, onde os alunos, segundo o professor, criaram hábitos e horários de estudo individualmente e disciplina para o uso do ambiente. O professor destaca ainda que o próprio ambiente "obrigou" os alunos a esses novos hábitos, uma vez que ficaria clara a necessidade de uso do mesmo, sem outras alternativas como aulas presenciais, por exemplo. Uma vez que tenha ficado claro que o professor enfrentou dificuldades em relação aos alunos no começo, destacamos as principais

formas encontradas para solução de início destes problemas e que foram resolvidos ao longo do curso.

Para as dificuldades de uso operacional do sistema o professor marcava aulas presenciais para orientá-los em conjunto ao uso do sistema e os casos de dificuldade e dúvidas solucionava de imediato.

Para as dificuldades com a disciplina diversificava o uso de materiais e estimulava os alunos a buscarem outras fontes de pesquisa sobre o mesmo assunto.

Esse professor tinha cadastrado em sua disciplina de 60 a 80 alunos.

Quanto aos demais questionários (cinco), todos marcaram a aceitação dos alunos como boa, sem qualquer justificativa.

TABELA 1: NÚMERO DE ALUNOS E ACEITAÇÃO DO AVA

ALUNOS	RAZOÁVEL	BOM
Menos de 20	-	-
Entre 20 e 40	-	1
Entre 40 e 60	1	2
Entre 60 e 80	-	2
Mais de 80	1	-

De acordo com a tabela 1, pensamos em aproveitar os dados para calcularmos uma corelação entre quantidade de alunos e aceitação do AVA, porém, a quantidade e variedade de dados seriam insuficientes para determinarmos um coeficiente preciso e confiável. Portanto, optamos pela leitura qualitativa desta tabela, onde chegamos à conclusão que não há um padrão de aceitação dos alunos relacionado com a quantidade de alunos que o professor atendeu no ambiente.

TABELA 2: NÚMERO DE ALUNOS E DIFICULDADES DOS ALUNOS

ALUNOS	SIM	NÃO
Entre 20 e 40	1	-
Entre 40 e 60	2	1
Entre 60 e 80	1	1
Mais de 80	1	-

Dada a tabela 2, determinamos a variável "dificuldades dos alunos - sim ou não" a partir das observações dos professores em relação à questão "Quais as maiores dificuldades encontradas em administrar suas aulas em relação aos alunos?" combinada com a forma para solução desses problemas, descrita na sequência do mesmo questionário. Consideramos como "SIM" as respostas que apontavam dificuldades com estudos e acompanhamento da disciplina. Apontamentos como dificuldades técnicas (acesso, senhas, etc.) não consideramos por se tratarem de questões apenas de ordem técnica e não pedagógica. Embora tenha sua relevância em relação à visão do aluno acerca do ambiente, entendemos pelas justificativas que foram questões facilmente e rapidamente resolvidas, sem onerar a qualidade do aprendizado do aluno.

Pela tabela e pelas respostas nos questionários pudemos observar que, independentemente do número de alunos, a dificuldade desse em relação ao aprendizado no AVA estaria na sua própria inexperiência em pesquisa e até de certa autonomia em seus estudos. Portanto, não há uma relação direta entre um excesso de alunos controlados pelo professor-tutor e a qualidade do processo de ensino. Mas de qualquer forma, entendemos uma necessidade de avaliar esta dificuldade dos alunos com outros dados, como habilidade do professor por exemplo. A hipótese neste caso é apenas de parte inexperiência dos alunos nos estudos

autônomos e do professor em administrar o ambiente, uma vez que era explícita a pouca (ou nenhuma) vivência desses professores com AVAs.

Na relação dos dados e respostas aos questionários pudemos observar outras questões como: ACEITAÇÃO SEM PORMENORES (aceitaram o ambiente sem críticas ou questionamentos mais diretos), FACILIDADE DE PESQUISA COM AS TICS (uso da internet para pesquisa), DIFICULDADES (dificuldades de aprendizado em acompanhar o curso a distância), RESISTÊNCIA AO EAD (sem aceitação ou com críticas), POUCA AUTONOMIA NOS ESTUDOS (dificuldade em buscar a própria formação sem o auxílio direto do professor) que tabulamos da seguinte forma:

QUADRO 4: ACEITAÇÃO SEM PORMENORES, FACILIDADE DE PESQUISA, DIFICULDADES PEDAGÓGICAS, POUCA AUTONOMIA

ACEITAÇÃO SEM PORMENORES	14%
FACILIDADE DE PESQUISA	28%
RESISTÊNCIA AO EAD	28%
DIFICULDADES PEDAGÓGICAS	57%
POUCA AUTONOMIA	71%

Com base nesses dados verificamos que grande parte dos problemas no Teleduc, decorrem das dificuldades dos alunos em acompanhar o curso sem a presença física do professor e da pouca (ou nenhuma) experiência dos alunos em buscarem conteúdos para enriquecimento do assunto, opinião de 57% e 71% dos professores que responderam aos questionários respectivamente.

Voltando ao início da transcrição e análise, tabulamos a pesquisa da seguinte forma:

- Quantidade de alunos: Dois professores possuíam mais de 80 alunos; dois entre 60 e 80 alunos; dois entre 40 e 60 e um entre 20 e 40 alunos.
- Dificuldades na administração das aulas e solução de problemas;

Em primeiro, com relação aos alunos, quatro professores classificaram a falta de hábito de estudo autônomo dos alunos. Em segundo, dois professores apontaram a resistência por parte dos alunos quanto ao uso do sistema Teleduc. Apenas um professor observou a resistência ao EAD. Com relação ao Teleduc, em primeiro, cinco professores apontaram problemas técnicos (senhas perdidas, falta de acesso em determinados horários, etc). Dois professores destacaram a falta de habilidade na operação do sistema e algumas limitações estruturais (tamanho do arquivo anexo, imagens, etc). Apenas um professor apontou o excesso de trabalhos a serem corrigidos. Com relação à disciplina não houve nenhum apontamento de dificuldades.

Como solução dos problemas, em relação aos alunos, em primeiro, três professores foi pelas aulas presenciais. Os demais, cada um com opinião exclusiva, destacaram: conscientização aos alunos da importância da autonomia para a formação; permissão do uso de outras fontes de pesquisa, além das apontadas pelo professor; e frisaram a necessidade de executar as tarefas propostas. Para problemas com o sistema, quatro buscaram solução diretamente com a CEAD e um professor solucionou com aula presencial. Os demais não apresentaram uma solução.

- Avaliação: Dos sete professores questionados, seis aplicaram atividades variadas com o uso da internet para pesquisa, apenas cinco aplicaram provas regimentais (presenciais), um professor aplicou trabalho com apresentação presencial por parte dos alunos, um avaliou pela

contagem dos acessos dos alunos a partir da participação dos fóruns e entrega de trabalhos no ambiente, um através de um projeto de pesquisa (trabalho escrito). Apenas um dos sete professores não avaliou ou não quis responder a questão.

- Vantagens e desvantagens do uso do ambiente: Quanto às vantagens, três professores apontaram o Teleduc como um sistema amigável na operação. Um professor destaca a possibilidade de conscientizar o aluno em buscar sua formação ora autonomamente. Um professor destaca o acompanhamento de cada aluno individualmente e não pela turma conjuntamente. Um professor destacou a flexibilidade de horários para aplicar e corrigir tarefas e assistência aos alunos. Um professor observou a facilidade dos alunos em utilização de ferramentas tecnológicas, tendo apenas que orientá-los a usá-la correta e objetivamente.

Quanto a desvantagens, apenas um professor destacou a variedade de ferramentas que as TICs podem oferecer e que o Teleduc se limita as mais comuns e outro da necessidade de mais aulas presenciais.

- Necessidades técnicas e pedagógicas (sugestões): Maior estímulo ao aluno do uso da ferramenta Teleduc. Evitar o excesso de alunos em uma turma, não formando tronco comum em aulas não presenciais. Melhorias visuais e operacionais ao Teleduc.

4.2.3. Análise dos Resultados da Pesquisa

Com base nas respostas dos questionários pudemos estabelecer uma ideia de autonomia e até de heteronomia dos professores-tutores.

O que pudemos perceber é que não houve uma completa autonomia na aplicação das aulas pelo Teleduc. A autonomia a que nos referimos é como aquela percebida aos professores que entrevistamos e que ministraram aulas não presenciais sem orientação prévia. Autonomia que só foi possível devido a um certo domínio no ambiente Teleduc, ou experiência com ferramentas tecnológicas similares.

Pudemos perceber também que esse professores-tutores, apesar da pouca ou média experiência no ambiente, e até de uso das TICS, deixavam claro nos questionários suas intenções para uma possível mudança na forma como aplicarão suas disciplinas para os próximos cursos.

Pelo procedimento efetuado, em alguns momentos durante o curso, percebemos a autonomia de cada professor na sua disciplina, mas também uma necessidade contínua de dominar as ferramentas tecnológicas, recorrendo constantemente ao apoio pedagógico.

Com base na tabulação dos dados e análise dos questionários, recorremos à professora Entrevistada_2 e ao professor Entrevistado_1 para explicar o conteúdo, uma vez que planejaram os cursos e tinham informações além da visão dos professores.

Iniciamos nossos questionamentos quanto à quantidade de alunos para cada professor e unanimemente concordaram que alguns professores possuíam muitos alunos e com isso teriam dificuldades, principalmente em atendê-los individualmente e na correção dos trabalhos. Mas ambos frisaram que os professores foram alertados quanto à dificuldade, mas assim mesmo garantiram poder dar conta.

O professor Entrevistado_1 frisa a questão de correção de trabalhos, que sempre observa aos professores a necessidade que os alunos têm de saber o que e de que forma erraram. Alguns professores só perceberam a dificuldade quando tinham que justificar as dificuldades dos alunos individualmente. Quando apresentados aos alunos as dificuldades em trabalhos na modalidade presencial, o professor consegue generalizar à turma, onde grande parte dos alunos aceita e sequer questiona. No ambiente virtual de aprendizagem não ocorre o mesmo. O professor, sem saber ao certo o que cada aluno pensa tem que justificar um a um. A questão é, como o professor vai perceber que o aluno aceitou as explicações das dificuldades detectadas, generalizando por um correio eletrônico?

Muitas vezes esse aluno se indigna e sequer busca maiores detalhes por via textual, quer ouvir (ou ver) do professor as justificativas das próprias dificuldades. Portanto, na educação a distância, os trabalhos não podem ser apenas avaliados por notas, mas também devem ser seguidos de textos justificando as dificuldades apontados e com orientações para se evitá-los futuramente. Dá mais trabalho? Possivelmente, mas pode ser uma das vantagens que o processo de ensino a distância oferece em relação ao presencial. Ou simplesmente uma compensação pela falta da presença física do professor.

Em relação às dificuldades na administração das aulas, algumas questões se justificam, como a falta de se organizar, por parte dos alunos, quanto aos estudos. A professora Entrevistada_2 destaca que essa questão não é particularidade do ensino a distância e que também pode ser muito comum no ensino presencial. E em se tratando de alunos do primeiro período, vindos de escolas variadas, é previsível.

Quanto às dificuldades em geral para uso, operação do Teleduc e até

organização de estudos, a melhor forma para professores que têm mais vivência presencial, aulas presenciais para solução de vários problemas, aparentemente pequenos, mas corriqueiros, o professor Entrevistado_1 diz que essa é uma boa solução, mas cada caso é um caso. No meio do curso ou no final, ou até mesmo em uma pós-graduação, essa forma de solução de problemas através de aulas presenciais é praticamente desnecessária, pois os alunos, mais maduros e com maior vivência acadêmica, têm mais autonomia para lidar com isso. O professor só não deve fazer disso uma regra (dar aulas presenciais não previstas) de forma que transpareça sua própria insegurança.

Quanto às questões técnicas, como perda de senhas ou dificuldade de acesso, embora todos os casos tenham sido solucionados a CEAD aponta a necessidade de um suporte técnico específico, uma vez que esse trabalho é feito por ele mesmo na maioria das vezes ou pelos demais assistentes da CEAD. O sistema é frágil como qualquer outro relacionado à internet ou à tecnologia. Essas questões técnicas como espaço em servidores, capacidade de processamento e acesso simultâneo, ferramentas visuais do Teleduc, entre outras, são sempre observadas por professores que já têm uma vivência no uso das TICs para a educação. Vale observar que todos e quaisquer aprimoramentos já são conhecidos e já estão em processo de mudança no Teleduc. Vale observar que é previsível ouvir críticas à agilidade, espaço e aparência. Quem tem um celular de última geração não aceitaria nunca os antigos modelos conhecidos como "tijolão". É como andar de ônibus depois de tantos anos dirigindo carros.

Em relação às avaliações dos professores, o único modelo sugerido pela CEAD é o oficial, ou seja, provas regimentais. Quanto a essa questão não há orientação diferente porque parte da autonomia do próprio professor em avaliar seus

alunos de acordo como previu. E mesmo quando não aplicou conforme previsto respeitamos sua vivência acadêmica para possíveis ajustes, como aplicar trabalhos ao invés de provas. Se o professor decide mudar em meio ao período letivo sua forma de avaliação e desde que não descumpra normas estabelecidas pelo regimento, fica a seu critério qualquer mudança. É assim no presencial, porque seria diferente na educação à distância?

Quanto às vantagens e desvantagens do uso do Teleduc, na visão dos professores, suas observações são até previsíveis, diz o professor Entrevistado_1. Dos professores que elogiam em diversas questões, nota-se uma capacidade criativa na mesma proporção. A professora Entrevistada_2 destaca que, cada turma que se inicia, estimula de uma forma ou de outra a criatividade do professor.

O professor Entrevistado_1 frisou que, conforme observou em outras turmas a distância, a visão ruim do aluno tende a piorar se o professor também sente o mesmo. O que ele quer dizer é que, muitas vezes, quando o professor critica o ambiente e aponta isso também como a visão dos alunos, percebe-se que o ambiente virtual de aprendizagem, na maioria das vezes, apresenta dificuldades básicas em relação ao conteúdo. Não em relação ao método ou conteúdo de estudo, mas em relação a falta de interação por parte do professor ou muitas vezes na falta de orientação aos alunos. Observa que, os alunos que mais criticam o método passaram por ambientes virtuais que tinham poucas ou nenhuma mensagem dos professores (como lembretes de atividades ou observações aos trabalhos) e nenhum cronograma estabelecido e publicado sobre o curso. Neste caso, até mesmo aulas presenciais recebem a mesma crítica por parte dos alunos, mas a culpa é concentrada no professor e não na sala de aula.

Dos questionários e avaliação dos coordenadores da CEAD percebemos

que a autonomia dos professores acontecia progressivamente, conforme progrediam com o curso, assimilando o retorno de seus alunos e do aumento de suas habilidades com as ferramentas tecnológicas.

Enquanto principiantes em determinados assuntos, buscavam ajuda de conceitos e modelos já existentes, para depois formarem os seus próprios e darem continuidade autonomamente. Pelo menos até uma nova turma, em que novas dúvidas provavelmente surgiram. Autonomia em curto prazo. Heteronomia em fase de transição. Ambas no longo prazo.

Segundo Moore e Kearsley (2008) existem diversos fatores que tornam o ensino de um curso de educação a distância diferente do presencial. Destacando dois deles, um é que o instrutor (professor-tutor neste trabalho) não saberá como os alunos reagem ao que você escreveu ou gravou, a menos que haja um mecanismo preciso que demonstre essa reação. O segundo é que o processo de ensino a distância se torna um desafio por ser conduzido por uma ferramenta tecnológica. Com a experiência que têm em sala de aula, facilmente sabem como se portar em determinadas situações, mesmo que não tenha tido uma instrução formal como professor, mas conseguem pautar suas práticas com base nos seus próprios professores.

Uma sala de aula presencial, na sua estrutura física, é basicamente igual a todas as outras, o que muda, digamos, é a qualidade dos materiais e muitas vezes aparatos tecnológicos de apresentação. No processo de ensino em ambientes virtuais de aprendizagem não ocorre o mesmo. Em cada IES há sempre uma forma ou ferramenta tecnológica (AVA) diferenciada. Não há uma forma básica para todos, exceto se o AVA seja similar. Similar sim, mas não igual. Em qualquer sala de aula presencial no mundo sabemos onde está o quadro negro e os alunos. E nos

ambientes virtuais de aprendizagem? Onde está a ferramenta Atividade, Correio, Leituras, etc? Cada novo contato com a educação a distância pode significar uma nova experiência, com métodos diferentes de aplicar o ensino e o mais importante, a forma com que recebe do aluno a indicação de que este esteja realmente aprendendo ou não.

5. FORMAÇÃO DO PROFESSOR-TUTOR

Segundo a CEAD-IES_EAD, de todos os professores-tutores que usam o AVA Teleduc, apenas sete destes se destacam com iniciativas próprias, ou seja, métodos e procedimentos em sala de aula virtual além das exigências da coordenadoria.

Desses sete professores, foram selecionados três para entrevista específica sobre o uso do ambiente. Sem citar seus respectivos nomes, nos referimos a esses professores como "Entrevistado 3"; "Entrevistado 4" e "Entrevistado 5" (Apêndice II). A escolha dos entrevistados não foi aleatória, levou-se em conta os níveis maiores da formação, foram selecionados aqueles que tinham formação superior diferenciada, ou seja, graduação, especialização e mestrado em diferentes áreas.

5.1. TRABALHO DO TUTOR

5.1.1. Formação do Docente

Pela formação dos docentes entrevistados, percebemos a base de suposta autonomia para ministrar aulas a distância e de criar novos métodos. A base vem da própria formação do docente, tanto formação acadêmica quanto na prática de suas aulas, presenciais e não presenciais.

Entrevistado 3: É formado em Pedagogia, Especialização em Pedagogia Terapêutica, Psicopedagogia, Educação Especial e Mestre em qualidade e produtividade.

Professor do ensino superior há 14 anos, fez o curso na IES_EAD para o uso e tutoria no Teleduc.

Entrevistado 4: É formado em Administração de Empresas, especialização em Administração da Produção, MBA em controladoria e Mestre em Engenharia da Produção.

Fez curso de capacitação de professores no Teleduc, na IES_EAD, através do ambiente virtual de aprendizagem Teleduc. Ajudou no desenvolvimento técnico de um ambiente similar para a Universidade Luterana há quase 8 anos.

Entrevistado 5: É formado em Letras (português-inglês), pós-graduado em língua portuguesa e literatura brasileira. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Doutorando em Educação pela mesma instituição.

O professor, apesar de ter uma boa experiência com ambientes virtuais de aprendizagem, nunca fez um curso específico sobre o assunto. Mas observa que já trabalhou na construção de muitos ambientes similares (no nível de programação estrutural desses ambientes) em outras instituições de ensino superior. Uma vez concluídos esses ambientes virtuais de aprendizagem via internet e intranet corporativa, treinava professores e funcionários para o uso dos mesmos. Diz que começou nesta área técnica em 1998, no auge do uso maciço da Internet. Diz ainda que seu nível de habilidade com tecnologias de informação e comunicação (TICs) varia entre alta e muito alta.

5.2. EXPERIÊNCIA COMO DOCENTE

Dos três entrevistados verificamos que suas experiências como professores no ensino superior variam entre 9 a 14 anos. Dessa experiência, o trabalho docente foi essencialmente presencial, onde todos têm no mínimo dois anos de experiência na educação a distância.

Todos os entrevistados demonstraram ter vivência com o uso do computador e da internet como ferramentas de apoio ao ensino presencial, mas sem mencionarem qualquer definição de aulas semipresenciais. Destacam o uso da internet para pesquisa e correio eletrônico (e-mail) para troca de informações, orientações e envio de material didático aos alunos. Um dos entrevistados ainda destaca o uso de tecnologia Voice-IP (Telefone IP: Skype, etc) para conferências de voz, via internet, com outros professores de mesma área docente, para troca de materiais e experiências, no mesmo instante em que preparavam suas aulas, presenciais, pelo computador, em ferramentas também da tecnologia, como processadores de texto, planilhas eletrônicas e de apresentação de slides.

O mais comum que percebemos nas entrevistas é que seus métodos de ensino no AVA Teleduc são adaptações de suas aulas presenciais ao uso da tecnologia.

Vale frisar que o uso desta tecnologia se enquadra no mesmo tempo de carreira docente no ensino superior dos entrevistados. Ainda que o uso do computador como ferramenta de apoio pedagógico era limitada pela comunicação a distância, praticamente quase toda por meio textual. E por ser textual, a linguagem de comunicação entre professores e alunos, ou professores e professores, era readaptada pela condição de evitar excesso de correspondências digitais.

Como exemplo, enviavam suas mensagens eletrônicas aos alunos de forma que não tivessem que explicar diversas vezes, em outros e-mails, qualquer incompreensão dos alunos. Lembra um dos entrevistados que, das primeiras vezes que enviava mensagens aos alunos com materiais de apoio, parte desses alunos retornavam a mensagem pedindo maiores esclarecimentos.

Percebemos que, antes mesmo de pensarem em educação a distância, já

utilizavam materiais de tecnologia da informação e comunicação como instrumento de apoio ao ensino.

5.3. PLANEJAMENTO DAS AULAS A DISTÂNCIA, EXPERIÊNCIA COM ENSINO PRESENCIAL

Analisando as entrevistas não pudemos deixar de confrontar com as informações que obtivemos nos questionários de pesquisa, principalmente em relação às experiências dos professores com o Teleduc. Estava claro que nos questionários tínhamos professores, na sua maioria, uma experiência mínima em ambientes virtuais, apesar do tempo de docência no ensino presencial. Nas entrevistas, onde selecionamos professores comprovadamente experientes, tanto presencialmente quanto a distância, buscamos identificar a autonomia e também a heteronomia.

Para falar sobre planejamento das aulas a distância e o ensino presencial nossa intenção era apenas de utilizar as entrevistas, mas algumas questões se esclareceram justamente com a comparação dos questionários.

Antes de falar de experiência propriamente dita, foi notado que até mesmo os docentes entrevistados, experientes e com criativos métodos, possuíam traços de heteronomia. Parece contraditório falar dos professores entrevistados, dos quais ministraram aulas a distância com pouca experiência, mas, com grande habilidade, mas, de certa forma esses professores não eram totalmente autônomos em seus métodos. Ora buscavam nortearem-se pela própria experiência presencial, ora buscavam modelos similares no uso das ferramentas virtuais.

Antes mesmo de comentar esta questão gostaríamos de apresentar um comparativo entre esses dois grupos (entrevistados experientes e criativos no

Teleduc versus docentes "novatos" no Teleduc).

Os professores entrevistados tinham as seguintes características:

- Todos possuíam mais de cinco anos de experiência docente no ensino presencial.
- Todos tinham habilidades com a tecnologia da informação e comunicação.
- Todos adaptaram seus métodos ao comportamento dos alunos.
- Nenhum curso era dado oficialmente à distância, sendo essa uma alternativa opcional. As disciplinas poderiam ser dadas presencialmente mas preferiram usar o ambiente Teleduc, totalmente ou parcialmente.
- Não tiveram critérios, normas ou cronogramas pré-definidos pela instituição para o uso do ambiente.
- E por fim, complementando os dizeres anteriores, tinham plena liberdade para agir e implementar quando necessário.

Os professores respondentes aos questionários tinham as seguintes características:

- Todos possuíam mais de cinco anos de experiência docente no ensino presencial.
- Poucos tinham grande habilidade com as TICs e outros média habilidade.
- Todos tinham orientação para agir no ambiente, fosse pela experiência no curso de professor-tutor da instituição (requisito exigido, segundo a CEAD-IES_EAD) ou por orientações ao curso.

- Todos ministraram a disciplina com exigência de que fosse à distância, com alguns encontros presenciais (apresentação, provas regimentais, etc). Ou seja, não tinham opção de ministrar somente presencialmente.
- Não possuíam liberdade plena para agir por conta e risco no ambiente. Não por opção simplesmente, mas pela imposição de que era oficial e apresentava requisitos.

Concluímos então que os professores questionados eram heterônimos e os professores entrevistados eram autônomos? Não. Ambos eram as duas coisas em momentos e situações diferentes.

Para os professores questionados não são necessários muitos argumentos para demonstrarmos a existência da heteronímia. Só pelo fato da pouca experiência isto fica claro, pois agiam conforme critérios estabelecidos.

Mas também percebemos que da metade do período letivo da disciplina de metodologia científica até sua conclusão cada professor-tutor criava novos métodos de ensino, avaliação e postura. Conforme respostas aos questionários, adaptavam conforme os alunos exigiam para um melhor aproveitamento, mais ou menos como fazem em cada turma, semestre a semestre, em turmas presenciais. Heteronomia? Não, claramente autonomia.

Retornando aos professores entrevistados percebemos que a criatividade fluía mais facilmente, ou melhor, mais rapidamente. Talvez pela liberdade em criar sem percepção de riscos "fatais".

O que notamos de maior destaque na autonomia desses professores, todos os três entrevistados, era a forma com que se comunicavam textualmente com seus alunos. Todos utilizavam linguagem coloquial para orientações das tarefas, correção de trabalhos ou discussões. Coloquiais mas com código erudito na ortografia e

gramática, apenas usavam palavras cotidianas e sem conteúdo excessivamente técnico ou intelectual.

Mesmo quando utilizavam de linguagem mais formal, reexplicavam o conteúdo em seguida com linguagem mais popular. Por que ou por qual motivo tomaram essa atitude? Justificaram pela necessidade de transformar as mensagens textuais como se estivessem comunicando-se em sala de aula, presencialmente. Com palavras menos formais perceberam que os alunos aceitavam mais o ambiente Teleduc, mesmo não podendo ver o professor ou ouvi-lo.

Outro cuidado com a linguagem, trazida das aulas presenciais, era o tempo ensino aprendizagem. Em sala de aula presencial, como sabemos, no momento em que ocorre o processo de ensino, a aprendizagem ocorre quase que no mesmo instante. Pensando neste quesito tomavam cuidados para que palavras escritas não criassem muitos questionamentos, pois o processo de ensino-aprendizagem, por ocorrer em tempos diferentes, qualquer palavra mal explicada poderia atrasar mais ainda o processo de aprendizagem.

Dos três entrevistados ainda obtivemos informação coincidente que os materiais aplicados no Teleduc eram os mesmos que apresentavam presencialmente, onde fizeram adaptações conforme as exigências do meio. Um exemplo eram os trabalhos. Nos três casos os trabalhos requisitados eram idênticos aos presenciais (justificativa conjunta: as avaliações eram as mesmas e da mesma forma em ambas as modalidades). A mudança que fizeram foi na correção. Ao invés de marcarem as notas simplesmente justificavam trabalho por trabalho, principalmente as questões que eram errôneas.

Sabemos que presencialmente se entregarmos aos alunos correções apenas com notas, pelo menos metade da turma não questionará. Mas muitos, além

desses, pedem explicações dos erros com maior detalhe. Essa era a justificativa. Por não saberem qual a reação de cada aluno e para não terem de responder dezenas de mensagens eletrônicas, detalhavam as correções e reduziam a quase zero os questionamentos dos alunos.

Ainda, dos três professores entrevistados, dois procedimentos do ensino presencial não abriam mão ao ensino a distância. O primeiro encontro de boas-vidas e nas provas regimentais.

Até então o que percebemos é uma grande autonomia desses professores no uso do Teleduc. Mas também percebemos que a heteronomia também teve seu destaque quando grande parte das aulas eram orientadas por modelos já existentes de outros ambientes virtuais de aprendizagem (e até de ambientes virtuais), em que todos os três tiveram contato anteriormente e também orientados pela própria prática presencial. Autonomia? Sim, presencialmente como professores. Heteronomia? Sim, à distância, seguindo quesitos e métodos, ora adaptados do ensino presencial, ora percebidos por outros ambientes virtuais.

5.4. EXPERIÊNCIA DE TRABALHO EM AMBIENTES VIRTUAIS.

Email, *chat*, Microsoft Messenger, Skype, Twitter. Essas ferramentas virtuais e particularmente da internet, podemos dizer que fazem parte do cotidiano de muitas pessoas. Algumas vezes por lazer outras para negócios.

Mas de acordo com as informações que obtivemos nas entrevistas percebemos que esta era a fórmula principal para ministrar aulas no Teleduc. Todos os professores que fizeram parte deste estudo tinham alguma experiência virtual fora do meio acadêmico. Esta habilidade com ferramentas da tecnologia da informação e comunicação e principalmente com a web, foram fundamentais para que os

professores adquirissem intimidade com o Teleduc e pudessem adaptar seus métodos presenciais ao ambiente virtual de aprendizagem.

Dos entrevistados, isso ficou bem claro, mas um que chamou-nos mais a atenção foi da tranquilidade em admitir riscos para o sucesso. Dois dos professores entrevistados possuíam habilidades além do conhecimento tecnológico. Ambos já tiveram contato com ambientes virtuais de aprendizagem nas suas concepções. Ou seja, fizeram parte de programas de criação e aperfeiçoamento de ferramentas de interação e comunicação, essencialmente à educação a distância.

Outra questão é da possibilidade de terem tido contato com outros professores que ministravam aulas a distância, observando de longe algumas questões aparentemente pouco relevantes.

Outro caso que chamou-nos muito a atenção é do terceiro professor. Apesar de ter o contato com ferramentas de TICs no seu cotidiano destacou que, o que fez mesmo diferença foi sua experiência como docente. Ou melhor, sua experiência como pedagogo, onde independentemente da experiência que tivesse admitido sempre buscava alternativas, ora teórica, ora teórica-prática, para criar novas interações e ferramentas de ensino que tivesse à mão.

Além da sua formação contava com sua experiência em outras modalidades, além do presencial e a distância, como trabalhos com alunos especiais ou com alguma deficiência, visual, auditiva, motora, etc.

De todos os professores entrevistados uma questão ficou bem clara em que admitiam não ter uma real autonomia, a falta de um suporte técnico e suporte pedagógico. Sentiam falta, principalmente no Teleduc, a quem recorrer para problemas com senhas, configurações e acessos ao ambiente. Sentiam necessidade não só por eles, mas também pelos alunos. Preferiam que outros solucionassem

problemas ou instruísssem os alunos para essas questões, uma vez que o tempo era dispendioso para questões técnicas.

Outra questão foi a necessidade dos professores-tutores, autônomos de certa forma na concepção das aulas a distância, de saber qual a opinião dos seus alunos em relação à disciplina. Queriam mais do que já quiseram em aulas presenciais ter a certeza de que houve realmente o processo de aprendizagem. Não que isso tivesse maiores garantias em aulas presenciais, ou então porque à distância poderia haver perdas, mas pela falta de experiência (ou menor em relação ao ensino presencial) ou de modelos prontos e garantidos em sua maioria.

A insegurança pode ser compreensível, mas assim mesmo os professores entrevistados foram unânimes ao afirmar que um dos melhores resultados perceptíveis que obtiveram com a educação à distância, que pouco viram nas aulas presenciais, foi a habilidade dos alunos em melhorarem suas escritas e suas autonomias nas pesquisas e nos estudos.

Vale destacar também algumas percepções no processo de ensino, a distância, em que no ensino presencial não é possível perceber tão diretamente, como os métodos de estudo e pesquisa autônomo dos alunos. Antes da ascensão da tecnologia da informação o conhecimento era buscado através de livros, enciclopédias, revistas e jornais. Hoje, antes da busca através dessas fontes, muitos alunos perguntam ao Sr. Google.

5.5. AUTONOMIA DOS PROFESSORES-TUTORES E ALUNOS.

Da forma como iniciaram os cursos a distância na IES_EAD, segundo a CEAD, alguns professores-tutores tiveram em muitos momentos necessidade profissional de criar os ambientes aos quais ministrariam aulas a distância. Mas

quando essas aulas passaram a ser elaboradas e instruídas aos professores-tutores de como proceder na forma de ensino, pelo menos ao que consta na primeira oferta, oficial, de uma disciplina não presencial, não se exigia uma autonomia completa, muito pelo contrário.

Como vimos através das entrevistas, os professores-tutores, claramente autônomos, ou relativamente, no ensino não presencial, os ambientes virtuais de aprendizagem, pelo menos o Teleduc na IES_EAD, com toda a tecnologia de informação e comunicação que oferece, não era suficiente para conduzir o professor-tutor a uma heteronomia, muito pelo contrário. O Teleduc sugere as ferramentas e indica para o que podem ser usadas, mas não esclarece com detalhes a forma como o professor pode utilizá-las.

Dizer que um professor, ao ministrar suas aulas presencialmente, apenas com giz e lousa à sua mão, esteja sendo conduzido a lecionar da forma que a instituição imponha (usar giz e quadro-negro) não é critério para identificarmos uma heteronomia. Também não podemos considerar que normas de uma instituição, seja para o preenchimento de documentos pedagógicos, seja para a forma como deve se portar, sejam condições que eliminem a autonomia de um professor.

Ter a obrigação profissional de registrar suas aulas em um livro ou seguir corretamente o horário previsto para as aulas não é um tipo de heteronomia, é, no mínimo, uma forma de dar aulas presenciais e, dado o horário marcado, ter a certeza de que todos se encontrarão no mesmo espaço e ao mesmo tempo, tanto professores e alunos.

Reconhecemos, então, que o docente, seja ele professor ou professor-tutor, tem sua autonomia, quando procede conforme a sua razão e conceitos que estabelece, conforme analisamos em Kant e Paulo Freire.

Pelos questionários que avaliamos acerca dos professores-tutores, pioneiros oficiais na disciplina de Metodologia Científica a distância, talvez pelos critérios e métodos de ensino sugeridos entendemos aí uma heteronomia. Mas a questão é, como destaca Moore e Kearsley, quem nunca imitou seu professor quando teve de dar suas primeira aula? Começamos com uma base, uma forma já definida, mas depois percebemos que cada um recria seu próprio método, sejam aulas presenciais ou a distância, nossa forma de aplicar o ensino sempre será diferente. Talvez não agora, mas com certeza algumas aulas depois.

Quanto a autonomia do aluno entendemos que não há uma autonomia completa. O aluno pode tornar-se autônomo na sua formação, onde compreendemos como estudo autodidata. Porém não é autônomo no que se refere ao uso do Teleduc nos cursos ofertados pela IES_EAD.

Não há uma autonomia, pois o aluno, apesar de buscar, pesquisar e estudar em local particular e no tempo que deseja, orienta-se a partir de instruções recebidas nos ambientes virtuais de aprendizagem. Portanto, este não cria totalmente seus próprios métodos de estudo e sim, segue um roteiro pré-estabelecido.

Para o aluno a distância compreendemos então que este, apesar do senso comum da palavra autonomia, o aluno é heterônimo no que se refere à educação a distância.

Mas segundo nossos entrevistados e na filosofia do “bom senso”, ou melhor, de “filosofia de vida”, em algum momento o aluno, pelo menos não enquanto aprendiz, ensaia pensar por si. E talvez no decorrer da prática da vida encontre possibilidades de pensar e agir segundo o que seus imperativos e princípios determinem. Talvez neste momento ele realmente seja autônomo, ou talvez não.

Concluímos então que a autonomia pode ser apenas uma possibilidade de

professores e alunos, pois a educação a distância não irá obrigar a isso. Pelo menos para a escolha de seguir com suas próprias ideias, as escolhas, pelo menos elas, serão autônomas.

5.6. ORGANIZAÇÃO E DISPÊNDIO DE TEMPO, DIFICULDADES DE PROFESSORES E ALUNOS.

No ensino presencial temos dia e hora marcada para que o processo ocorra. No ensino a distância o tempo e a distância são relativos.

Parece até slogan de propaganda, mas é uma realidade e muitas vezes um problema. A questão é, se na educação a distância o tempo de ensino e aprendizagem quem faz, em determinado período proposto, é o professor-tutor e o aluno, quanto e quando é esse tempo?

A resposta para cursos a distância, onde o professor não possua uma experiência sólida no Teleduc, vem da experiência de outros professores. Ou seja, se não há critérios próprios devemos seguir aqueles trazidos por quem coordena ou instrui para esses ambientes.

Dois dos três entrevistados observaram que iniciaram seus cursos a distância com dedicação de pelo menos uma hora diária para cada turma. No total, temos 7 horas de aula por semana. Mais do que as duas horas previstas no projeto pedagógico do curso? Muito mais.

Quando disseram que iniciaram com pelo menos uma hora de dedicação diária, observaram ainda que este tempo foi reduzido conforme perceberam a necessidade e os limites de acompanhamento por parte dos alunos.

Ainda justificaram que a maior parte deste tempo se dava pela necessidade de buscar limites, como dito, critérios para aprimoramento dos métodos de ensino e

principalmente para criação (ou adaptação) de conteúdo a ser ministrado.

Esse mesmo tempo, após a assimilação da experiência e criação (ou recriação) de materiais didáticos, reduziu drasticamente até o tempo normal de aula, como duas horas semanais divididas em vários acessos.

O que é real e unânime nos relatos é que uma vez que esse material estivesse pronto, a facilidade de aprimorar as aulas a distância eram maiores ainda.

Também unânime foram os relatos dos professores acerca de seus alunos no Teleduc em organizarem seus acessos ao ambiente e também ao tempo dos estudos "autônomos".

Enfim, essa questão de autonomia do aluno, em organizar seus estudos, não é um problema apenas da educação a distância. Nas aulas presenciais essa autonomia também é necessária e sabemos que só é adquirida, na sua maioria, no final do curso. Ou então, pelo menos, no início de sua carreira profissional.

O caso é que uma hora ou outra a autonomia é desejável, independentemente de ser a distância ou totalmente presencial.

Não que os alunos não estejam preparados para organizarem seus próprios estudos. Eles estão "se preparando". Condição que o período acadêmico nos impõe. Alguns admitem com maior facilidade, outros admitem por imposição da própria condição de acadêmico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já dizíamos com base em Kant, antes mesmo de nos questionarmos acerca da autonomia e da heteronomia em ambientes virtuais de aprendizagem, que o homem recebe, por se inscrever na história humana, conceitos a priori para a experiência concreta do mundo, ou seja: considerando que o *homo sapiens* já vem de muitos milênios, primeiro vem a heteronomia (seguimos conceitos e leis) e depois vem a autonomia (pelos estudos, uso da razão e experiências adaptamos os conceitos, revisamos e recriamos as leis).

Na educação a distância – Teleduc-IES_EAD – isso também fica claro. Primeiro seguimos conceitos e normas estabelecidas para o uso da tecnologia, da internet, ou das próprias TICs e a partir de novas experiências adquiridas recriamos novos métodos de ensino, e por que não, da própria aprendizagem quando alunos.

Na formação de professores-tutores, na IES_EAD, vemos claramente a heteronomia, tanto para os professores pioneiros da disciplina a distância, via Teleduc, quanto dos professores pioneiros (entrevistados) nas formas de aplicação dos estudos, a distância, da instituição, que antes de qualquer experiência concreta no Teleduc, tiveram uma instrução prévia nos cursos de formação de tutores e presencial.

Mas a partir das primeiras experiências, cada um, da sua forma de ensinar e com base em normas e critérios estabelecidos, buscaram suas próprias experiências, criando seus próprios meios de ministrar e organizar suas aulas, o que aponta para: heteronomia no começo e autonomia no final.

Seguindo esses critérios de ensino a distância, via Teleduc, e frente a uma

possível autonomia formada, os alunos, sós em seus estudos, porém, não autônomos, aprendendo dentro das normas e instruções estabelecidas. Heteronomia. Mas e depois? Autonomia para um progresso além da academia? Sim.

Esta pesquisa deixou isso claro e reforçamos com os dizeres de Moore e Kearsley:

O conceito de autonomia do aluno significa que os alunos têm capacidades diferentes para tomar decisões a respeito de seu próprio aprendizado. A capacidade de um aluno para desenvolver um plano de aprendizado pessoal, a capacidade para encontrar recursos para o estudo em seu próprio ambiente comunitário ou de trabalho e a capacidade para decidir sozinho quando o progresso foi satisfatório, não precisam ser concebidos como uma preocupação irrelevante e deplorável em um sistema controlado pelo instrutor que opera sem obstáculos. Como alternativa, o grau em que existem esses comportamentos do aluno pode ser visto como uma dimensão importante para a classificação dos programas de educação a distância. É uma realidade o fato de alguns programas permitirem um maior exercício da autonomia dos alunos em comparação a outros programas. portanto, os programas podem ser definidos e descritos em termos do grau de autonomia que os alunos podem ter, ou que lhes seja permitido exercitar. Isso não significa afirmar que todos os alunos são totalmente autônomos ou estão prontos para serem autônomos ou que todos os programas e alunos devessem tratá-los como tais. De modo idêntico ao diálogo e à estrutura, a autonomia do aluno é um conceito relativo. (MOORE E KEARSLEY, 2008, p. 245).

O funcionamento do Teleduc pode ser sim uma ferramenta que leve o professor, ou mesmo o aluno, a serem autônomos. Isso dependerá da forma como o processo ensino-aprendizagem se dá. Mas tudo começa a partir da heteronomia, portanto.

Marx nos ensinou que o homem é um ser de relação e que o trabalho é uma atividade humana. O trabalho pode partir da autonomia do próprio indivíduo, da sua capacidade de aprender, pensar e executar e este pode buscar suas próprias origens e necessidades de querer produzir a partir da sua força ou pensamento. O trabalho do professor-tutor parte da necessidade de outrem e com base e normas estabelecidas, não por ele. Portanto é heteronomia.

Para Paulo Freire, o professor busca constantemente sua especialização e progresso, autonomia, para assim transmitir de forma segura e precisa seus

ensinamentos, garantindo que o processo de aprendizagem ocorra da forma esperada. Esse processo é constante, de formação constante do professor, portanto, também é heteronomia.

Dados os critérios apontados aos professores-tutores que ministraram a disciplina de Metodologia Científica, o trabalho desses professores não partiu de suas ideias ou das suas próprias experiências e sim de uma experiência descrita e imposta por normas, métodos e diretrizes da instituição e da CEAD. Portanto, o trabalho desses professores-tutores foi heterônomo.

Talvez em alguns momentos os professores tenham sido autônomos ao definir o conteúdo da disciplina ou na forma como conduziram o ambiente Teleduc, mas isso ocorreu em poucos momentos, por isso, essa autonomia seria, de certa forma, relativa.

O professor em si, filósofo na sua formação, autônomo em muitos momentos da sua carreira, na educação a distância, pelo menos no que constatamos aqui, não demonstrou, como tutor no Teleduc, emancipação total. Não podemos precisar se a disciplina partiu da sua própria formação, experiência ou auto-estudos, mas a condução do ambiente ou o processo de ensino partiu de critérios da própria instituição.

De certa forma, isso não gera uma crítica aos métodos da instituição em impor suas normas e até mesmo suas técnicas, pois vale destacar que os professores que ministraram a disciplina de Metodologia Científica foram, como dissemos anteriormente, pioneiros. Se a priori, então, heteronomia, talvez futuramente, percebemos a autonomia.

Devemos considerar também que, pelo pioneirismo e pela pouca experiência

desses professores-tutores no ambiente Teleduc, um excesso de heteronomia pudesse ter gerado um receio por parte desses professores em buscar a própria autonomia. O que se sugere, para as próximas turmas, uma modalidade mista, ou seja, semi-presencial. Garantia de aprendizado por parte dos alunos? Não, mas uma boa garantia da formação autônoma desses professores. O presencial avaliando o não presencial, e vice-versa.

Dos professores entrevistados, e que não seguiam normas e métodos estabelecidos para ministrarem suas aulas a distância, podemos destacar a princípio a heteronomia, quando buscavam em outras experiências (ambientes virtuais e prática pedagógica) uma forma de aplicar suas aulas. Mas se esses professores em alguns momentos puderam ser autônomos no Teleduc, significa que o ambiente lhes deu essa autonomia, para planejar e interagir com seus alunos.

Podemos apontar que o Teleduc possibilita a interação professor-tutor e alunos devido a suas ferramentas. Saliente-se aqui que interação não tem relação direta com tempo propriamente dito. Interação não significa que deve ocorrer no mesmo tempo, embora necessite do mesmo espaço, físico ou virtual. Cada ferramenta estabelece uma interação, e cada uma no seu tempo (Moore e Kearsley).

Portanto, está claro que a educação a distância, pelo menos através do ambiente virtual de aprendizagem Teleduc, possui interatividade com professores e alunos. Mesmo que apenas textual.

Percebemos ainda que, quanto mais os professores-tutores e alunos admitiam a prática do uso do Teleduc, maior foram as possibilidades e até a qualidade, nas interações. Essa prática ainda sugeria uma possível autonomia à esses professores-tutores, quem sabe em cursos futuros, nas mesmas condições desse piloto. Mas receio que estas sejam apenas suposições e questionamentos

para outros estudos, portanto um novo objeto e uma nova pesquisa.

Da forma como a educação a distância será feita futuramente, baseada no Teleduc e até mesmo na Disciplina de Metodologia científica na IES_EAD, pode ser uma incógnita, mas ainda não é um problema. A questão que colocamos aqui foi respondida e a condição que tivemos e que podemos estabelecer como um fato concreto é que, para um curso piloto, para ministrar uma disciplina a distância, oficialmente, pela primeira vez, tivemos a resposta ainda que levantemos muitas dúvidas sobre autonomia e heteronomia.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate*. Londrina-PR. v. 1, n. 1, p. 25-33. jun. 2009 30.

A Empresa Digital. São Paulo: EXAME, 2002. Ed. Especial. ISSN 0102-2881.

ALVES, João R. M. ARTIGO: *EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E APRENDIZAGEM*. Disponível em: <<http://www.engenheiro2001.org.br/programas/980201a1.htm>>. Acesso em 13 Out. 2006.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In:SADER, Emir e GENTILI, Pablo (org.). *PÓS-NEOLIBERALISMO - As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

AURÉLIO: Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. Editora Nova Fronteira, 1999. CD-ROM.

AURÉLIO: Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Editora Positivo Informática, 2009. CD-ROM.

BORBA, S. F. P.; AYROSA, P. P. da S. *Uma Experiência de Aplicação da Educação a Distância Via Internet como Ferramenta Complementar a Cursos Presenciais*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=4abed&infoid=114&sid=122>>. Acesso em: 02 out. 2005.

BRANCO, Adylls P. Castello. *A portaria nº 2.253/2001 no contexto da evolução da educação a distância nas instituições de ensino superior do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2003

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Constituição de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 03 Nov. 2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Lei 5.692/71*. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em: 22 jan. 2008.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto nº 2.494/98*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2494.htm>. Acesso em: 12 Nov. 2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto nº 2.561/98*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2561.htm>. Acesso em: 15 Nov.

2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto nº 3.960/01*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/D3960.htm>. Acesso em: 12 Nov. 2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto 5.622/05 - Regulamenta o art. 80 da Lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em <https://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm>. Acesso em 12 jun. 2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto nº 5.773/06*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm>. Acesso em: 12 Nov. 2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 Nov. 2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Plano Nacional de Educação, Lei 10.172/01*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10172.htm>. Acesso em: 03 Nov. 2006.

BRASIL - PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Projeto de Lei 7.200 / 2006*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Projetos/PL/2006/msg449-060608.htm>. Acesso em: 15 Nov. 2006.

CARDOSO, Fernando de Carvalho; PESTANA, Thiago Martinelli Pinto. *Treinamento On-line (E-learning)*. In: BOOG, Gustavo G. (coord). *Manual de Treinamento e Desenvolvimento: um Guia de Operações*. São Paulo: Makron Books, 2001.

CEAD-IES_EAD – Ambiente Teleduc de Ensino a Distância. Disponível em: <*não divulgado*>. Acesso em: 03 mar. 2007.

CEAD-IES_EAD – Legislação EAD. Disponível em: <*não divulgado*>. Acesso em: 20 abr. 2007.

Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI-BR. *Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e TIC Empresas 2008*. São Paulo: cgi.br, 2009.

ECOMMERCEORG. *Tudo sobre Comércio Eletrônico*. Disponível em: <<http://www.e-commerce.org.br/STATS.htm>>. Acesso em: 15 Nov. 2006.

e-LEARNING BRASIL. Disponível em: <<http://www.elearningbrasil.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2007.

Entrevistado_1; Entrevistada_2. Coordenador e assistente pedagógico da CEAD-IES_EAD. *Entrevista concedida*. Curitiba, 24 ago. 2009.

ESCOLANET. A LDB e a Educação a Distância. Disponível em <http://www.escolanet.com.br/legislacao/legislacao_d.html>. Acesso em 27 nov. 2005.

ESCOLANET. EAD NA LDB. Disponível em <http://www.escolanet.com.br/legislacao/legislacao_a.html>. Acesso em 27 nov. 2005.

FÁVERO, Osmar (Org.). *A EDUCAÇÃO NAS CONSTITUINTES BRASILEIRAS 1823 - 1988*. 2ª Ed. Campinas-SP: Ed. Autores Associados, 2001.

FGV online – Ambiente Moodle de Ensino a Distância. Disponível em: <<http://moodle.fgv.br>>. Acesso em: 02 mar. 2007.

FRANCO, MARCELO ARAUJO. *O ambiente virtual: uma investigação sobre a relação entre técnica e semiótica – Faculdade de Educação*. Campinas-SP: UNICAMP, 2003.

FREIRE, PAULO. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, GAUDÊNCIO. *Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática* in: *NEOLIBERALISMO, QUALIDADE TOTAL E EDUCAÇÃO*. 4a. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

HOBBSBAWM, ERIC. *ERA DOS EXTREMOS - O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBGE. *Aspectos Complementares de Educação e Acesso a Transferências de Renda de Programas Sociais - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

INFOESCOLA. *Invenção da Televisão*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicacao/invencao-da-television/>>. Acesso em: 15 mar. 2008.

INTERNET SYSTEMS CONSORTIUM INC. *Number of Hosts advertised in the DNS*. Disponível em: <<http://www.isc.org/index.pl?/ops/ds/>>. Acesso em: 18 mar. 2008.

KENSKI, Vani Moreira. *Democratização das Mídias e a Gestão em Educação a Distância*. In: *Gestão Educacional - Novos olhares, novas abordagens*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. *EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS – O Novo Ritmo da Informação*. 2ª Ed. Campinas-SP: Papirus, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. 4ª Ed. Campinas-SP: Papirus, 2006.

LEGISLAÇÃO E NORMAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL. Série Documentos – Brasília: Funadesp, 2005.

LÉVY, Pierre. "A internet e a crise do sentido". In: PELLANDA, Nize Maria Campos e PELLANDA, Eduardo C. (org.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

LÉVY, Pierre. *AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA – O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

LUIZ, Fernando C. *Impacto Digital*. São Paulo: Negócio Editora, 2001.

MICHAELIS: Dic Michaelis Eletrônico. *Dicionário Técnico e Multilíngüe*. São Paulo: Ed. Cia. Melhoramentos, 2001. CD-ROM.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Portal do Mec. *Legislação Específicas - Educação a Distância*. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/port4059-2004.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Portal do Mec. *Portaria Ministerial Nº 4.059/2004*. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/sesu/index.php?option=content&task=view&id=261&Itemid=306>>. Acesso em 02 mai. 2006.

MOODLE – Ambiente de Ensino a Distância. Disponível em: <<http://moodle.org>>. Acesso em: 22 fev. 2007.

MOORE, Michael; Kearsley, Greg. *EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - Uma Visão Integrada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

NUNES, Ivônio Barros. *Noções de Educação a Distância*. Brasília: Revista Educação a Distância nrs. 4/5, Dez/93-Abr/94. Instituto Nacional de Educação a Distância, pp. 7-25. Disponível em:<<http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?view=3>>. Acesso em: 22 abr. 2007.

OLIVEIRA, Beatriz R. Gonçalves; ROBAZZI, Maria Lúcia do C. Cruz. *EL trabajo en la vida de los adolescentes: algunos factores determinantes del trabajo precoz*. Rev. Latino-Am. Enfermagem, mai 2001, vol.9, no.3, p.83-89. ISSN 0104-1169.

PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. Concepções Teóricas da Pesquisa em Educação: Superando Dificuldades. In:LOMBARDI, José Claudinei (org.). *globalização, pós-modernidade e educação*. 3 ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

PILLA, Bianca Smith. *A Dimensão Humana nas Estratégias de Treinamento e Desenvolvimento do Sistema de Ensino a Distância de Uma Empresa de Telecomunicações*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRS, 2002.

REED, Michael. *Teorização Organizacional: um Campo Historicamente Contestado*. São Paulo: Atlas, 1998.

SALGUEIROSA, Alessandro. Responsável técnico pela instalação e manutenção do sistema Teleduc. *Entrevista concedida*. Curitiba, 17 abr. 2008.

SAVIANI, Demeval. *POLÍTICA E EDUCAÇÃO NO BRASIL: O Papel do Congresso Nacional na Legislação do Ensino*. 3. ed. Campinas-SP: Ed. Autores Associados, 1996.

SALAMA, Pierre. A trama do neoliberalismo: mercado, crise e exclusão social. In:SADER, Emir e GENTILI, Pablo (org.). *PÓS-NEOLIBERALISMO - As Políticas Sociais e o Estado Democrático*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (SEED). *Regulamentação de EAD no Brasil*. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=61&Itemid=190>> Acesso em 10 Out. 2006.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (SEED). *Referenciais de Qualidade de EAD para Cursos de Graduação a Distância*. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=62&Itemid=191>> Acesso em 13 jun. 2006.

SEVERINO, JOAQUIM ANTÔNIO. *METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO*. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. F. G. da. *INSERÇÃO SOCIOCULTURAL E CONHECIMENTO NA PRÁXIS DO CURRÍCULO DIALOGICO*. São Paulo, 2002.

SILVEIRA, E; et al. *Tutoria no FGV Online*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SILVEIRA, Elizabeth. *Metodologia de Ensino Superior*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SPOSATI, Aldaíza. *Exclusão social abaixo da linha do Equador*. Artigo. São Paulo: PUC-SP, 1998.

TELEDUC – Ambiente de Ensino a Distância – NIED/UNICAMP. Disponível em: < <http://hera.nied.unicamp.br/teleduc/>>. Acesso em: 21 fev. 2007.

THE POWERFULL BRANDS. "O perfil das marcas mais poderosas do mundo". Disponível em: <http://powerfullbrands.blogspot.com/2007_07_01_archive.html>. Acesso em: 18 dez. 2009.

ULBRICH, Henrique C.; VALLE, James D. *Universidade H4ck3r*. São Paulo: Editora Digerati, 2003.

ZALUAR, Alba; NORONHA, José C. de; ALBUQUERQUE, Ceres. *Violência: pobreza ou fraqueza institucional?*. Cad. Saúde Pública, 1994, vol.10 supl.1, p.213-217. ISSN 0102-311X.

ZAMLUTTI, MARIA ESMERALDA MINEU. *Uma análise do surgimento da educação a distância no contexto sócio-político brasileiro do final da década de 30 e início da década de 40 – Tese de Doutorado*. Campinas-SP: UNICAMP, 2006.

ZATTI, Vicente. *AUTONOMIA E EDUCAÇÃO EM IMMANUEL KANT E PAULO FREIRE*. PORTO ALEGRE, 2007

GLOSSÁRIO

ARPANET

Uma rede experimental criada pela ARPA (Advanced Research Projects Agency). Nela foram testadas as teorias e o software no qual a INTERNET se apóia. Pode-se dizer que é a "ancestral" da INTERNET.

Backbone

Espinha dorsal das grandes redes de comunicação na Internet. Normalmente são conexões de alta-velocidade que interconectam redes regionais.

Banco de Dados

Um conjunto de informações relacionadas entre si, referentes a um mesmo assunto e organizadas de maneira útil, com o propósito de servir de base para que o usuário recupere informações, tire conclusões e tome decisões.

BBS

Bulletin Board System. Usualmente, o termo se refere a um pequeno sistema acessado via linha discada, restrito a um grupo de usuários locais. Este sistema costuma oferecer uma série de serviços, tais como: correio eletrônico, grupos de discussões, "murais de avisos", repositório de software público, etc. Muitos BBS possuem acesso a INTERNET.

Browser

Browser, paginador, ou navegador é um programa utilizado para acessar o serviço WWW.

Cliente

Programa responsável pela solicitação de um serviço (Archie, Gopher, Netfind, etc.). A solicitação é feita a um servidor.

Conexão Direta

Ligaçāo permanente entre dois computadores. Também é conhecida como linha dedicada.

Correio Eletrônico (E-Mail)

Sistema de transmissão de documentos e mensagens entre pessoas através do uso de computadores.

Domínio

Nome que identifica um computador, departamento, ou organização na rede INTERNET.

DNS

Domain Name System. Sistema responsável pela conversão dos endereços no

formato simbólico (exemplo: vortex.ufrrgs.br) para o formato numérico (exemplo: 143.54.1.7), também chamado de endereço IP.

Emulador de Terminal

Programa que permite a um microcomputador se comportar como (se transformar em) um terminal.

Endereço Eletrônico

Nome através do qual a INTERNET identifica o usuário. Exemplo: Brandao@pampa.tche.br.

FTP

File Transfer Protocol. Protocolo utilizado para transferir arquivos entre dois computadores na INTERNET. Também é utilizado para designar o programa que realiza a transferência dos arquivos.

Hipertexto

Documento que contém links (ligações) para outros documentos, o que permite um processo de leitura não seqüencial.

HTML

AlyperText Markup Language. Uma linguagem de formatação de textos utilizada para indicar para o browser como ele deve exibir o texto e os recursos de multimídia associados.

HTTP

HyperText Transfer Protocol. Protocolo utilizado pelo serviço WWW.

Interativo

Processo de comunicação através do qual o usuário recebe resposta imediata a um comando dado ao computador.

INTERNET

É uma rede de redes que se comunicam através do protocolo TCP/IP.

IP (endereço)

Endereço numérico que identifica de forma única um computador na rede INTERNET. Possui o seguinte formato: n1.n2.n3.n4 (Exemplo: 143.54.1.7).

IRC (Messenger, Skype, ICQ, Reunião online, Chat)

INTERNET Relay Chat. Programa que permite a vários usuários "conversarem" em "tempo real".

Largura de Banda

É a capacidade de enviar informação por um determinado canal (um fio de cobre, um radioespectro, ou uma fibra ótica), ou seja, o número de bits por segundo que se pode transmitir através de um canal qualquer.

Linha Dedicada

Ver conexão direta.

Linha Discada

É uma linha telefônica comum. Pode estar sujeita a ruídos e interrupções. Também conhecida como linha comutada.

Local

É como se denomina o computador que solicita um serviço.

Log-in

Procedimento de abertura de sessão de trabalho em um computador. Normalmente, consiste em fornecer para o computador um username e uma senha, que serão verificados se são válidos, ou não.

Modem

Modulador-Demodulador. Dispositivo que permite a comunicação de dados entre computadores através de linhas telefônicas.

Multimídia

A combinação de imagens gráficas, áudio e animação.

NNTP

Network News Transfer Protocol. É o protocolo utilizado pela USENET.

Nó ou Nodo

Dispositivo conectado a uma rede. Normalmente é um computador.

Off-Line

Quando o seu computador não está conectado a outro sistema.

On-Line

Qualquer atividade executada enquanto o seu computador estiver conectado a um outro computador ou rede.

Ping

Um programa utilitário que verifica se você pode se comunicar com outro computador da INTERNET.

POP

Post Office Protocol. Protocolo usado por programas de correio eletrônico para recuperação e envio de mensagens do seu equipamento para um servidor de correspondência.

Porta

Ponto em um computador que serve para receber uma conexão. Normalmente, a cada porta está associado um determinado serviço (FTP, TELNET, etc.).

Protocolo

Conjunto de regras que devem ser obedecidas para que se possa transmitir uma informação de um computador para outro em uma rede de computadores.

Rede

Conjunto de computadores interligados, compartilhando um conjunto de serviços.

Remoto

É como se denomina o computador que fornece um serviço.

Servidor

Um computador que fornece um serviço (Archie, Netfind, etc.) para outro computador na rede.

Sistema Operacional

Programa normalmente fornecido pelo fabricante para o controle e coordenação de todas as operações de um computador.

Site

Sinônimo de localidade, Sítio.

SMTP

Simple Mail Transfer Protocol. É o protocolo utilizado para transferir mensagens de correio eletrônico entre dois computadores.

Software de Domínio Público

Um programa não protegido por copyright, que pode ser utilizado sem que seja necessário fazer alguma forma de pagamento para o seu autor.

TCP/IP

Transmission Control Protocol / Internet Protocol. Conjunto de protocolos utilizado pela INTERNET, a fim de permitir que os computadores se comuniquem.

Upload

É a transferência de um arquivo do seu computador para outro computador.

URL

Uniform Resource Locator. É o sistema de endereçamento utilizado pelo WWW e um padrão de endereçamento proposto para toda a INTERNET.

Username

Nome pelo qual o sistema operacional identifica o usuário.

Webmaster

A pessoa responsável pela administração de um nó WWW.

www

World Wide Web. É um sistema baseado em hipertextos que permite a procura e a utilização dos recursos disponíveis na INTERNET.

FONTE:

http://www.plugweb.com.br/site/mostra_suporte.php?CodCategoria=19&SecaoID=32

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS

- Há quanto tempo é professor no ensino superior?
- Qual sua formação superior?
- Possui alguma formação em tutoria para ambientes virtuais de aprendizagem?
- Qual o grau de habilidade no uso de tecnologias da informação e comunicação? (computador e internet). Fraca, Média, Alta, Muito alta.
- Há quanto tempo é tutor em ambientes virtuais de aprendizagem?
- Quantas disciplinas já ministrou nestes ambientes?
- Está tutorando alguma turma atualmente? Qual a disciplina?
- Já ministrou aulas desta (ou destas) disciplinas presencialmente?
- Fez algum tipo de adaptação no conteúdo da disciplina para o ambiente virtual Teleduc? Qual foi?
- Que tipos de implementações fez no conteúdo da disciplina essencialmente para uso no ambiente virtual de aprendizagem? Por que?
- Quanto tempo se dedica ao ambiente virtual de aprendizagem por semana, para aplicação de atividades aos alunos?
- Em média, quanto tempo passa interagindo no ambiente com os alunos, desde as respostas a dúvidas até correção de trabalhos? (em relação à carga horária planejada e ao número de alunos no ambiente)

- Nas correções de trabalhos retorna ao aluno suas considerações, além da nota de avaliação?
- No ambiente virtual de aprendizagem, no qual tem prática nesta instituição (Teleduc), quais suas maiores dificuldades em relação ao ambiente? Considere as seguintes questões: Acesso, ferramentas de interação, suporte técnico, suporte pedagógico, coordenação do curso.
- Durante o período letivo da disciplina no ambiente, marca algum encontro presencial com os alunos? Por que?
- No final do período letivo, de que forma você avalia se sua gestão no ambiente foi satisfatória?
- Já teve casos de alunos insatisfeitos ou desmotivados a utilizar o ambiente para aprendizagem? Por quais motivos? De que forma contornou (ou não) a situação?
- Na sua opinião, quais as principais vantagens do uso ambiente virtual de aprendizagem em relação à sala de aula presencial?
- Na mesma linha, quais as principais desvantagens do uso ambiente virtual de aprendizagem em relação à sala de aula presencial?

APÊNDICE II

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS Professores-tutores da IES_EAD no Teleduc

Professor Tutor no Teleduc: Entrevistado 3

Data da entrevista: 16-09-2008

Formação superior: Pedagogia. Especialização em Pedagogia Terapêutica, Psicopedagogia, Educação Especial e Mestrado em qualidade e produtividade.

Professora do ensino superior a 14 anos, fez o curso da própria instituição para o uso do Teleduc. Diz que sua habilidade com a tecnologia, no quesito internet e aplicativos é alta.

O entrevistado é professor-tutor a 3 anos na instituição, onde ministrou aulas a distância em 13 disciplinas da graduação e 3 da pós-graduação. Diz que todas foram dadas em formato semipresencial, com apenas 20% com o uso do Teleduc.

Diz que todas as disciplinas que ministra aula a distância já possui experiência em sala de aula presencial e que todas essas aulas tiveram de ser adaptadas. Diz ainda que considerou para essa "readaptação" o formato da leitura, onde, apesar de utilizar o mesmo conteúdo que aplica presencialmente, foi necessário adicionar maiores exemplos. Percebeu que só assim era possível uma correta interpretação e compreensão dos alunos. Ainda, diz que aplica alguns exercícios no final de cada disciplina com o intuito de "forçar" o aluno a ler o conteúdo da matéria. Diz que muitas vezes nesse exercícios percebe quem é o aluno que seguiu corretamente as orientações de leitura e quem é o aluno que apenas "pincela" o conteúdo só para responder as questões.

Quanto ao envolvimento no ambiente, diz que reserva pelo menos duas horas por semana para acompanhar as aulas a distância. Ainda, em uma de suas turmas de 40 alunos aproximadamente (36 horas), reserva pelo menos 3 horas por semana para aplicação de trabalhos, interação com a turma e para correção de pequenos trabalhos. Os trabalhos geralmente são curtos, mas todos eles ela percebe a necessidade de fazer um comentário. Diz ainda que, muitas vezes, quando o comentário é corretivo, não pode esquecer de observar os pontos positivos do aluno.

Quanto ao ambiente, diz não ter muitos problemas com o ambiente, no quesito de suporte técnico, pedagógico e coordenação, mas observa que o designe do Teleduc deixa um pouco a desejar. Ela percebe o ambiente como a sala de aula, ou seja, se a pintura é básica, as cadeiras sem acabamento, entre outros, tem a mesma sensação no Teleduc. Não é a falta de cores, mas o desenho como um todo. Diz ainda que a infraestrutura, por ser limitada (arquivos para serem anexados devem ser pequenos) atrapalha muito quando tenta disponibilizar o material aos alunos. Geralmente tem que refazer o formato dos arquivos para que sirva e diz que isto é trabalhoso. Diz que mesmo tendo consciência do tamanho que o arquivo deve ter, muitas vezes tem que dividi-lo em partes porque não há muito o que reduzir.

Quanto a coordenação do seu curso, diz que geralmente esta só toma conhecimento das suas aulas no Teleduc quando ela mesma informa e diz que não quer interesse em saber do andamento das turmas.

No final das aulas sempre aplica uma avaliação da disciplina, onde os alunos devem considerar as aulas presenciais e as não presenciais, com observações específicas para cada modalidade, críticas, elogios e sugestões.

Diz que uma das maiores dificuldades que teve com os alunos foi o fato dessas aulas, quando aplicadas a distância, nos dias em que o aluno teria presencialmente aulas no primeiro horário ficariam dispensados. A reclamação é quanto a necessidade de ter de ir às aulas no segundo horário. Esclarece que o aluno não tem suas aulas presencialmente no primeiro horário e fica com preguiça de ir às aulas no segundo horário.

Quanto as principais vantagens do uso do ambiente, a professora Maria Letícia percebe que os alunos ficam mais autônomos na leitura e nas pesquisas e que passam a escrever melhor.

Não saberia dizer como seria a disciplina apenas a distância, mas destaca que semipresencialmente é até melhor do que só presencialmente. Diz que os alunos a têm uma vez (presencialmente) a cada duas semanas e o restante do tempo se comunica pelo Teleduc. Antes, quando só presencial, onde os via semanalmente, parecia que tinha menos contato com eles ainda.

Professor Tutor no Teleduc: Entrevistado 4

Data da entrevista: 31/10/2008.

Formação Superior: Administração de Empresas, especialista em Administração da Produção, MBA em controladoria e Mestrado em Engenharia de Produção. Prof. a 10 anos no nível superior.

Fez curso de capacitação de tutores na IES_EAD, através do ambiente virtual de aprendizagem Teleduc. Ajudou no desenvolvimento técnico de um ambiente similar para a Universidade Luterana à quase 8 anos.

O professor utiliza atualmente o ambiente e desenvolve seus próprios meios de interação no Teleduc para ministrar suas aulas a distância. Usa o Teleduc nas suas disciplinas a mais de três anos para três disciplinas de sua área (Administração) num total de 9 turmas. Para tanto, diz o professor que possui habilidade com computadores muito alta, desde o uso de aplicativos corporativos, como processadores de textos, planilhas eletrônicas, apresentação, até sistemas de bancos de dados e diversos sistemas operacionais como: Windows, Linux, entre outros.

Todas as disciplinas que ministrou a distância já possuía experiência das aulas presenciais. O professor destaca que, para que os alunos tenham o mesmo interesse no ambiente a distância que têm no presencial, seus textos disponibilizados para leitura devem ter um conteúdo mais claro e didático, ou seja, com linguagem mais coloquial. Diz o professor que é apenas para trazer o interesse do aluno à leitura, pois conforme o avanço da disciplina este pode disponibilizar textos mais complexos e condizentes com a disciplina ministrada. Observa ainda que, das primeiras vezes que disponibilizava textos mais complexos, muitos dos alunos acabavam se desinteressando, com a impressão de que a disciplina era muito complexa. O professor explica que nas suas aulas presenciais ele tem a possibilidade de elucidar de diversas formas o conteúdo da disciplina, avaliando constantemente a compreensão dos alunos e modificando, quando necessário, a forma com que apresenta o conteúdo aos alunos. No ambiente virtual de aprendizagem, onde o processo de ensino-aprendizagem acontecem em tempos diferentes, isso já não é possível e neste caso, para garantir a compreensão dos alunos, envia textos complementares como apoio. Logo de início, quando percebeu a dificuldade dos alunos, marcava um encontro no próprio ambiente virtual de aprendizagem (Teleduc), para através de chats (reunião online) esclarecer as dúvidas. Ainda, muitas vezes abria fóruns de discussão (blogs) para esclarecer essas dúvidas aos alunos. Esse método disposto no teleduc (fórum), possibilitava discussões acerca da disciplina onde em tempos diferentes o professor esclarecia as dúvidas de um aluno, e estes esclarecimentos ficavam públicos e disponíveis aos demais.

No princípio, quando o professor iniciou suas aulas a distância, por não saber exatamente quanto tempo deveria se dedicar ao ambiente virtual, principalmente para atender as dúvidas de seus alunos, acessava o ambiente pelo menos por quatro horas por semana. Mais tarde diminui esse tempo para duas horas por semana. Vale destacar que na época ele atendia a três turmas com média de 30 alunos cada e com carga horária de 36 horas. Vale destacar ainda que seu tempo de dedicação diminuiu conforme seus materiais para o ensino a distância estivessem prontos, onde a cada nova turma apenas revisava ou adaptava o conteúdo. Conclui o professor que sua dedicação de duas horas no ambiente eram suficientes e até compatíveis com o mesmo tempo disponível presencialmente (1h40 min para cada turma, semanalmente). O professor destaca ainda outras duas horas de dedicação para correção de trabalhos, onde no começo eram muitos e com o passar do tempo passou a ser menor. O professor observa que cada trabalho deveria ser cuidadosamente corrigido e ao final, após atribuir uma nota de avaliação, deveria postar seus comentários acerca do trabalho. Quando está tudo ótimo, parabéns, nota dez, se limitava a um pequeno elogio ao trabalho do aluno. Mas quando se tratava de correções, devia aprofundar mais seus comentários. Era claro que qualquer observação crítica necessitava de uma justificativa plausível para estímulo do aluno.

Das primeiras vezes que ministrou aula a distância percebeu essa necessidade de "assistência" ao aluno devido sua experiência como coordenador de curso na instituição. Se não o fizesse, diz ele que o aluno se sentiria de certa forma "abandonado". Destaca o professor: "- esta era minha forma humana de demonstrar aos alunos que o ambiente era mais do que virtual".

O professor ainda observa que as aulas a distância, desta forma ministrada textualmente, perdia de certa forma ao ensino presencial no quesito "eu explico". Ou seja, no ambiente virtual, qualquer palavra mal compreendida, o tempo para réplica deixava uma certa insegurança no ar. Se a aula é presencial você diz seu texto padrão. Se o aluno não comprehende você muda a forma ou o exemplo. No ensino a distância, se for tomado os devidos cuidados com as palavras que usa, e quantas palavras usa, esse problema se reduz.

Diz que o contato pessoal também é muito importante, apesar da disciplina ser ministrada a distância. Para garantir esse contato, diz que inicia e encerra suas aulas presencialmente, além das provas regimentais obrigatória. Diz que em média organiza de quatro a cinco encontros presenciais dentro de cada disciplina com 36 horas. Portanto, cinco encontros presenciais e treze "encontros" não presenciais, através do ambiente virtual de aprendizagem. Diz ainda que um dos pontos mais importantes nesses encontros é o fato do aluno conhecer pessoalmente o professor.

Quanto as dificuldades de ministrar aulas a distância através do Teleduc, o professor destaca que os maiores problemas são a falta de um suporte técnico, de suporte pedagógico e apoio da coordenação de curso. Justifica que, o suporte técnico é necessário para constantes ajudas por parte do professor e dos alunos quanto ao manuseio e bom funcionamento da ferramenta tecnológica. Diz que não é falho, mas demorado. Outras de necessidade de cadastramento de alunos que poderia ser feito pela própria instituição, mas deve ser feito pelo professor. O apoio pedagógico diz que sente falta de um preparo do ambiente em relação a materiais essenciais, como: agenda de atividades, normas e métodos padronizados, entre outros de competência pedagógica. Da parte da coordenação sente falta de um maior envolvimento e algumas vezes de apoio ao uso da ferramenta. Observa que é necessário que o coordenador aceite o Teleduc antes e até mais que os alunos. Esse comprometimento pode ser um estímulo ao trabalho do professor.

No final do período letivo o professor avalia o desempenho da sua turma através de provas presenciais, da mesma forma que avalia seus alunos presencialmente. Diz ainda que, uma semana antes da prova reúne a turma e avalia o grau de entendimento e dificuldade de cada um.

Sobre a aceitação dos alunos pelo ambiente virtual, o professor diz que nunca teve problemas em relação a críticas ou reclamações de alunos em relação ao ensino a distância. Diz ainda que, quando percebia alguma dificuldade imediatamente contornava a situação, principalmente deixando mais claro ainda aos alunos os objetivos da disciplina. Diz que herdou essa facilidade dos seus dez longos anos de experiência como docente do ensino superior.

Observa ainda que, quando coordenador de curso, recebia diversas reclamações de alunos em relação a aulas ministradas a distância de outros professores. O que mais percebia nestes casos era a falta de comprometimento por parte de professores para com esse método.

Quanto aos grandes benefícios desse método de ensino, o professor destaca a vantagem que o aluno terá no mercado profissional, onde esta metodologia de comunicação, interação e aprendizado técnico é cada vez mais utilizado no mundo corporativo. Ainda, a própria autonomia de estudo que o aluno passa a ter, onde no mesmo mercado de trabalho é uma obrigação sem opção de escolha. O aluno que se ambienta a este tipo de ferramenta desde a faculdade, já tem uma grande vantagem. Também, o benefício do aluno poder administrar seu próprio tempo para o estudo. Embora isso seja uma grande dificuldade, principalmente no início. Mas depois que o aluno se ambienta, passa a ser até mais organizado que antes aos estudos. Geralmente os alunos já entendem como uma forma de organização de estudo o simples fato de comparecer às aulas nos dias e horários corretos. Mais tarde ele percebe que não é suficiente.

Como principal desvantagem o professor vê a falta de contato físico com o professor e com seus próprios colegas. Por isso acha muito importante que o ensino seja a distância, mas com partes presenciais.

Principais vantagens do Teleduc em relação a outros ambientes virtuais de aprendizagem: Facilidade de uso, agilidade entre o uso de ferramentas e necessidade de infraestrutura computacional.

Principais desvantagens: Falta de símbolos ao invés de textos (correio, reunião, materiais,

etc). Falta de ferramentas mais objetivas e com maior grau de relevância. Como exemplo, a ferramenta fórum poderia ter um maior destaque, ou seja, poderia ser a ferramenta principal e as demais apenas de apoio. Sendo o fórum com maior destaque o ambiente virtual de aprendizagem passaria a ser um fórum constante, de discussões e esclarecimento de dúvidas. Portanto, informação clara, constante e explícita a todos os alunos.

Diz o professor que não sente falta de ferramentas como videoconferência ou *voice-ip* (telefone e vídeo pela internet: Skype, MSN, etc), mas destaca que um blog constante (Fórum) é indispensável.

Para finalizar o professor diz que é muito importante que um tutor tenha uma formação sólida como docente e para um professor ser tutor é necessário que ele tenha uma boa relação e vivência com as diversas ferramentas da tecnologia da informação e comunicação. A exemplo disso, pelo próprio Teleduc, o professor que cadastra o acesso do seu aluno ao ambiente por meio de correio eletrônico (e-mail), se não tiver conhecimento ou vivência de que a inscrição do Teleduc pode, algumas vezes, cair na caixa de mensagens de "lixo eletrônico" do aluno, e não souber orientá-lo para isso, já de início o que seria um bom começo, passaria a ser um de muitos outros problemas, sem saber ou entender da solução.

Professor Tutor no Teleduc: Entrevistado 5

Data da entrevista: 18-11-2008

Carreira docente a 20 anos e a nove anos como professor do ensino superior. Atualmente coordenador da CEAD (Coordenadoria de Ensino a Distância) e responsável pelo funcionamento do ensino a distância na IES_EAD.

Formado em Letras (Português-inglês). Pós-graduado em língua portuguesa e literatura brasileira. Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e atualmente Doutorando em Educação pela mesma instituição.

O professor diz que, apesar de ser coordenador do ensino a distância e de ter uma boa experiência com ambientes virtuais de aprendizagem, nunca fez um curso específico sobre o assunto. Mas observa que já trabalhou na construção de muitos ambientes similares (no nível de programação estrutural desses ambientes) em outras instituições de ensino superior. Uma vez concluídos esses ambientes virtuais de aprendizagem via internet e intranet corporativa, treinava professores e funcionários para o uso dos mesmos. Diz que começou nesta área técnica em 1998, no auge do uso da Internet. Diz ainda que seu nível de habilidade com tecnologias de informação e comunicação (TICs) varia entre alta e muito alta.

O professor usa atualmente o ambiente virtual de aprendizagem Teleduc para ministrar suas aulas de pós-graduação, principalmente como sala de apoio ao uso de materiais. Diz não abrir mão da sala de aula presencial porque é docente de carreira e não abre mão do contato físico com os alunos por nada. Diz ainda que nos últimos três anos sua experiência maior com esses ambientes está na supervisão, ou seja, na gestão de professores para o uso do Teleduc. Diz que usa o Teleduc em suas aulas na pós-graduação porque hoje considera como uma ferramenta fundamental, mesmo que de apoio. Diz ainda que, hoje, aulas presenciais e aulas a distância, cada uma tem sua identidade como metodologia, mas que ambas, agora no século XXI, não têm mais opção de seguirem independentes, se pensarmos no futuro da educação. Exemplifica dizendo que aulas presenciais sem ambientes virtuais de aprendizagem, pelo menos como "material de apoio" e aulas a distância em ambientes virtuais de aprendizagem sem aulas presenciais, não terão sentido no futuro.

Atualmente é professor-tutor da disciplina de Metodologia Científica da IES_EAD ministrada a distância. Destaca que já tem experiência nesta disciplina em aulas presenciais e que quase não vê diferença a distância, principalmente porque inicia e termina a disciplina presencialmente. No andamento das aulas diz que a metodologia científica resume-se principalmente a pesquisa e leitura e que o Teleduc se enquadra perfeitamente a esse perfil. Obviamente que a maioria dos problemas de se ministrar aulas a distância são puramente técnicos e que tanto presencialmente quanto a distância a dificuldade do aluno é a mesma, ou seja, ler, compreender e pesquisar. Diz ainda que, por ser quase todo curso por meio textual (via Teleduc - Internet) sua linguagem deve ser mais clara e direta. Clara e direta, quase como se fala

presencialmente, mas obviamente sem perder a qualidade na escrita. A formalidade e erudição devem permanecer.

O professor, pela sua experiência com ambientes virtuais de aprendizagem e pela experiência de outros professores que acompanha, diz que uma das principais dificuldades de se manter o aluno no ambiente é pela necessidade constante de interação. Se você instrui o aluno a usar a ferramenta e não o acompanha (respondendo mensagens, enviando atividades de leitura e de incentivo), este não acessa o ambiente. Diria que ele dará a mesma importância que o professor-tutor dá ao ensino a distância.

Diz ainda que atualmente que seu tempo de dedicação ao Teleduc está dividido entre aplicação de atividade e interação com a turma. Seu menor tempo diz que é a aplicação de atividades, onde leva no máximo uma hora por semana para fazê-lo. O maior tempo ele dedica aos alunos, com esclarecimento de dúvidas e correção das atividades. Não tem exatidão no tempo, mas dependendo do tamanho da turma pode levar de duas a três horas por semana.

Nas correções de trabalhos o professor percebe a necessidade de fazer observações em todos os trabalhos, detalhes que não faz aos trabalhos dos alunos presenciais. Diz que embora não dê tantas explicações do seu critério de avaliação aos alunos presenciais, mas sente que aos alunos a distância, se não o fizer, muitas vezes pode haver desmotivação por parte dos alunos.

Sobre o ambiente, o Teleduc, diz que percebe uma série de "faltas" nas suas ferramentas e no seu design, mas também diz que já se habituou a isso e que sente falta mesmo é de mais ferramentas que auxiliem na interação com a turma, como por exemplo, algum dispositivo que informe que algum aluno esteja conectado no mesmo instante em que ele esteja. Diz que, por ter sua formação presencialmente, ainda acredita que o tempo entre ensino e aprendizagem não precisam ficar sempre distantes, podendo ser, pelo menos algumas vezes, em tempo real.

Sente falta também de maior estrutura do Teleduc, como a capacidade de anexar arquivos mais "pesados", como imagens e até vídeos. Diz que hoje este espaço ainda está limitado a arquivos de dois megabytes no máximo (2.097.152 caracteres). Para textos é aceitável, desde que não sejam compostos com ilustrações.

Outra observação que faz o professor é quanto as disposições das ferramentas tradicionais, como as de anexar arquivos por exemplo. Nas diversas ferramentas do mercado essas ferramentas tem uma disposição (Outlook Express, Microsoft Word, etc) e no Teleduc elas tem outra. Até mesmo para os alunos pode ser cansativo "reaprender" as disposições dessas ferramentas para operar o ambiente. É possível conhecer tudo, mas esse tempo de readaptação pode gerar um certo stress, desnecessário.

Para as desvantagens, o professor, otimista com o ensino a distância, acredita que as desvantagens, dificuldades e problemas que enfrentamos hoje nesta modalidade é por causa da transição do ensino presencial para o ensino a distância. Uma transição não de substituição de uma modalidade para outra, mas uma nova forma de fazer educação. Não é a transição do professor presencial para o ambiente virtual simplesmente, mas também a adaptação do aluno, acostumado desde que entrou na escola, a assistir aulas presenciais. Hoje, as TICs estão presentes em todas as nossas áreas sociais, temos Orkut, temos MSN, Twitter, entre outras ferramentas que fazem parte do nosso dia a dia e que nos "aproxima" quase da mesma forma como presencialmente. Talvez "quase" porque ainda falta o contato, mas esta desvantagem podemos comparar com a vantagem do tempo e da distância quase ínfimos na socialização virtual. Hoje posso dar ou assistir aulas no Brasil, morando em Nova Iorque, sem ter de me deslocar.

Alguns problemas que muitos alunos ainda enfrentam é a dificuldade em administrar seus estudos, tanto no tempo como no método. No tempo em que não tínhamos a tecnologia para apoiar em nossos estudos, como quando tínhamos de ir à biblioteca no ensino médio para fazer pesquisa (livros, encyclopédias, dicionários), nos dias de hoje, como dizem os alunos, basta perguntar ao Sr. Google, que tudo sabe. O que acontece no ensino a distância é que o aluno agora tem que ler mais, e, principalmente, administrar suas horas de estudos, mais do que fazia antes. E se você diz para o aluno que o Sr. Google não sabe de tudo e que o aluno terá de reservar algumas horas do seu tempo para leituras mais aprofundadas, pode ser um problema. Não há naquele instante o professor para explicar, presencialmente, aqueles detalhes que o aluno deveria pesquisar e que o Sr. Google não sabe com maiores e melhores detalhes.

Algumas vezes lembro de alguns alunos que durante minhas aulas faziam perguntas comuns que encontramos facilmente no dicionário, perguntas que eu lembro que fazia a meu pai

quando adolescente.

Acompanhando a tutoria de alguns professores, percebi que a dificuldade não é só dos alunos. Dificuldade em todos os sentidos, como planejar o ambiente e as aulas e manter contato com os alunos pelo Teleduc.

O professor diz que gostaria de citar alguns professores, mas como se tratam de problemas, prefere não mencioná-los. Mas destaca que um dos professores, qualificado como docente como nenhum outro, em que diz que as dificuldades que enfrenta com os alunos nas aulas a distância pelo Teleduc são por conta da sua pouca habilidade com a informática. Mas na realidade, pelo acompanhamento nos últimos meses, a dificuldade do professor não é a falta de habilidade com as TICs, mas sim a falta de planejamento das aulas no ambiente e principalmente o hábito de "frequentar" as aulas a distância. Diz que não é má vontade do professor, apenas um comprometimento maior. Lembra ainda de outro professor que se empenhava tanto no Teleduc que não dava conta do serviço. O professor, talvez por achar necessidade de dignificar o uso do ambiente, postava um trabalho novo a cada semana. Na opinião do professor, diria que isso poderia ser feito uma vez a cada bimestre e durante a semana poderia apenas instruir a leituras e debates. Diz que antes mesmo do professor perceber que não daria conta do recado, avisou que ele não sobrecarregaria aos alunos, apenas a si mesmo. Dito e feito, o professor não até deu conta do recado, mas não conseguiu dar um feedback melhor, de tantos trabalhos que deveria corrigir.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA INSTITUCIONAL DA CEAD-IES_EAD PARA A DISCIPLINA DE METODOLOGIA CIENTÍFICA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

PESQUISA INSTITUCIONAL

METODOLOGIA CIENTÍFICA - SEMIPRESENCIAL

Caro professor, para que possamos aprimorar a modalidade semipresencial na aplicação da disciplina de metodologia científica da IES_EAD, pedimos sua colaboração no preenchimento deste questionário. Sua opinião é mais do que fundamental para evolução do nosso e do vosso trabalho. Desde já agradecemos sua colaboração.
Atenciosamente,

Equipe da CEAD - IES_EAD

- Quantos alunos estão cadastrados na sua disciplina?
 - Mais que 80
 - Entre 60 e 80
 - Entre 40 e 60
 - Entre 20 e 40
 - Menos de 20

- Quais as maiores dificuldades encontradas em administrar suas aulas?
 - Com relação aos alunos
.....
 - Com relação ao sistema
.....
 - Com relação à disciplina
.....

- De que forma você agiu para solucionar cada um desses problemas?
 - Com os alunos
.....
 - Com o sistema
.....
 - Com a disciplina
.....

- Como você classificaria a aceitação dos alunos quanto ao TelEduc no andamento da disciplina de Metodologia Científica?
 () Muito boa
 () Boa
 () Razoável
 () Ruim
 () Muito ruim

- Se sua opção ficou entre ***ruim*** e ***razoável***, cite os argumentos dos alunos acerca dessa desaprovação.

–

.....

.....

.....

.....

- De que forma você avaliou seu aluno no ambiente? Considere como resposta os trabalhos, participação no ambiente e provas regimentais.

–

.....

.....

.....

.....

.....

- Quais as principais vantagens que você avaliou no uso do TelEduc? Justifique.

–

.....

.....

.....

.....

- Qual sua sugestão para melhorias na disciplina com o uso do TelEduc?

–

.....

.....

.....

.....

ANEXO II

ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES-TUTORES À DISCIPLINA DE METODOLOGIA CIENTÍFICA A DISTÂNCIA DA IES_EAD

USO DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM TELEDUC

Prezados colegas,

Seguem algumas instruções acerca da utilização o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Teleduc. Inicialmente, esclarecemos algumas questões quanto às denominações utilizadas no ambiente:

- **Aluno** (dispõe das ferramentas na forma de “Visão do Aluno” no ambiente): Algumas das ferramentas do ambiente estão disponíveis ao aluno apenas para leitura. Exetuam-se as ferramentas do próprio aluno, como: Correio e Portfólio.
Dica: para saber como o aluno tem a visão e permissões das ferramentas no Teleduc (diferentes das do professor), clique em “Visão do Aluno” e navegue pelas ferramentas.
- **Formador**: nome dado ao professor responsável por aquela sala virtual, aquele que instrui no AVA. São nomeados formadores no ambiente o professor da disciplina de Metodologia Científica e o responsável pelo apoio pedagógico designado pela CEAD.
- **Apoio Pedagógico**: os formadores de apoio pedagógico (CEAD – nome do professor) visam exclusivamente o melhor aproveitamento do professor na condução da disciplina. Qualquer aluno que tentar comunicação direta receberá apenas uma resposta automática, orientando-o a procurar o professor. Qualquer dificuldade técnica ou dúvidas quanto ao AVA que o professor tiver no andamento da disciplina, deverá ser comunicada pelo correio interno ou telefone ao responsável pelo apoio pedagógico, que o atenderá o mais rapidamente possível.
Observações: comunique-se com seu formador de apoio pedagógico utilizando o correio interno ou o telefone que ele(a) lhe fornecer. Outra forma de contato com ele(a) e com toda a equipe da CEAD e outros professores da disciplina é utilizar nossa sala virtual de professores, na qual você está inscrito desde a formação específica. Aliás, a sala tem-se provado muito útil.
- **Coordenador no Teleduc**: não disponível para interação, apenas para construção e configuração do ambiente. Este perfil não será preenchido, portanto, caso seja instruído pelo apoio pedagógico para contactar diretamente a Coordenadoria de Ensino a Distância (CEAD), use os telefones diretos (nnnn-nnnn ou nnnn-nnnn) ou então o e-mail ead@xxx.br. Este usuário do AVA não dará resposta a qualquer contato.

PROCEDIMENTOS PARA INÍCIO DO CURSO – GUIA RÁPIDO

Ao ingressar no Teleduc, lembre-se, antes de tudo, de acessar o menu “Configurar > Alterar senha” e trocar sua senha inicial para outra, de que sempre vá se lembrar. Se estiver inscrito em diversas salas, pode até utilizar o mesmo *login* e senha para todas elas, mas terá que fazer a troca uma a uma.

Cadastro de Alunos

Ao checar o ambiente, verifique se todos os alunos estão devidamente cadastrados. Certifique-se também de que não venham a existir alunos não matriculados cadastrados. É terminantemente proibido o cadastro de alunos que não estejam matriculados na disciplina/curso, ainda que como meros visitantes.

Os alunos sempre podem solicitar a inscrição na sala virtual pelo botão “Inscrições”, ao lado do nome da

sala, o que gerará a necessidade de você, professor, checar constantemente os pedidos de inscrição (“Administração > Gerenciamento de Inscrições”) para aceitá-las. Mas é imensamente comum haver problemas de recebimento de senhas pelos alunos nessa situação.

A única forma segura de inscrever alunos na sala é usarmos, nós mesmos, a ferramenta “Administração > Inscrever alunos” e colocarmos o nome completo do aluno (pela lista de chamada ou comprovante de matrícula), **o nosso e-mail** (não o do aluno!!!) e darmos ao aluno um *login* do tipo “nome.sobrenome”. Assim, o usuário e senha serão enviados **para a nossa conta de e-mail** e poderemos entregar em mãos ao aluno, que não terá qualquer desculpa de não ter recebido.

Caso o aluno perca a senha ou esqueça a senha personalizada que veio a escolher, use a ferramenta “Administração > Gerenciamento de Inscrições > Inscrições aceitas” e, pelo botão “Dados”, altere o e-mail do aluno para **o seu e-mail, professor**; depois, utilize “Administração > Enviar senha” e mande senha nova ao aluno – mas lembre-se de que **você** receberá a nova senha em sua conta e precisará entregar ou reenviar a ele.

O perfil

Preencha completamente o seu perfil no ambiente e, nas aulas presenciais e por mensagens por meio do Correio do ambiente, oriente seus alunos a também preencherem os seus. Peça também que anexem suas fotos para identificação visual. O perfil é importante ferramenta de humanização dos ambientes. Pela regulamentação da CEAD, o preenchimento é obrigatório. O aluno que não preencher seu perfil não terá suporte (atendimento a suas questões) no ambiente e será considerado como ausente no curso. Reforce isso com eles. Claro que podemos ter certa dose de bom senso em relação às fotos, que nem todos podem possuir em arquivo digital imediatamente. Mas o preenchimento básico do Perfil não podemos deixar de cobrar de todos.

Primeiros procedimentos na sala virtual

As primeiras ferramentas que devem ser preenchidas pelo professor no início do curso são a AGENDA e a DINÂMICA DO CURSO.

Dinâmica do Curso: nesta ferramenta, o professor deverá somente *anexar* seu plano de ensino. Exemplo: Clique em “Dinâmica do Curso > Incluir Dinâmica do Curso”. Aparecerá uma tela com um editor de textos similar ao Word. **Sem escrever nada**, clique em “Anexar Arquivo” (vide figura 1) e selecione o arquivo que contém seu plano de ensino. Pronto. Apenas clique em “Enviar” e sua dinâmica do curso estará pronta.

Atenção: Para certeza de que o procedimento dará certo, certifique-se de que o nome do seu arquivo contenha apenas letras e números, sem caracteres especiais e sem acentuação, e que seu tamanho não exceda 1,5Mb.

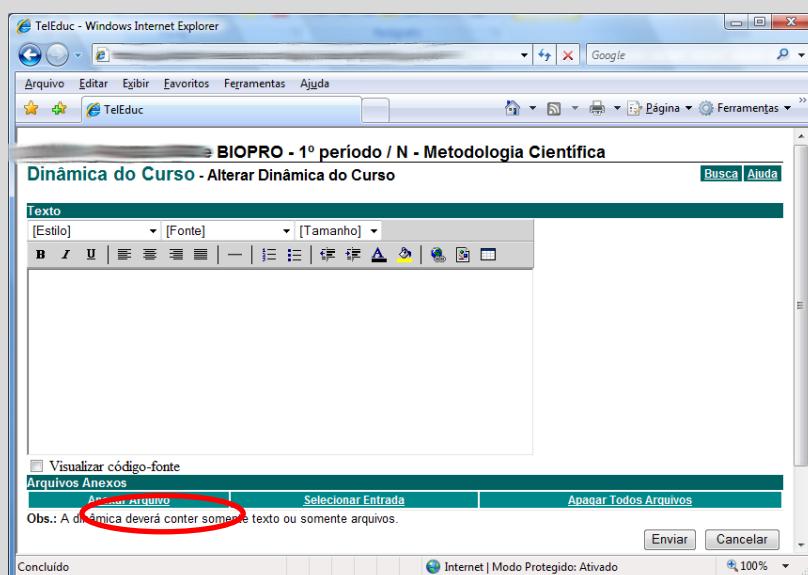


FIGURA 1

Agenda: é umas das principais ferramentas do ambiente, pois orienta professores e alunos durante todo o curso, além de ser a primeira página que é vista quando o aluno ou o professor entram na sala virtual. É pela agenda do curso que se anunciam todas as atividades que farão parte do curso.

Para criar a agenda, existem vários métodos possíveis. Podem ser feitas várias agendas, como uma por semana, uma por mês, por bimestre ou então pelo semestre inteiro. Veja um exemplo na figura 2:

PLANO DE AULA – 1º Bimestre				
Aula (Nº e Data)	Competência	Tema de Estudo/Metodologia	Recursos	Avaliação
01 e 02 25/07/08	Conhecer o professor e sua língua de ensino, quanto a aulas, avaliação e postura em sala de aula.	Explicação sobre relacionamento professor x aluno, no sentido de pontualidade, assiduidade, participação, saídas e entradas em sala, uso da língua de ensino e postura. Conhecer a importância da relação entre o professor e o aluno, o seu impacto no relacionamento com as outras do curso e sua importância para integração do currículo. Entender o significado da ciência económica e relacioná-la com as demandas cívicas sociais. Conhecer o sistema económico e suas escassezes. Conhecer a Economia acerca de sua história desde seus precursores no pensamento até a efetiva análise científica. Entender a sua singularidade, princípios teóricos na história da Economia, como a sua evolução, os seus precursores e os seus principais representantes. Analisar o funcionamento do sistema económico e seus agentes. Conhecer como são classificados os bens e serviços na economia. Analisar o funcionamento do sistema económico e seus agentes.	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dialogada • Discussão 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos e assiduidade
03 e 04 02/08/08	Custo de Oportunidade, Questões Fundamentais, Utilidade e Escassez, Curvas de Possibilidades de Produção.	Analizar os bens e serviços na economia e suas possibilidades de produção, de acordo ao princípio da utilidade. Analisar graficamente as possibilidades de produção. Conhecer as diferenças entre Economia de Mercado, Mista e Planificada.	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro de giz • Exposição dialogada 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos e assiduidade
05 e 06 09/08/08	Demandas e Oferta de mercado.	Analizar as leis que regem o mercado de bens – demanda e oferta. Analisar a demanda de bens e serviços na economia e seu funcionamento quanto à lógica dos preços de mercado (cêndices pérclus para os demais fatores). Analisar a oferta de bens e serviços na economia e seu funcionamento quanto à lógica dos preços de mercado (cêndices pérclus para os demais fatores). Demonstrar graficamente.	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro de giz • Exposição dialogada 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos e assiduidade
07 e 08 16/08/08	Equilíbrio – Demanda e Oferta	Analisar no mesmo tempo a demanda e oferta de mercado de bens e serviços, quanto a sua lógica de preço (cêndices pérclus para os demais fatores). Analisar o ponto de equilíbrio. Analisar a demanda e oferta de bens, acerca do seu ponto de equilíbrio na economia, considerando a lógica de preço. Conhecer as funções que determinam a demanda e oferta de mercado. Determinar matematicamente o equilíbrio de mercado à partir dessas funções, demonstrando graficamente.	TELEDUC - Atividades - Material de Apoio	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos no ambiente de EAD - Teleduc
09 e 10 23/08/08	Deslocamento da Curva de Demanda e Oferta	Analizar a demanda e oferta de mercado de bens e serviços do consumidor, determinando o deslocamento da curva de demanda. Analisar a mudança do mercado ou preferência do consumidor, determinando o deslocamento da curva de oferta. Análise Gráfica.	TELEDUC - Atividades - Material de Apoio - Portfólio	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos no ambiente de EAD - Teleduc
11 e 12 30/08/08	Funções de Demanda e Oferta	Exercitar as funções de demanda e oferta de mercado com problemas e exercícios matemáticos.	TELEDUC - Atividades - Material de Apoio - Portfólio	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos no ambiente de EAD - Teleduc
13 e 14 06/09/08	Demandas e Oferta	Exercícios de Demanda, oferta e Equilíbrio de Mercado	TELEDUC - Atividades - Material de Apoio - Portfólio - Fórum	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos no ambiente de EAD - Teleduc
15 e 16 20/09/08	Revisão Geral	Revisão geral do conteúdo do primeiro bimestre – AULA PRESENCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro de giz • Exposição dialogada 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação dos alunos e assiduidade
17 e 18 27/09/08	Prova 1º Bimestre	Avaliar o aprendizado das aulas anteriores	Prova	<ul style="list-style-type: none"> • Prova individual e sem consulta • Questões discursivas e objetivas

A dica mais importante aqui, entretanto, é a seguinte: caso você opte por fazer agendas semanais ou com outra duração que não um bimestre todo, **nunca crie nova agenda a cada vez**. O procedimento adequado é **editar** a agenda existente (“Agenda > Editar agendas”), pois assim é possível acrescentar uma linha horizontal sobre a agenda atual e escrever a nova informação, com data, acima da informação anterior. Isso evitaria que o aluno perca definitivamente informações que poderiam ser importantes quando uma agenda nova entrar no ar.

Correio Eletrônico: use e abuse do correio eletrônico. **Jamais utilize**, entretanto, a opção de “Enviar cópia para e-mail externo”, pois estamos **evitando** que os alunos fiquem **dependentes** de mensagens externas e, assim, evitem entrar no ambiente. Foi por isso, inclusive, que todos os primeiros registros para senhas foram feitos com o e-mail da CEAD. O Correio do TelEduc é 100% funcional e, quando surgir a mensagem de envio com sucesso, **não há possibilidade de os destinatários não terem recebido**. Se a mensagem não estiver em sua conta, isso só pode se dever ao usuário tê-la apagado, mas nunca por falha de envio de mensagem interna.

No início do curso, é de bom tom enviar uma mensagem para “Todos” dando as boas-vindas aos alunos.

Início do Curso

Agora que sua sala de aula virtual já está aberta e configurada (quando você escolheu quais ferramentas os alunos poderão ver/utilizar em “Administração > Escolher ferramentas do curso”), prepare suas primeiras atividades. Nossa dica é que você possa criar atividades iniciais que “obriguem” o aluno a descobrir como mexer com algumas ferramentas essenciais. Por exemplo:

- *Preencher obrigatoriamente seu perfil.*
- *Producir um pequeno texto que precise ser escrito ou anexado ao portfólio.*
- *Envolver a turma num fórum de discussão sobre um tópico mais ou menos polêmico.*

Atividades

A cada aula não-presencial prevista em seu plano de aula, deverá corresponder uma atividade aos alunos, essencialmente a partir da indicação de uma leitura. Essa leitura pode ser do livro eletrônico de Metodologia Científica, mas não precisa se limitar única e exclusivamente a ele. Podem ser indicadas leituras disponíveis na biblioteca da universidade, bem como materiais confiáveis disponíveis na Internet, indicando sempre o título e o *link* de acesso – em Atividades, usar “Inserir link”. Lembre-se, a aula é de metodologia científica, portanto, o uso das normas para referências é fundamental.

É importante que **toda atividade desenvolvida pelo aluno seja avaliativa** no âmbito de uma disciplina não-presencial. Se não for assim, haverá alunos que simplesmente optarão por não fazer atividade alguma e somente aparecer para as aulas e avaliações. Claro, o valor dessas atividades a distância não devem ser mais do que 40% (quarenta por cento) do peso da nota final.

Quando houver uma atividade com apenas uma ou poucas leituras, não é necessário utilizar as ferramentas “Atividades” e “Leituras”. No mesmo quadro de indicação de “Atividades” você pode passar todas as informações necessárias.

Uma vez criada a atividade da semana aos alunos, lembre-se sempre de enviar uma mensagem alertando-os para tal. O prazo de realização dessas atividades deverá ser de pelo menos uma semana, e as “penalidades” para realização posterior devem ser explicadas aos alunos desde o início – na própria indicação da atividade.

Observação: tão importante quanto a própria atividade é a regularidade dela. Portanto, estabeleça com os alunos o dia da semana em que você colocará as atividades para que os alunos tenham ciência de que, pelo menos a partir daquele dia, haverá novas atividades para a semana. Exemplo: se sua aula está prevista na grade horária às quartas-feiras, então programe-se para postá-las, digamos, todas as terças-feiras. Neste caso, independentemente de haver aula presencial, o aluno saberá que existem novas atividades em andamento. Também combine com eles o período para correção dessas atividades.

Fóruns de Discussão

O Fórum é uma das ferramentas mais importantes de interação da disciplina. Sempre que puder, crie uma discussão e avalie a participação do aluno.

Acessos e Intermap

Estas duas ferramentas são auxiliares do professor dentro do ambiente. Semanalmente, não se esqueça de acessá-las para verificar a participação dos alunos no curso. Sempre que perceber a ausência do aluno no ambiente, envie uma mensagem alertando-o. Se o aluno ainda assim não responder, envie uma mensagem via correio eletrônico externo (seu e-mail da universidade) ao aluno, com cópia para a coordenação do seu curso, chamando-o para o ambiente virtual, ou utilize qualquer outra forma de comunicação que preferir para alertá-lo da importância de estar presente e freqüentando o ambiente. O aluno que se sente “abandonado” tende a desistir das atividades muito rapidamente, por isso é importante nos mostrarmos interessados nele.

Enfim, para o início do curso estes procedimentos são essenciais. Sempre que tiver dúvidas de como proceder, recorra a este guia. Em caso de dúvidas, ou dificuldades técnicas, lembre-se de contactar seu colega da CEAD para apoio pedagógico; por e-mail, e-mail externo ou, se necessário, através do telefone.

PROFESSOR RESPONSÁVEL PELO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM DA IES_EAD

Para dinamizar um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), é necessário que o professor seja pró-ativo e reativo. Isto significa que não basta apenas dominar o conteúdo, mas também que o professor consiga, pela linguagem textual, manter os alunos interessados em participar.

Sabemos que a participação do aluno e a responsabilidade de cumprir com suas tarefas parte principalmente do próprio discente, mas um ambiente virtual de aprendizagem pode ser uma grande novidade para o aluno, assim como o é para alguns dos professores. Se não estivermos atentos, poderá não ser uma boa experiência para ambos.

Por isso, indicamos alguns procedimentos do professor responsável por um AVA abordando alguns problemas conhecidos, podendo assim antecipá-los e, se ocorrerem, podermos indicar uma solução simples e prática.

Vejamos alguns problemas comuns dos alunos:

- *O aluno não reconhece oficialmente o ambiente virtual e por isso não se sente na obrigação de participar.*

Neste caso, o aluno não pode se equivocar por conceitos ou preconceitos próprios. É necessário que o aluno comprehenda que o ambiente depende também da participação dele para obtermos melhores resultados. É preciso que o aluno perceba também no professor a credibilidade do ambiente e se conscientize que a sua falta de participação prejudica principalmente a ele mesmo. O professor precisa acreditar na metodologia para que o aluno a valorize. Pense nisso!

- *O aluno, por não estar acostumado ou talvez por não ter habilidades com certas ferramentas tecnológicas, mantém-se afastado do ambiente, acessando-o poucas vezes, não participando de discussões etc.*

Quando isso ocorrer, é necessário que o professor tome a iniciativa de lembrar ao aluno suas responsabilidades. O aluno ausente por mais de uma semana pode ser um grande problema. Neste caso, cabe ao professor avaliar e perceber sua ausência (veja a ferramenta “Acessos” no TelEduc) e tomar providências contactando o aluno. Caso o aluno ignore os chamados, pelo menos o professor fez a sua parte e tem como provar isso documentalmente, caso seja preciso.

- *Uso de linguagem não-apropriada para o meio acadêmico.*

O “internetês”, como é conhecido na Internet, pode ser um hábito prático do aluno que participa de *blogs*, ou então que envia mensagens constantes pelo celular. É importante que o aluno perceba que o AVA na Universidade não é uma ferramenta de descontração, mas de estudo. Por isso, é preciso que o professor alerte-o constantemente para a grafia e a gramática padrão em todos e quaisquer comentários. Obviamente que para quase todas as regras existem exceções. No próprio TelEduc existem espaços que podem ser utilizados com linguagem menos formal, como o “Mural de Recados”, ou até mesmo fóruns e bate-papos descontraídos.

- *Notas, respostas e interação.*

O aluno virtual não é diferente do aluno presencial. Porém, diria que o primeiro é, de certa forma, mais “carente”. Todas aquelas cobranças de lançamento de notas, respostas e comentários a exercícios que o aluno faz no ensino presencial, no ensino à distância ele valoriza isso três vezes, ou até mais. Por isso, é mais do que importante que o professor responda as questões e corrija as atividades, sempre dentro dos prazos combinados e dando um feedback aos alunos o mais pontual e rapidamente possível. Caso isso não ocorra, a frustração e o desinteresse do aluno serão imediatamente perceptíveis e atrapalharão todo o processo.

- *A comunicação no ambiente virtual, por ser quase exclusivamente textual, requer uma carga de trabalho e dedicação maiores do professor.*

Isto não é uma realidade absoluta. O trabalho que o professor tem no ambiente virtual de aprendizagem, principalmente quando a disciplina é novidade para ele, difere somente pela quantidade de comunicação escrita que precisa realizar com seus alunos. O tempo de experiência nos traz algumas “manhas” que potencializam muito nosso tempo de trabalho; por exemplo: ler todas as perguntas dos alunos antes de respondê-las para agrupar as dúvidas semelhantes numa única resposta; responder a dúvida de um único aluno com cópia para todos os outros, antecipando repetições posteriores; solicitar diversas tarefas menores ao invés de uma ou duas de muito fôlego para correção; subdividir os objetivos de aprendizagem em pequenas atividades semanais; pedir atividades em grupo etc.

Depois de um tempo de experiência e da criação de materiais “reaproveitáveis” para a disciplina em outras salas virtuais, o professor terá inclusive mais tempo para se dedicar àqueles detalhes realmente importantes do processo, inclusive para as pequenas individualizações de atenção que se fizerem necessárias.

Por fim, seguem alguns lembretes muito importantes para facilitar nosso trabalho:

- Planejar sua carga de trabalho para 2 horas/aula por semana e acessar o ambiente nestas condições. Com este tempo é possível criar novas atividades, responder a questões dos alunos etc. Lembre-se de que o trabalho de planejamento e correção de atividades, no presencial, também pode exceder às duas horas. O desafio é ficarmos o mais próximo possível da realidade do presencial.
- Acesse o ambiente pelo menos duas ou três vezes por semana. Divida estes acessos e regularize-os, como por exemplo: minha aula é na terça-feira; portanto, segunda coloco novas discussões ou atividades. Nas quartas e sextas-feiras acesso para ver se os alunos têm alguma dúvida analisar/valorar a participação dos alunos.
- Seja o mais atencioso possível. Não deixe de responder questões dos alunos por prazo superior ao combinado com a turma. Se isso precisar ocorrer, avise todos pelo Correio do TelEduc.
- Preste atenção aos alunos que se ausentam por mais de 3 ou 4 dias do ambiente e não deixe de buscá-los, especialmente se permanecerem sem qualquer acesso por mais de uma semana.

Caro colega, estes são alguns procedimentos que farão com que suas aulas no ambiente virtual de aprendizagem sejam potencializadas. Temos certeza de que, em seguindo esses conselhos, adaptando-os conforme for necessário a disciplina à distância será mais uma conquista profissional para você, com menos dificuldades e grande sucesso.

Um grande abraço, sucesso e estamos a postos!

Equipe CEAD IES_EAD

Não há limites para o ensino.

Não há distância para o aprendizado.

Não há barreiras para a evolução.

CEAD-IES_EAD:

Promoção Humana, à distância.

